

CASAS CULTURAIS FEMINISTAS: DA EXPERIÊNCIA A REFLEXÃO CRÍTICA

Cássia Camila Cavalheiro Fernandes
Orientadora: Gabriela Kremer Motta



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Mestrado em Artes Visuais



Dissertação

**CASAS CULTURAIS FEMINISTAS:
DA EXPERIÊNCIA À REFLEXÃO CRÍTICA**

Cássia Camila Cavalheiro Fernandes

Pelotas, 2022

CÁSSIA CAMILA CAVALHEIRO FERNANDES

**CASAS CULTURAIS FEMINISTAS:
DA EXPERIÊNCIA À REFLEXÃO CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais

Orientadora: Gabriela Kremer Motta

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F364c Fernandes, Cássia Camila Cavalheiro

Casas culturais feministas : da experiência a reflexão crítica / Cássia Camila Cavalheiro Fernandes ; Gabriela Kremer Motta, orientadora. — Pelotas, 2022.

155 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Casas culturais feministas. 2. Feminismo. 3. América Latina. 4. Espaço cultural independente. 5. Arte contemporânea. I. Motta, Gabriela Kremer, orient. II. Título.

CDD : 305.42

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Casas Culturais Feministas: da experiência à reflexão crítica.

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes.

Data da defesa: 07/07/2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gabriela Kremer Motta (Orientadora), Doutora em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo.

Profa. Dra. Rosângela Fachel, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Dra. Helene Sacco, Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Kern, Pós-Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pelotas, 2022

**Dedico esse trabalho a todas as mulheres
à nossa história e à todas Casas Culturais Feministas
que existem, existiram e virão a existir.**

***Nosotras colocamos la iniciativa,
Nosotras definimos e intuimos
el grado de provocación,
Nosotras escogemos nuestras palabras,
Nosotras elegimos los temas,
Nosotras elegimos los escenarios y las horas
según nuestro calendario de amor y
nuestro calendario de lucha.
(MUJERES CREANDO, 2005, p.21)***

Resumo

Através da minha experiência enquanto gestora da *Casa Cultural Las Vulvas*, fundada em 2016 em Pelotas - RS, apresento nesta pesquisa casas culturais feministas na América Latina. Foram mapeados neste trabalho 60 espaços em países como: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, e Uruguai. A partir desse mapeamento, de um formulário de perguntas destinado à gestoras de algumas casas culturais feministas, e do livro *La Virgen de Los Deseos*, publicado em 2005 pelo coletivo feminista boliviano *Mujeres Creando*, busco explicar como esses espaços se organizam. Além de aprofundar o entendimento sobre as Casas Culturais Feministas mapeadas situo o objeto da pesquisa em dois espaços: 1) a casa, a partir de uma ótica de gênero e sexualidade fundamentada nas referências: *Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul*, publicado em 2012 pela Antonádia Borges; *As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória*, publicado em 2017 pela Daniela Palma; *Casa: uma poética da terceira pele*, publicado em 2010 pela Máira Felipe; 2) e a América Latina, refletindo sobre este território a partir do pensamento feminista decolonial trazendo como referências principais: *Colonialidade e Gênero*, publicado em 2008, por Maria Lugones; *Fazendo uma genealogia da experiência: o método como rumo à uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina*, publicado em 2019, pela Yuderskys Espinosa Miñoso; *Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental*, publicado em 1995, por Julieta Paredes Carvaja; *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización*, publicado em 2013 pela Maria Galindo.

Palavras Chaves: Casas Culturais Feministas; Feminismo; América Latina; Espaço Cultural Independente; Arte contemporânea.

Resumen

Mediante mi experiencia como gestora de la Casa Cultural Las Vulvas, fundada en 2016 en Pelotas - RS, presento en esta investigación las casas culturales feministas en América Latina. En este trabajo se mapearon 60 espacios en países como: Argentina, Brasil, Bolivia, Chile, Colombia, Ecuador, México, Paraguay, Perú y Uruguay. A partir de este mapeo, un formulario de preguntas destinado a gestoras de algunas casas culturales feministas, y del libro *La Virgen de los Deseos*, publicado en 2005 por el colectivo feminista boliviano *Mujeres Creando*, busco explicar cómo se organizan estos espacios. Además de profundizar en la comprensión de las casas culturales feministas mapeadas, ubico el objeto de investigación en dos espacios: 1) la casa, desde una perspectiva de género y sexualidad a partir de referentes: *Las mujeres y sus casas: reflexiones etnográficas desde Brasil y desde Sudáfrica*, publicado en 2012 por Antonádia Borges; *Las casas de Carolina: espacios femeninos de resistencia, escritura y memoria*, publicado en 2017 por Daniela Palma; *House: una poética de la tercera piel*, publicado en 2010 por Maíra Felipe; 2) y América Latina, reflexionando sobre este territorio a partir del pensamiento feminista decolonial, trayendo como referentes principales: *Colonialidad y Género*, publicado en 2008, por María Lugones; *Haciendo una genealogía de la experiencia: el método como hacia una crítica a la colonialidad de la razón feminista desde la experiencia histórica en América Latina*, publicado en 2019, por Yuderskys Espinosa Miñoso; *Una ruptura epistemológica con el feminismo occidental*, publicado en 1995, por Julieta Paredes Carvaja; y *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar*: teoría y propuesta de despatriarcalización, publicado en 2013 por Maria Galindo.

Palavras clave: Casas Culturales Feministas; Feminismo Decolonial; América Latina; Espacio cultural independiente; Arte contemporánea.

Lista de Figuras

Figura 1: Fachada da Casa Cultural Las Vulvas	13
Figura 2: Matéria no Diário Popular (jornal de Pelotas) sobre o ArtCidade Criativa	14
Figura 3: Matéria no Diário Popular sobre a Casa Cultural Las Vulvas	15
Figura 4: <i>Casa é corpo</i> , da artista Lygia Clark, 1968.	24
Figura 05: <i>Womanhouse</i> , EUA, 1972.	43
Figura 06: <i>The Woman's Building</i> , Los Angeles, Califórnia, 1973.	44
Figura 07: <i>Guerrilla Girls</i> , São Paulo, 2017.	45
Figura 08: <i>Guerrilla Girls</i> , São Paulo, 2017	45
Figura 9: Fachada da Casa Virgen de Los Deseos, Bolívia.	53
Figura 10: Protesto do grupo Mujeres Creando em frente à catedral Santa Cruz, Bolívia, 8 de maio de 2014.	55
Figura 11: Evento promovido pela YUKASA e outras iniciativas, 2021.	63
Figura 12: Evento produzido pela casa El Nidx, 2020.	64
Figura 13: Slam Poesia, 1 edição, 2017.	65
Figura 14: Encontro das Bruxas, 6 edição, 2107.	66
Figura 14: Exposição de arte Corpura, da artista Pricilla Lampazzi, 2017	67
Figura 16: Rap Plus Size na Casa Cultural Las Vulvas, 2019.	67
Figura 17: Roda de conversa na <i>Casa Cultural Las Vulvas</i> , 2019.	68
Figura 18: Parada da Diversidade Pelotas, 2019.	69
Figura 19: Pandemia Cultural, último evento promovido pela Gran Sur Casa Cultural, julho de 2020.	78
Figura 20: Pixo do grupo <i>Mujeres Creando</i> .	95
Figura 21: Pixo do grupo <i>Mujeres Creando</i> .	96
Figura 22: Maria Galindo/ <i>Mujeres Creando</i> , Ave María, Ilena eres de Rebeldía, 2010. Instalação no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía. Foto: MNCARS, Madri.	97
Figura 23: Maria Galindo/ <i>Mujeres Creando</i> , Espaço para Abortar, 2010. Marcha no parque Ibirapuera, São Paulo, 2014.	98
Figura 24: Maria Galindo/ <i>Mujeres Creando</i> , Espaço para Abortar, 2010. Instalação na Bienal das Artes, São Paulo, 2014.	99
Figura 10: Marcha de las mujeres por justicia, Bolívia 8 de maio de 2022.	100

Sumário

Introdução - Apresentação	13
Capítulo 1	22
Um teto todo nosso	22
1.1 Casa e Corpo	23
1.2 Casa, um espaço privado	27
1.3 Da Casa para a Rua	30
1.4 Casas, entre o público e o privado	36
1.5 Produção cultural e espaços para arte feminista	40
Capítulo 2	47
CASAS CULTURAIS FEMINISTAS NA AMÉRICA LATINA	47
2.2 O que são casas culturais feministas?	49
2.3 Fundação das casas	53
2.4 O imóvel	58
2.5 Especificidade de cada casa	59
2.6 Objetivos e ações realizadas	60
2.7 Sustentabilidade dos Espaços	69
2.8 Existência efêmera e principais dificuldades	70
2.9 A Conexão entre Casas Culturais Feministas da América Latina: formando uma rede	80
2.9.1 O Zine Casas Culturais Feministas da América Latina	83
Capítulo 3	84
“A América Latina será toda Feminista”	84
3.1 O Feminismo na América Latina	85
3.2 Feminismo Decolonial	86
3.3 Despatriarcalização: um projeto cultural	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	103
ANEXO I	109
MAPEAMENTO ATUALIZADO DE CASAS CULTURAIS FEMINISTAS NA AMÉRICA LATINA	109

ANEXO II	126
PERGUNTAS E RESPOSTAS DO FORMULÁRIO:	126
ANEXO III	144
ZINE	144

Introdução - Apresentação

Pensei em diversas possibilidades de iniciar esta dissertação, e entre elas a que mais fez sentido para mim foi transformar esta narrativa em um convite para conhecer um pouco sobre o lugar onde eu habito, trabalho, crio, penso, o lugar de onde parte minha motivação pelo objeto desta pesquisa, pelas Casas Culturais Feministas na América Latina. Quero te convidar para visitar estas páginas, ser sua anfitriã nesta leitura e te apresentar a minha casa e algumas outras, que além de abrigo do corpo, também são lugares de trabalho e subsistência, de acolhimento e proteção, de promoção cultural e artística feminista.

Meu nome é Cássia, tenho 33 anos, sou uma mulher lésbica, cis, branca, nasci em Bagé no interior do Rio Grande do Sul e moro na *Casa Cultural Las Vulvas* com minha noiva Ana Claudia Godois, de 27 anos, uma mulher bissexual, cis, branca, nascida em Taquaraçu do Sul.

A *Casa Cultural Las Vulvas* é um espaço cultural independente focado no protagonismo de mulheres e LGBTQIA+. Fica localizada em um imóvel alugado no centro de Pelotas, no Rio Grande do Sul e nele promovemos atividades artísticas e culturais como: rodas de conversa, apresentações musicais, encontros, oficinas, exposições de arte, etc.



Figura 1: Fachada da Casa Cultural Las Vulvas

Fundamos oficialmente a Casa Cultural Las Vulvas em julho de 2016, mas a história dela começou um pouco antes, quando eu e a Ana passamos a morar juntas na casa onde eu já morava e trabalhava com produção cultural, a *Casa ArtCidade Criativa*, que fundei com colegas de faculdade, em 2014 em Pelotas, como um espaço cultural independente. No *ArtCidade Criativa* promovíamos os mesmos tipos de atividades que a *Casa Las Vulvas*, mas com o objetivo de visibilizar e oferecer espaço para artistas independentes sem nos atentarmos para as questões de raça, sexualidade e gênero.



Figura 2: Matéria no Diário Popular (jornal de Pelotas) sobre o ArtCidade Criativa

No contexto pessoal, quando a Ana passou a morar comigo na *Casa ArtCidade* e assumimos publicamente um relacionamento lésbico passamos a sofrer com alguns conflitos e dificuldades no trabalho com a casa que até então era frequentada majoritariamente por homens, cis, heterossexuais. No contexto político, vivenciávamos no Brasil a primavera feminista¹ que nos provocava a pensar e agir diante das desigualdades sociais nos diversos contextos de vida.

¹ARRUZA, Cinzia Arruzza; BHATTACHARYA, Tithi Bhattacharya; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**. São Paulo: Boitempo, 2019.

Começamos a entender na prática que o machismo, a lgbtfobia, o racismo e tantos outros preconceitos também eram vivenciados em um campo que achávamos que seria mais aberto à diversidade, o campo da arte e cultura independente. A partir do momento em que o preconceito se revelou dentro do espaço onde trabalhávamos e morávamos, decidimos produzir ações e abrir nossa casa para o protagonismo de artistas mulheres e LGBTQIA+ e que incluiríamos em nosso trabalho pautas como antirracismo e anticapitalismo.

Ainda como *Casa ArtCidade Criativa*, passamos a produzir eventos feministas e LGBTQIA+. Imediatamente o espaço sofreu um esvaziamento de público, o que nos fez pensar que queríamos trabalhar com um público aberto à diversidade e que portanto deveríamos tirar a *Casa ArtCidade Criativa* “do armário” e assumir a sua verdadeira identidade. Escolhemos como nome *Casa Cultural Las Vulvas*, e o espaço assumiu uma identidade que reflete não apenas o que eu e a Ana somos e acreditamos individualmente, mas também o que acreditamos e queremos construir juntas. A *Casa Cultural Las Vulvas* saiu do armário sem que tivéssemos nenhuma referência de espaços culturais feministas e LGBTQIA+, saiu do armário sem que conhecêssemos as diversas teorias feministas, saiu do armário apenas com nossas vivências enquanto mulheres LGBTQIA+ na bagagem.



Figura 3: Matéria no Diário Popular (jornal de Pelotas) sobre a Casa Cultural Las Vulvas

Logo que anunciada no jornal local a mudança da identidade da nossa casa, já recebemos as primeiras ofensas nas redes sociais. Mesmo com o público reduzido nas

nossas atividades, com muitas manifestações de preconceito, com dificuldades financeiras e de realizar parcerias, seguimos produzindo ações e projetos. Na medida em que a casa ia atraindo artistas mulheres, LGBTQIA+ e um público diverso, íamos alcançando o objetivo da casa que era principalmente abrir as portas para quem tinha nenhuma ou poucas oportunidades de apresentar e realizar seu trabalho. Enquanto íamos nos deparando com as dificuldades, íamos procurando formas de manter o espaço em funcionamento.

Como nossas referências até então eram de espaços culturais independentes, tentamos adotar várias estratégias análogas a estes espaços, mas poucas davam resultado, pois os maiores obstáculos que apareciam diante de nós eram frutos do preconceito.

Foi então que percebemos que, apesar da *Casa Cultural Las Vulvas* ser um espaço cultural independente, os demais espaços culturais independentes que conhecíamos não eram exatamente feministas e LGBTQIA+ e que estávamos procurando estratégias em lugares que não correspondiam à nossa especificidade. O que precisávamos saber era o que outros espaços culturais feministas E LGBTQIA+, como a *Casa Las Vulvas*, faziam para existirem e resistirem, mesmo sem saber se estes espaços de fato existiam.

Achei que uma simples busca na internet me levaria a encontrar facilmente outras Casas Culturais Feministas no Brasil e algum estudo ou pesquisa sobre o tema. Após muita busca, encontrei a *Casa Frida* localizada no Distrito Federal. Como estava difícil encontrar outros espaços, ampliei minha busca por toda a região da América Latina e encontrei a *Casa Virgen de Los Deseos* localizada na Bolívia. A *Casa Frida* havia aberto um ano antes que a *Casa Cultural Las Vulvas*, já a *Casa Virgen de Los Deseos* era um espaço mais antigo, fundado nos anos 90. A única referência bibliográfica que encontrei naquele momento foi o livro intitulado *Virgen de Los Deseos* publicado em 2005 pelo grupo *Mujeres Creando*, fundado pela artista anarcofeminista Maria Galindo. O livro aborda, entre outros temas, vários aspectos da *Casa Virgen de Los Deseos* através de uma narrativa que se declara como uma estratégia para registrar a história do grupo.

Passei a acompanhar estas casas pelas redes sociais e surgiu em mim o desejo de conhecê-las pessoalmente um dia. Apesar da distância que nos separa, visitar online o trabalho realizado nestes espaços inspirou muitas vezes nossas produções e nos motivou a resistir às dificuldades. Conhecer e acompanhar estes espaços me

despertou o interesse por descobrir mais sobre outras casas culturais feministas. Se a *Casa Cultural Las Vulvas* existia e encontrei mais duas casas como ela, então seria possível, mesmo que difícil, identificar outros espaços culturais feministas que provavelmente existiam. E ao identificar esses espaços, futuramente eu poderia: entrar em contato com eles; verificar se, além das ações realizadas, estes espaços se consideram casas culturais feministas; saber se assim como nós eles também tinham pouca ou nenhuma referência de espaços culturais independentes feministas; divulgar entre as casas e o público em geral os espaços mapeados; incentivar a formação de uma rede de intercâmbio entre os espaços; reunir dados para pesquisas futuras; etc.

Frente a frente com a nossa falta de conhecimento sobre estes espaços - o que refletia também na nossa relação com nossa própria casa, e com as dificuldades que iam aparecendo no dia a dia e que colocavam em xeque a existência da casa, decidi por formalizar a minha pesquisa destes espaços durante minha formação no curso de Especialização em Artes na Universidade Federal de Pelotas.

Em agosto de 2017, após um ano de existência da *Casa Cultural Las Vulvas*, iniciei o trabalho de mapeamento de Casas Culturais Feministas (ANEXO I) que resultou na monografia intitulada *Casas Culturais Feministas na América Latina: lugares de subjetividades emergentes no espaço urbano*, onde identifiquei 45 espaços culturais independentes e feministas em funcionamento nos seguintes países: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, México, Paraguai e Peru. Nesta monografia dediquei também um capítulo para falar sobre a *Casa Cultural Las Vulvas* e outro capítulo sobre a *Casa Virgen de Los Deseos*.

Durante a pesquisa constatei que, por motivos fundamentados pela historiadora Michele Perrot (2016) ao tratar sobre a *Minha História das Mulheres*, apesar de alguns desses espaços estarem alcançando algum destaque e possuírem certo reconhecimento, as referências sobre espaços independentes feministas eram escassas.

Não foi possível responder na minha pesquisa quando começam a surgir espaços culturais independentes feministas na América Latina devido à dificuldade de encontrar fontes a respeito, mas assim como diversas pautas do feminismo, podemos deduzir que o surgimento de espaços culturais e artísticos pensados por e para mulheres não é um fenômeno relativamente recente na história da sociedade. Através de referências teóricas feministas como Perrot (2016), podemos trabalhar com a hipótese de que a existência de iniciativas como a *Casa Cultural Las Vulvas* são

respostas à exclusão de mulheres do fazer cultural e artístico e ao difícil e restrito acesso à espaços para a promoção de artistas mulheres e de artes feministas, que repercutem até hoje.

Como a minha pesquisa partiu de duas motivações: conhecer estes espaços para aprender e trocar com eles com a finalidade de encontrar estratégias para enfrentar as dificuldades na gestão da *Casa Cultural Las Vulvas*; e divulgar o mapeamento e as informações levantadas para que outros espaços e público em geral tivessem acesso e também pudessem conhecer e realizar trocas com outras casas culturais feministas; optei por inserir no mapeamento apenas os espaços que estavam em funcionamento durante minha pesquisa.

O mapeamento foi feito através de: pesquisa nas redes sociais e em sites de busca; de perguntas a artistas que passavam pela *Casa Cultural Las Vulvas* sobre se conheciam outros espaços como este; e da criação e compartilhamento de um formulário online que foi divulgado nas redes sociais da *Casa Cultural Las Vulvas* e em diversos grupos do facebook relacionados a espaços culturais independentes e feminismo; e através de trocas de mensagens nas redes sociais com as casas culturais feministas que iam sendo mapeadas.

Quando iniciei o mapeamento de Casas Culturais Feministas da América Latina não esperava encontrar espaços com características e ações tão semelhantes à *Casa Cultural Las Vulvas*. O mapeamento me fez perceber que o meu trabalho de gestão da *Casa Cultural Las Vulvas* fazia parte de uma comunidade de fazedoras culturais e feministas que atendiam a demanda por espaços culturais para a visibilidade de artistas e agentes culturais mulheres, negros, LGBTQIA+ e dissidentes de gênero.

Considero o mapeamento feito a fase inicial da minha pesquisa sobre Casas Culturais Feministas. A pesquisa de mapeamento possibilitou, além da identificação e localização de 45 Casas Culturais Feministas na América Latina, acesso a informações básicas sobre estes espaços como: modo de gestão, data de fundação, localização, contato, e ações realizadas.

Partindo do mapeamento realizado e dos dados já levantados, pude dar continuidade à minha pesquisa sobre Casas Culturais Feministas na América Latina no curso de Mestrado em Artes Visuais da Ufpel, de modo a alcançar o que me motivou a iniciá-la, ou seja: identificar lugares semelhantes à *Casa Cultural Las Vulvas* para conhecer as formas de atuação, gestão e sustentabilidade; a possibilidade de

intercâmbios e ações conjuntas; construir e compartilhar um registro da existência destes espaços; e divulgar a existência das casas, principalmente entre as próprias casas. Para isso, tracei alguns passos como objetivos para o decorrer desta pesquisa: atualização do mapeamento, inserindo espaços abertos em 2019, somando 60 casas culturais feministas; contato, através das redes sociais, com as Casas Culturais Feministas da América Latina mapeadas para informá-las sobre o mapeamento e compartilhá-lo; criação de um grupo ou rede para contato e trocas coletivas com as Casas Culturais Feministas mapeadas; elaboração coletiva de um Zine Digital para compartilhar o mapeamento das Casas Culturais Feministas da América Latina. Falarei sobre a realização destes objetivos no segundo capítulo desta dissertação.

Nesta dissertação, além de aprofundar o entendimento sobre as Casas Culturais Feministas mapeadas situo o objeto da pesquisa em dois espaços: 1) a **casa**, a partir de uma ótica de gênero e sexualidade fundamentada nas referências: *Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul*, publicado em 2012 pela **Antonádia Borges**, professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas; *As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória*, publicado em 2017 pela **Daniela Palma**, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília; *Casa: uma poética da terceira pele*, publicado em 2010 pela **Maíra Felipe**, doutora e arquiteta; 2) e a **América Latina**, refletindo sobre este território a partir do pensamento feminista decolonial trazendo como referências principais: *Colonialidade e Gênero*, publicado em 2008, por **Maria Lugones**, socióloga e feminista ativista argentina; *Fazendo uma genealogia da experiência: o método como rumo à uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina*, publicado em 2019, pela **Yuderkys Espinosa Miñoso**, filósofa e educadora afro-caribenha; *Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental*, publicado em 1995, por **Julieta Paredes Carvaja**, escritora e artista boliviana; *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización*, publicado em 2013 pela **Maria Galindo**, artista e anarcofeminista boliviana. Para entender a lógica dos espaços culturais independentes utilizo três referências principais: o livro *Espaos Independentes*, publicado em 2010 pela **Thais Rivitti**, artista, curadora e mestre em História, Crítica e Teoria da Arte pela Universidade de São Paulo; *Táticas de Artistas na América Latina*, publicado em 2012 pela **Cláudia Paim**, artista e doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e a pesquisa intitulada *Espaos*

autônomos de arte contemporânea, publicada em 2013 pela **Kamilla Nunes**, curadora independente e crítica de arte, mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação do CeartUdesc.

Especificamente sobre Casas Culturais Feministas, trago como referência principal **Maria Galindo**, artista boliviana, anarcofeminista e fundadora das Casas Culturais Feministas *Casa Virgen de Los Deseos* e da *Casa Los Deseos de La Virgen*, ambas na Bolívia. Em 2005 Maria Galindo, através de seu coletivo de mulheres chamado *Mujeres Creando* publicou o livro intitulado *Virgen de Los Deseos*, onde aborda os espaços criados por elas não apenas como a sede de um movimento, ou um centro cultural, ou uma casa de mulheres para mulheres, ou uma casa gerida por mulheres, mas principalmente como estratégias que nós mulheres temos utilizado durante a história para fugir da reclusão e construir um espaço concreto de liberdade e solidariedade entre mulheres (2005, p. 150).

Ainda sobre Casas Culturais Feministas, outra referência importante é **Gracia Trujillo**, Doutora em Sociologia, professora na Universidade de Castilla-La Mancha, na Espanha e, até agora, a única pesquisadora que encontrei que se dedica a investigar espaços feministas autogestionados. Em seu texto *Cultural y político: el feminismo autónomo en los espacios autogestionados* (Cultural e político: o feminismo autônomo nos espaços autogestionados, publicado em 2006), Trujillo faz uma análise do projeto *La Eskalera Karakola*, espaço cultural feminista fundado em 1996 na cidade de Madri na Espanha.

A arte e o envolvimento com artistas mulheres são elementos fundamentais para a existência de espaços como as Casas Culturais Feministas. Para entender essa relação trago algumas referências, entre elas: **Linda Nochlin**, historiadora da arte, e seu artigo *Why there been no greatest women artists*, publicado em 1993, onde inicia o debate sobre a inexistência das mulheres artistas na história da arte; **Luciana Gruppelli Loponte**, professora e pesquisadora de arte, e seu texto *Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino*, publicado na Revista Estudos Feministas em 2002, onde reflete sobre a objetificação, a desvalorização e a invisibilidade de mulheres nas artes; **Talita Trizoll**, artista e professora de artes, e seu texto intitulado *O Feminismo e a Arte Contemporânea – Considerações*, publicado em 2008, onde traz contribuições que nos ajudam a entender como o campo das artes abriu espaço para os estudos de gênero e o movimento feminista; e por fim **Silvia Amélia Nogueira de Souza**, artista visual, pesquisadora e professora de Arte do

Centro Pedagógico da UFMG, e sua dissertação apresentada em 2012 ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais intitulada *Mulheres, arte e domesticidade: entre a arte feminista e o Dicionário do Lar*, onde resgata importantes espaços criados para a ocupação de artistas mulheres e arte feminista na Europa e EUA.

Ressalto que optei por utilizar como referência, em sua maioria, mulheres e autoras da América Latina. Minha intenção não é desconsiderar a relevância de bibliografias que não se encaixam nesse perfil, mas sim colocar em prática nesta escrita o pensamento feminista decolonial no que se refere à visibilizar e compartilhar teorias e narrativas de mulheres pesquisadoras, autoras e pensadoras latinoamericanas.

A Relevância desta pesquisa está no seu caráter inédito, em introduzir estudos sobre esses locais de arte; em compreender as contribuições e seus limites para o desenvolvimento artísticos e visibilidade de artistas mulheres; em trabalhar com um objeto híbrido que desafia a lógica das categorias público x privado que fez e ainda faz parte substancial dos estudos feministas. Até onde foi possível investigar, a pesquisa desenvolvida por mim em 2017, que resultou no Mapeamentos de Casas Culturais na AL, é uma das primeiras sobre estes espaços.

Se meu objetivo inicial era saber se existiam e quais eram os outros espaços culturais independentes e feministas espalhados pela América Latina, posteriormente vi a possibilidade de acompanhar, estudar e aprender sobre estes espaços. Como gestora de uma casa cultural feminista, isto me trouxe a possibilidade de entender, repensar e compartilhar meu próprio trabalho. Encontrar essas casas, acompanhá-las virtualmente e pesquisar sobre elas ampliou a minha perspectiva sobre minha própria casa, modo de vida, meu trabalho e cotidiano. Me possibilitou a identificação, me situar, me localizar, entender meu fazer não como um impulso individual e sim coletivo. A *Casa Cultural Las Vulvas*² passou a fazer parte de uma comunidade.

² Durante a pandemia da Covid-19 a *Casa Cultural Las Vulvas* fechou. Como a pandemia foi apenas um fator agravante das dificuldades encontradas para a manutenção do espaço, optei por manter a introdução do trabalho escrita enquanto a casa ainda estava aberta.

Capítulo 1

Um teto todo nosso

Na medida em que pesquiso e reflito a partir da minha experiência com a *Casa Cultural Las Vulvas* e do acompanhamento de outras casas culturais feministas, diversas questões importantes relacionadas à estes espaços têm surgido, como: o atravessamento entre as noções de moradia, de criação, de proteção e de subsistência; as experiências de corpos marcados pela desigualdade de gênero e sexualidade com a casa; a conexão entre estes espaços e as pessoas que o ocupam; a criação destes espaços como centro da construção de ações políticas e de utopias; entre outras.

Para falar sobre Casas Culturais Feministas, eu proponho situar este objeto de pesquisa no espaço **casa** a partir de uma ótica de gênero e sexualidade fundamentada nas seguintes referências: *Casa é Corpo*, instalação artística de **Lygia Clark**, 1968; *Casa: uma poética da terceira pele*, publicado em 2010 pela doutora e arquiteta **Maira Felipe**; *Modos de habitar: La evolución de lo cotidiano en la vivienda moderna*, publicado pela historiadora **Michelle Perrot** em 1998; *Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul*, publicado em 2012 pela **Antonádia Borges**, professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas; e *As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória*, publicado em 2017 pela **Daniela Palma**, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

Divido este capítulo em cinco partes. Primeiramente irei abordar a relação da casa com o corpo, seguido de uma reflexão sobre a casa enquanto espaço privado. Em terceiro tópico irei tratar brevemente sobre a relação entre o espaço privado e o espaço público, seguido de uma perspectiva que relaciona a casa enquanto espaço privado e espaço público. Por fim irei trazer algumas referências sobre espaços para arte feminista.

1.1 Casa e Corpo

Proponho pensar a **casa** a partir de uma perspectiva de gênero e sexualidade, o que nos faz necessariamente refletir sobre o **corpo**. Para Judith Butler (2019) o **corpo** é o que está sendo dito que é, o corpo está sempre subordinado a uma discursividade que o define. Isso significa que na construção normativo-discursiva do corpo como modelo natural, estão as normas existenciais para os corpos, que incluem normas de gênero, sexualidade e sexo. Ou seja, o humano está preso a uma maneira prescritiva de exercício de vida onde a verdade de seu corpo, de sua sexualidade, de seu gênero e de seu sexo, determina seus deveres e formas de existir (BUTLER, 2019). O **corpo**, segundo Beauvoir é “primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que aprendem o universo” (1967, p. 9).

Diversas autoras e autores, como as que trago como referência neste capítulo, encaram a **casa** como uma extensão do **corpo**. A casa enquanto **concha** protetora (PERROT, 1998), enquanto **refúgio** do corpo (PALMA, 2017), enquanto terceira **pele** (FELIPPE, 2010). Para a “não-artista” - como se intitulava, Lygia Clark, uma das maiores referências da arte contemporânea, a casa é o corpo (1968), um corpo sexuado, um corpo do sexo feminino. Ao descrever sua obra *Casa é Corpo*, exposta em 1968, Lygia Clark diz:

É uma estrutura de oito metros de comprimento, com dois compartimentos laterais. O centro dessa estrutura se constitui de um grande balão de plástico. As extremidades são fechadas com elásticos e as pessoas ao se enconstarem neles provocam as mais variadas formas. Ao penetrar no labirinto o visitante afasta os elásticos da entrada, sentindo um rompimento semelhante ao de um hímen complacente e tendo acesso assim ao primeiro compartimento, chamado 'penetração'. Nesta cabine a pessoa pisa numa lona estendida, pouco acima do chão e perde o equilíbrio: no escuro ela apalpa as paredes, que cedem, da mesma forma que o chão. Prosseguindo o caminho através do tato, encontrará uma passagem semelhante à da entrada, e a pessoa chega na 'ovulação', espaço igual ao anterior, cheio de balões. Ao prosseguir, o visitante alcança o amplo espaço central, onde se é possível ver e ser visto do exterior. Neste local há uma imensa boca através da qual a pessoa entra na 'germinação', ali tomando as posições que lhe convier. De volta ao túnel, continuando o passeio, penetra no compartimento da 'expulsão', que além das bolinhas macias de vinil espalhadas pelo chão, possui uma floresta de pêlos pendente do teto".



Figura 4: *Casa é corpo*, da artista Lygia Clark, 1968.

A criação e a persistência da casa ao longo do tempo nos revela o caráter essencial que ela ocupa na vida humana. A casa apresenta o sentido de residir, de estar como seres terrestres que habitam e se relacionam com o espaço.

Maíra Felipe, em seu artigo intitulado “Casa: uma poética da terceira pele” (2010), define a casa enquanto um espaço particular que reflete o nosso universo, criado como extensão do nosso corpo e lugar que abriga os movimentos inerentes à vida humana. Para Felipe (2010), pensar sobre a relação entre o corpo e a casa traz a reflexão sobre a construção de um espaço, de uma arquitetura, que reproduz diretamente as proporções do corpo humano.

É a partir do corpo humano que uma casa é organizada enquanto um espaço físico. Ao mesmo tempo, em analogia ao ser humano, muitas vezes atribuímos espíritos e almas à casa. Como destaca Felipe (2010), a casa não se resume a ser uma estrutura estática e inerte, ela é envolta de uma vitalidade que se reflete nas tarefas e hábitos cotidianos e nos movimentos dos corpos que a habitam. A casa é, portanto, um espaço de habitação, de memórias, rituais.

Etimologicamente, a palavra *habitar* está ligada ao vocábulo *hábito*. O termo latino *habitare*, significa “morar, povoar, residir”, portanto “habitar”. Já o termo latino *habitus* indica condição, estado, circunstâncias, ou, em poucas palavras: “maneira de ser”, isto é, o conjunto de qualidades ou atributos que formam e definem um ser, definem sua existência. Habitar é existir.

O habitar surge como a própria condição essencial da existência humana, anterior, portanto, a toda arquitetura: habitar é habitar o mundo, ser no mundo, existir. O espaço por nós construído, por sua vez, é uma resposta à condição de nosso habitar que, nesse processo, aparece como intenção primeira e essencial, o sentido próprio da arquitetura. A arte de criar espaços tem o compromisso de superar a realidade concreta da matéria, a fim de constituir lugares — autênticos espaços do habitar — aos quais atribuímos valor e com os quais nos identificamos. (FELLIPE, pg 301, 2010).

A casa é um espaço construído, uma delimitação de um território em espaço interior, um espaço vazio a ser preenchido pelo corpo e seus movimentos mais básicos que definem o habitar. A casa existe primeiramente dentro do corpo, no nosso desejo, imaginação ou necessidade da criação e/ou habitação de um espaço. A casa nasce como uma projeção particular do mundo, ela é um lugar fundado, um marco delimitado, uma referência de identidade (FELIPPE, 2010). A casa está localizada, tem um endereço, é um território, um solo, uma terra delimitada, limitada, a primeira fronteira.

Como destaca Perrot (1998), a noção de interior é dupla pois remete tanto ao interior doméstico quanto ao interior de seus habitantes. Para a historiadora, a casa está ligada ao nosso íntimo enquanto espaço onde se concentram e se desenvolvem nossos primeiros afetos e memórias, a casa é o cenário dos primeiros aprendizados, costumes, comportamentos e valores, construções feitas através dos afetos ou das imposições (PERROT, 1998).

Para o corpo que nasce, a casa já está dada, ela já existe. Para cada corpo que nasce em um lugar do mundo, em tese, já existe uma casa fundada, um espaço construído, um território delimitado. Ecléa Bosi (1994), professora e pesquisadora, destaca que a casa constitui para nós a primeira e principal representação de lugar, justamente porque ela já pré-existe, configurada em normas e costumes pré-estabelecidos. Para Bosi (1994) a nossa primeira casa é a casa materna, um lugar onde ficamos confinados durante a infância, e da onde retemos, gravamos e guardamos memórias.

Sendo uma extensão do corpo, uma projeção do ser humano, um lugar fundado, a casa reflete também uma temporalidade, é expressão de um conjunto de práticas econômicas, políticas, funcionais, de usos e costumes no decorrer do tempo. A forma que ocupamos uma casa e a própria forma da casa mudam de acordo com os movimentos dos corpos em sociedade. A casa é, portanto, um retrato de uma época e da maneira de enxergar as relações humanas. Dessa forma, não podemos pensar sobre a casa como um espaço deslocado das relações sociais. A casa, como um

território, um espaço delimitado, nosso centro enquanto seres terrestres, é totalmente atravessada pela ingerência do Estado, pelos aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos da sociedade onde ela se encontra.

A casa, a partir de uma perspectiva de gênero e sexualidade, pode significar muitas vezes um cenário de violência, de exclusão, de prisão. No Brasil, por exemplo, como aponta um estudo publicado pelo IPEA³ em 2020, a casa é o lugar onde as mulheres mais sofrem violência. Segundo este mesmo estudo, 39,47% dos casos a violência doméstica acontece de maneira diária e em 35,60% de maneira semanal, e em 59,66% dos casos os filhos das mulheres violentadas presenciam a violência e 21,64% também acabam sofrendo violência. Da mesma forma, é em suas casas que parte das mulheres vítimas de violência doméstica sofrem feminicídio. De acordo o Mapa da Violência⁴ publicado em 2015 o Brasil é o 5º país no ranking de homicídios de mulheres. Segundo os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan, Ministério da Saúde) compilados pelo Mapa da Violência de Gênero⁵, entre 2014 e 2017, 49% das agressões domésticas contra as mulheres são contra mulheres trans e travestis. Entre os 10 países com maior índice de feminicídio no mundo, 7 estão localizados na América Latina.

De acordo com o Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil⁶, lançado pelo UNICEF e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), de 2017 a 2020, 180 mil crianças e adolescentes sofreram violência sexual – uma média de 45 mil por ano. Segundo a pesquisa, crianças morrem, com frequência, em decorrência da violência doméstica, perpetrada por um agressor conhecido, o mesmo acontece com a violência sexual contra elas, cometida dentro de casa, por pessoas próximas. O direito à moradia também é uma questão importante de ser levantada. Pesquisas⁷ confirmam que a falta de moradia afeta desproporcionalmente jovens LGBTIQ+, e que a probabilidade de ficar sem moradia é ainda mais alta para jovens transgêneros. Apesar de ser considerado um direito humano, o direito à moradia não é garantido para todos os corpos.

³<https://www.ipea.gov.br/>.

⁴http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf.

⁵<https://mapadaviolenciadegenero.com.br>.

⁶

<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-violencia-letal-e-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil>.

⁷<https://www.unfe.org/wp-content/uploads/2020/12/PORTUGUESE-Youth-Homelessness.pdf>.

1.2 Casa, um espaço privado

Segundo Perrot (1998), a casa é o domínio privado por excelência. A casa é um elemento de fixação, o lugar onde alguém pode ser encontrado. É também uma realidade moral e política, e pode ser entendida como um assunto de família, como propriedade, como patrimônio. A casa é o cenário de lutas internas, microcosmo atravessado pelas sinuosidades das fronteiras onde se enfrentam o público e o privado (PERROT, 1998).

Em Latim, o que hoje nós denominamos *casa* era chamado *domus*, um espaço dominado por um “Senhor”, o dominador, alguém com poderes para ser obedecido pelos outros habitantes. Da palavra *domus* temos a derivação *doméstico*, que significa “tornar caseiro”, “domesticar” um ser selvagem. A partir da definição de *domus*, podemos também olhar para a casa enquanto um lugar dominado por relações de poder, por um sistema patriarcal. A casa, nesse sentido, é encarada como um bem material, um patrimônio dos homens cis e brancos.

Quando a produção manufatureira se transferiu da casa para a fábrica, a ideologia da feminilidade começou a forjar a esposa e a mãe como modelos ideais. No papel de trabalhadora, ao menos as mulheres gozavam de igualdade econômica, mas como esposas eram destinadas a se tornar apêndices de seus companheiros, serviçais de seus maridos. No papel de mães, eram definidas como instrumentos passivos para a reposição humana. A situação da dona de casa branca era cheia de contradições. Era inevitável que houvesse resistência. (DAVIS, pág 45,)

A casa enquanto espaço de domínio patriarcal têm induzido inúmeras reflexões que dão forma ao pensamento feminista nascido no século XIX, que é denominado como primeira onda feminista⁸. No contexto do surgimento da primeira onda feminista, cujo olhar se detinha basicamente nas mulheres cis, brancas, heterossexuais, mães e europeais, a estrutura patriarcal privava as mulheres à esfera doméstica. “Esferas separadas” ou “o culto da domesticidade” perduraram por muito tempo na vida das mulheres, muito embora boa parte tivesse que trabalhar duramente, em alguns casos em casa, muitas vezes fora dela, para manter a si mesmas e às suas famílias. A casa era considerada o espaço real das mulheres, o local onde, a interesse dos homens, as mulheres deveriam existir. Em todos os aspectos da vida social, política, cultural, científica e filosófica, as mulheres eram doutrinadas a seguir um modelo de mulher

⁸ vale ressaltar que a chamada primeira onda feminista, de origem Europeia, apesar da denominação, não significa ser o primeiro movimento feminista no mundo.

ideal, imersa na virtude, no amor aos homens e no cuidado do lar. Uma forma de domesticar o corpo “selvagem”, de privar a sexualidade, de garantir a reprodução e a hereditariedade.

Fortaleceu-se uma configuração social que delegava às mulheres o papel de esposas e mães e confinamento no espaço doméstico-privado. Essa divisão social entre homens e mulheres, que definia a não cidadania e a incapacidade de firmar contratos às mulheres, partia de argumentações religiosas que defendia o direito dos homens sobre as mulheres como forma de garantir a paternalidade sobre seus filhos. A concepção da mulher unicamente como um ser reprodutivo, justificava sua reclusão em um espaço privado e o domínio de um homem sobre seu corpo.

Como aponta Amelia Vacárce (2001), a situação das mulheres tem origem no abuso de poder em que se funda a ordem da nobreza e dos laços sanguíneos, dessa forma, as dominações de sexo e classe são políticas e não se pode lutar por uma e não pela outra. Confinadas ou não dentro de uma casa, circulando e trabalhando - ou não - nos campos e nas cidades, a construção política tanto do espaço público quanto do espaço privado, estava nas mãos de uma ordem e cultura patriarcal.

O confinamento doméstico, e a conseqüente exclusão das mulheres dos espaços públicos, impedia a reunião de mulheres em espaços políticos, onde pudessem compartilhar suas vivências e debater sobre todos os aspectos da vida. Imersas em narrativas, principalmente no âmbito artístico, que as doutrinavam à vida doméstica, dificilmente encontravam espaço para denunciar as violências que sofriam no domínio privado.

Representadas nas artes como seres passivos e frágeis, as mulheres eram colocadas somente no papel de mães e esposas, reforçando o discurso de que sua existência se resumia aos interesses dos homens. O movimento da primeira onda feminista surge justamente como uma crítica da representação das mulheres na sociedade e nas artes em geral, que impunha um modelo de feminilidade a ser seguido por todas as pessoas do sexo feminino, independente de suas diferenças. Enquanto mulheres como Wollstonecraft, Gouges e Condorcet escreviam seus pensamentos feministas, filósofos como Hegel, Schopenhauer, Kierkegaard e Nietzsche teorizavam a favor da exclusão das mulheres dos espaços públicos. No debate, ganhou o pensamento que dava à família a noção de sociedade original pautada em uma hierarquia masculina. Tínhamos, portanto, filosofia, não só a religião, como fundamento da misoginia. O pensamento feminista que se formava diante desse

contexto, defendia que a dominação masculina era política, e a resposta recebida era de que cada sexo tinha um destino específico, que o do homem era a cultura e o destino das mulheres era sua natureza reprodutiva.

Na década de 60 surge a segunda onda feminista, que também traz críticas ao espaço privado, resignificando os pólos de valorização positiva e negativa das esferas pública e privada, passando a enaltecer as características, atribuições e funções designadas às mulheres. Mulheres e homens começaram a contar outras histórias, a recuperar falas que estiveram silenciadas, a se voltar para a análise das práticas cotidianas (Perrot, 1998), a considerar as dimensões subjetivas nelas implicadas. Uma das principais consequências destas reflexões e das práticas que as orientam é a possibilidade de um olhar valorativo para a casa, o doméstico, o trabalho que inúmeras mulheres continuam a desempenhar. Olhar valorativo, mas que em termos práticos só reforçava as diferenças impostas e excluía a reflexão sobre as mulheres negras. Como aponta Angela Davis em sua obra publicada originalmente em 1981 *Mulheres, raça e classe*, ainda nos anos 1960, pelo menos um terço das trabalhadoras domésticas negras permanecia preso aos mesmos trabalhos domésticos do passado e um quinto delas realizava serviço fora do ambiente doméstico, as mulheres brancas demonstraram uma relutância histórica em reconhecer as lutas das trabalhadoras domésticas (pág 106).

as enervantes obrigações domésticas das mulheres em geral oferecem uma flagrante evidência do poder do sexismo. Devido a intrusão adicional do racismo, um vasto número de mulheres negras teve de cumprir as tarefas de sua própria casa e também os afazeres domésticos de outras mulheres. E com frequência as exigências do emprego na casa de uma mulher branca forçavam a trabalhadora doméstica a negligenciar sua própria casa e até mesmo suas próprias crianças. Enquanto empregadas remuneradas, elas eram convocadas a ser mães e esposas em milhões de casas de famílias brancas. (DAVIS, pág 239, 2016).

Ainda na segunda onda há a importante contribuição do questionamento da dicotomia artificial dos espaços públicos e privados, ressaltando que o “pessoal” ou o privado são espaços políticos, trazendo para a esfera pública questões tradicionalmente encaradas como da esfera privada e enfatizando o caráter político da opressão a qual são submetidas as mulheres no espaço privado.

Como resposta aos feminismos da igualdade da segunda onda, inspirados em novas críticas feministas (Greer, 1974; Firestone, 1976; Davis, 1981; Gilligan, 1982; Crenshaw, 1989) surgiram os feminismos da terceira onda, os feminismos das

diferenças. A partir de então, o próprio movimento feminista, também influenciado por outras organizações políticas e movimentos sociais, critica seu caráter burguês-liberal de outrora, fazendo recortes de classe e raça, relações de poder e transversalidade de opressões estruturais para além do gênero. Assim, elevam-se as vozes das mulheres negras e pobres subjugadas dentro do movimento. Inclusive, é nesse período em que se formulam as problematizações acerca das diferenças entre gênero, sexo e orientação sexual, desmitificando a naturalização de papéis sociais que seriam inerentes a homens ou mulheres. Nesse contexto é que surge a desconstrução da dicotomia entre público (trabalho) e privado (casa).

1.3 Da Casa para a Rua

A divisão entre público/privado (masculino/feminino) apresenta para a sociedade moderna a necessidade pelo equilíbrio entre as duas categorias. Na fase inicial da modernidade, as mulheres permaneceram excluídas como atores da esfera pública e da cidadania. Apesar do crescente rompimento da fronteira entre público/privado com o advento da era industrial, as diferenças entre masculino e feminino perduram até os dias atuais. Essas duas noções público/privado são extremamente importantes à medida em que a cidadania reflete-se nos direitos da vida particular e da vida coletiva. Em última instância, a cidadania é a ponte que liga a esfera privada à esfera pública, colocando questões do indivíduo e da sociedade, revelando a tensão entre interesses individuais e coletivos. É a partir dos pressupostos básicos da cidadania que as mulheres modernas, excluídas do direito de serem cidadãs, lutaram pela sua inserção na esfera pública no séc XX e ainda lutam em pleno século XXI (RONCAGLIO, 1994).

Na atualidade as mulheres assumem duplas ou triplas jornadas de trabalho e também enfrentam os desafios da vida urbana. As mulheres trabalhadoras, e sobretudo as mulheres negras e mestiças, ainda habitam as periferias através de uma lógica sistêmica da exclusão territorial. A dificuldade de acesso a transportes, a escolas, a equipamentos culturais, a hostilidade e risco de violência nas ruas das cidades deixam evidente e exclusão sexista do espaço público. Como bem destaca Freitas (2013), as mulheres negras, mestiças e LBTQIA+ ainda ocupam os postos de trabalho mais precarizados, como o serviço doméstico, trabalho em fábricas com a montagem de peças minuciosas e atendimento em telemarketing. Além de receberem um salário

menor que os homens, as mulheres também preenchem os piores índices de desemprego e o trabalho informal, no qual sofrem com a falta de oportunidade de promoção e de garantias previdenciárias e trabalhistas. As mulheres ainda sofrem preconceito diante de oportunidades de trabalho se são mães, LBTQIA+, ou possuem uma idade avançada. A ausência de vagas em creches públicas e escolas, também é um fator que impõe às mulheres barreiras ao trabalho.

As cidades, portanto, assim como o campo, são cenários das violências sexuais e de gênero. São espaços que apresentam as contradições históricas da região, fruto da colonização, da cultura capitalista, racista, patriarcal e cisheterocentrada. Desde que as cidades existem, os espaços públicos e as formas de ter acesso e participar de sua construção têm sido formulados a partir da lógica masculina, branca e cisheteronormativa. Sabe-se que a urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que as cidades surgiram do excedente de produtos concentrados na mão de uma elite privilegiada, ou seja, pela dinâmica do mercado imobiliário e pela apropriação diferencial da renda do solo. Contudo, a condição de classe, mesmo que impregnada em todos os elementos existentes na cidade, não é o único recorte possível para essa análise. É coerente afirmar que paralelamente a uma questão de classe, a urbanização se assentou sobre um fenômeno de raça, gênero e sexo, já que foram desenhadas e estruturadas a partir de uma perspectiva de segregação sexual e racial a interesse dos homens cis-hetero brancos. As vivências e experiências de uma mulher trabalhadora, por exemplo, não são as mesmas que as de um homem trabalhador. Da mesma forma, as experiências de uma mulher branca trabalhadora não são as mesmas que a de uma mulher negra trabalhadora. Resumidamente, a estrutura urbana é o resultado da divisão social do espaço urbano e, portanto, reproduz as desigualdades na divisão social de outros fatores, como direitos, acesso à educação e cultura.

A vida urbana se modifica com a entrada das mulheres no mundo produtivo. Não apenas a vida urbana, mas a vida familiar principalmente. Segundo pesquisas, vem caindo por terra o modelo de família conjugal tradicional para dar lugar a outras organizações familiares, com destaque, as famílias chefiadas por mulheres. Estima-se que 30% dos lares latinoamericanos sejam chefiados pelas mulheres – número esse que cresce se dimensionado apenas nos grandes espaços urbanos do continente. Evidentemente esse fenômeno não pode ser considerado inovador e recente, visto que muitas mulheres trabalhadoras já sustentavam seus filhos e lares sem auxílio de uma figura masculina desde o final do século XIX, processo colado ao desenvolvimento urbano no Brasil. Acontece que o período que se inicia principalmente em 1970, de uma entrada irrefreável de mulheres no mercado de trabalho, vem desconstruindo com mais profundidade esse modelo tradicional de família (FREITAS, 2013).

Apesar das inúmeras transformações alcançadas pelas mulheres, ainda hoje nós mulheres somos consideradas estranhas no espaço urbano e por isso são constantes os comportamentos que existem para determinar unilateralmente nosso lugar. Inúmeros são os lugares que nossos corpos não podem transitar, seja pela dificuldade física de acesso ou por medo e insegurança. Ruas escuras, vazias são evitadas diariamente por mulheres que se sentem impedidas de continuar seu caminho. Trajetos, portanto, deixam de ser percorridos. Em diversos lugares nos impõem a sensação de que deveríamos voltar para dentro de nossas casas.

Por volta dos anos 2010 ressurgiu uma forte onda feminista em consonância com os chamados movimentos urbanos e com o advento do uso das redes sociais para manifestações políticas e organização de protestos, a chamada quarta onda feminista, ainda em construção e movimento. Como principais referências teóricas temos Chimamanda Ngozi Adichie, Bell Hooks, Judith Butler, Kira Cochrane, Maria Galindo, Yuderkys Espinosa Miñoso. As características dessa onda estão: o uso em massa de redes sociais e da tecnologia, e, portanto, um ativismo amplamente digital (como o “feminismo de hashtag”); aprofundamento de discussões sobre identidade e corpo, novo ativismo em torno de questões ainda não resolvidas como estupros coletivos, assédio em transportes, entre outras; e principalmente a ocupação de espaços urbanos.

Não nos sentimos livres e seguras enquanto mulheres nem mesmo nos transportes públicos. Em 2014, apenas três anos após o Brasil eleger a primeira mulher como presidenta do país, uma mulher em São Paulo sofreu tentativa de estupro dentro do metrô lotado. No Rio de Janeiro existem vagões do metrô só para mulheres em horário de pico, para evitar esse tipo de violência. Iniciativas como essa, apesar de importantes para prevenir violência contra a mulher, colocam a responsabilidade de prevenção da violência na própria mulher. Se uma mulher é abusada em um vagão não especial enquanto há a existência de vagões só para mulheres, provavelmente ela será culpada por não ter escolhido estar num vagão especial. Dentro desse sistema sexista e patriarcal, até mesmo as estratégias utilizadas contra a violência contra a mulher fazem com que as próprias mulheres tenham que mudar seu comportamento, mesmo que seu comportamento não seja a causa da violência e sim o comportamento dos homens.

Somos como uma vitrine pública para ser olhada, julgada e invadida. Nossas

vestimentas frequentemente são usadas como justificativas para o assédio e violência sexual. Assédios vindos de construção civil estão entre as reclamações mais citadas de mulheres sobre o assédio urbano. Por isso, cidades em grande expansão, ou seja, em processo de transformação, acabam se tornando mais hostis para as mulheres. Além disso, mulheres desaparecem todos os dias em diversas partes do mundo e muitas vezes seus corpos violados são encontrados em espaço público. Diversas reações a esse tipo de violência condenam a atitude da vítima que estava em um lugar e numa hora que, segundo o entendimento patriarcal, não deveria estar. A vida noturna das mulheres cidadinas oferece grandes riscos, mas diante da conquista de certa autonomia social, o medo e a insegurança nem sempre nos impossibilitam ao lazer.

Diante de todas essas dificuldades e desafios, a mulher cidadina tem ocupado mais do espaço que é seu por direito. Diversas são as iniciativas e ações de mulheres que reivindicam melhores condições para se viver nas cidades. A própria cidade é usada como palco, ou folha em branco, para o empoderamento das mulheres.

Em 2011, em protesto a diversas narrativas que culpabilizam as mulheres pelas violências sexuais que sofrem, surgiu a *Marcha das Vadias* no dia 3 de abril de 2011 em Toronto, no Canadá, movimento que se internacionalizou e passou a acontecer em diversas partes do mundo.

No Brasil, as Marchas das Vadias foram realizadas em várias cidades entre 2011 e 2017, com características muito distintas entre si, considerando o contexto de desigualdade social fundado em uma estrutura de opressão interseccional que mescla classe, raça, gênero, sexualidades, entre outros, desde o período colonial. Dessa forma, as pautas levantadas pelas Marchas das Vadias brasileiras vinculam-se não só à culpabilização das vítimas de violência, mas às múltiplas formas de violência relacionadas ao preconceito de gênero e de raça vivenciadas pelas mulheres, cis ou trans, em diferentes espaços e camadas sociais. Estas características permitem perceber que as mobilizações “das vadias” formaram parte de um processo de pluralização dos feminismos brasileiros, especialmente entre jovens, na segunda década do século XXI (GUZZO, 2020).

Em 2014 a cidade de Pelotas-RS recebeu em suas ruas a chamada *Marcha das Vadias* organizada por um coletivo feminista local e que teve a presença de mais de 200 mulheres. Com o objetivo de marchar contra a repressão sofrida pelas roupas que nós mulheres usamos e pelas violências que se fundamentam num entendimento misógino, a marcha alcançou grande repercussão local através da internet e de jornais da cidade, não pela sua causa, mas devido ao comportamento das mulheres

participantes da marcha que deixaram marcas de tinta em patrimônio arquitetônico local. O que tinham para dizer, a sociedade patriarcal não queria ouvir. Quando escritas suas reivindicações nas paredes de uma Igreja local, as mulheres que têm seus corpos invadidos e profanados diariamente foram acusadas de vândalas e ameaçadas de terem suas identidades descobertas por câmeras urbanas de segurança para que pudessem sofrer as penas cabíveis. Poucas horas após a repercussão do acontecimento um grupo de homens se reuniu através de um evento no *facebook* e se organizou para apagar as palavras “diabólicas” que foram pichadas no patrimônio local de uma cidade localizada em um mundo onde as mulheres só foram ter direitos individuais sobre seu patrimônio na modernidade. Meses depois, na mesma cidade, uma professora universitária desapareceu e nenhuma câmera de vigilância conseguiu rastrear seus passos.

Mulheres no espaço urbano, desacompanhadas de homens, por mais que estejam em companhia uma da outra, recebem assédio por estarem “sozinhas”. No início de 2016 duas viajantes argentinas “mochileiras” foram encontradas mortas na rua de Montañita no Equador. Segundo a maioria dos discursos midiáticos, uma das justificativas para a morte das duas amigas era que elas estavam “sozinhas”. No Twitter a hashtag *#viajosola* (*#viajosizinha*) ganhou grande alcance pelas usuárias da rede social que reivindicam o seu direito de viajarem “sozinhas” e em segurança. Um pouco antes desse acontecimento, no final de 2015, outra hashtag alcançou grande nível de popularidade internacional: *#PrimeiroAssédio*. Grande parte dos relatos demonstravam a rua como principal local de assédio. Como é possível perceber, a dificuldade de acesso das mulheres a certos espaços públicos é determinante para sua percepção e para a formação de sua imagem da cidade.

Iniciativas que misturam o mundo real ao mundo virtual têm sido criadas para que mulheres possam colaborar entre si com a finalidade de se sentirem mais seguras no espaço urbano. Um exemplo é a comunidade criada em 2015 no facebook, chamada *Se essa rua fosse nossa*, trata-se de um espaço para debater a cidade, o lugar, o espaço – e sobre a falta dele, como a página mesmo explica. Conhecer, mapear e melhorar a relação da mulher com a cidade através de relatos e experiências, é o objetivo principal do grupo.

Outra iniciativa que funciona no mesmo sentido é o movimento *Vamos Juntas?* que em sua descrição na página do facebook, que possui mais de 300 mil seguidoras, consta: “Na próxima vez em que estiver numa situação de risco, observe: do seu lado

pode estar outra mulher passando pela mesma insegurança. Que tal irem juntas?”. Resumidamente a proposta da ação é aproximar mulheres uma das outras com a finalidade de percorrermos juntas caminhos em comum para se sentirem mais seguras no espaço urbano.

Nos últimos anos tem-se intensificado movimentos de mulheres em busca de seus direitos e pelo seu espaço. Diversas ruas e cidades têm sido ocupadas por mulheres que reivindicam suas demandas. Ao mesmo tempo, ainda existem inúmeros lugares que geram insegurança e medo e que, portanto, são inacessíveis às mulheres. Esses dois contrastes têm sido destaque nas pautas feministas, mas pouco considerados na formulação e transformação dos espaços urbanos. Nota-se que a transformação das questões simbólicas e hierárquicas no âmbito sexual e de gênero não acompanha a rapidez da transformação moderna material e estética.

Entendemos que o exercício da cidadania depende do aumento e da garantia de direitos e deveres que considerem tanto o acesso quanto a possibilidade de interferência no desenvolvimento de benefícios materiais e culturais. O direito à cidade pode ser considerado um outro tipo de direitos humanos. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos. É um fato que os modelos de relações sociais mudam de acordo com as condições históricas, sociais, econômicas, políticas e geográficas. Por isso é lógico considerar passível a alteração do modelo atual de relações humanas a partir da transformação das cidades. As mudanças dos pressupostos inerentes às relações humanas podem dar origem a uma nova sociedade, novas cidades, novas mulheres e novos homens.

A inexistência ou falta de visibilidade de espaços de encontros de mulheres tem um papel importante para o sistema patriarcal na medida em que dificulta o compartilhamento de vivências, a percepção de que muitas violências sofridas pelas mulheres são coletivas e sua articulação enquanto grupo. Culturalmente homens utilizam de espaços de encontro entre eles para socializarem e realizar negociações. Durante muito tempo espaços como bares e botequins eram tidos como lugares impróprios para mulheres. Talvez até mesmo o machismo declarado em espaços culturais independentes tenham contribuído com o surgimento, de certa forma recente, de espaços culturais feministas, como ocorreu com a *Casa Virgen de Los Deseos* e com a *Casa Cultural Las Vulvas*. Encontrar casas culturais feministas nas cidades significa que as mulheres estão resistindo à estrutura urbana tradicional e de certa

forma construindo novas possibilidades de viver na cidade.

1.4 Casas, entre o público e o privado

Apesar da sua realidade enquanto um bem material destinado ao domínio dos homens, a casa também pode ser vista como um espaço de resistência das mulheres e LGBTQIA+. De acordo com Daniela Palma (2017), professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas, pensar a casa a partir de uma perspectiva que ela denomina feminina, em uma sociedade patriarcal, significa projetar o mundo a partir de um lugar limitado.

Em seu texto *As Casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória*, publicado na edição 51 do Cadernos Pagu em 2017, Daniela Palma, apresenta a casa como espaço articulado de elaboração feminina, como um forte marcador social, que hora é retratada como um local metafórico da exclusão, hora como lugar concreto de resistência e símbolo da ascensão social.

A partir de uma leitura comparada de três obras de Carolina Maria de Jesus escritora negra, compositora e poetisa brasileira, sendo elas: *Quarto de despejo, diário de uma favelada*; *Casa de alvenaria: diário de uma ex favelada*; e *Diário de Bitita*, Daniela Palma trata da casa como um tipo de espacialidade figurada como espaço feminino, que dependendo das relações sociais que a projetam, pode ser um lugar de refúgio e/ou um lugar de confinamento. Significa que, ao mesmo tempo que a casa pode ser um local de opressão de mulheres, ela também permite a abertura de brechas para a auto elaboração identitária. Para chegar a este entendimento, a autora relaciona dois elementos ao que compreendemos como casa: a casa enquanto local; e a construção de um lar. Ambos como experiências cujo significados variam a partir do local e tempo onde estamos situadas, nossos corpos e vivências, e tudo que nos cerca.

Como aponta Palma, a casa nos apresenta a tarefa de construir um lar, e para muitas mulheres, a tarefa de construir um espaço coletivo de resistência, onde se possa encontrar a dignidade negada e se proteger da violência vivida no espaço público exterior:

O lar é, assim, um lugar de significados não estáveis, pode oscilar como espaço atravessado pelas relações de poder colonial e também permeado por ficções

que permitem experiências de resistência, sentimentos reconfortantes e vislumbres de liberdade. (PALMA, pg 6, 2017).

Antonádia Borges, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, também reflete sobre a casa enquanto um espaço que não se constitui apenas a partir do violento modernismo de Estado, mas também como um lugar que possibilita a formação de políticas de resistência. Em seu texto “Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul”, publicado em 2012, Antonádia afirma que a vulnerabilidade feminina encontra-se fortemente vinculada às formas de exercício de poder (estatal, público e doméstico) e às relações que essas pessoas têm com a casa e a terra que ocupam.

A partir do estudo da experiência de quatro mulheres em suas casas: Sibongile, Gloria, Bruna e Laudicéia; Antonádia Borges (2012) demonstra que muitas casas não são um espaço doméstico como convencionalmente pensamos, e sim espaços que não se separam da ordem pública, já que muitas tarefas relacionadas à casa atravessem o espaço público, como: o abastecimento de alimentos, a educação, a luta pelo direito à moradia, e a própria luta contra a violência doméstica e o feminicídio. Além desses aspectos, Borges aborda os projetos que muitas mulheres realizam no interior de suas casas, que abrem “o lar a vínculos que não são estritamente domésticos entre pessoas que não possuem uma casa para viver e aquelas que – já tendo garantido um teto sobre suas cabeças – compartilham sua expertise social” (BORGES, pg. 212, 2012).

Gracia Trujillo, Doutora em Sociologia, professora na Universidade de Castilla-La Mancha, na Espanha, em seu texto *Cultural y político: el feminismo autónomo en los espacios autogestionados*, publicado em 2006, faz uma análise do projeto *La Eskalera Karakola*, uma casa cultural feminista fundada em 1996 na cidade de Madri na Espanha. Para Trujillo, este tipo de projeto busca ocupar e reapropriar o espaço público questionando as divisões entre os âmbitos público e privado, entre o cultural (e pessoal) e o político.

As casas culturais feministas, ou centros autogestionados como define Trujillo (2006), desejam ser espaços de inovação e criatividade coletiva, lugares onde são experimentadas outras formas de vida e de ação política. O questionamento da divisão tradicional entre público e privado a partir de projetos como *La Eskalera Karakola* parte da relação de iniciativas como essa com os espaços em geral. De acordo com Trujillo, iniciativas como *La Eskalera Karakola* combinam os objetivos culturais e os políticos

realizando atividades no interior ou no exterior das casas, questionando a partir de posições feministas, a divisão entre o privado/pessoal x público/político, e mostrando a participação de mulheres na reapropriação do espaço público para transformá-lo. A *Casa Cultural Gran Sur*, espaço feminista localizado na Argentina, confirma a análise de Trujillo:

Queríamos una casa para llenarla de piberio, amigxs, artistas, vecines, donde circule la risa, la escucha, el arte. Que albergue a los artistas, que brinde su espacio para que puedan enseñar, crear y compartir lo que hacen, porque tenemos la certeza de transformar la realidad a través del arte. Una casa colectiva para abrazar y dar reparo a la comunidad, donde se construyan vínculos humanos solidarios, que dé una salida o solución a las problemáticas sociales que enfrenta el barrio. Potenciar la cultura popular transfeminista, dando lugar que sean las mujeres, lesbianas, travestis, trans, no binaries y bisexuales, quienes protagonicen en su mayoría las propuestas culturales. Además la casa cultural gran sur, es la casa de nuestra organización social SIEMBRA, en ella se hacen charlas, ciclos y eventos de los otros frentes de la organización. (CASA CULTURAL GRAN SUR).

As casas culturais feministas buscam desenvolver o encontro e a participação política das mulheres, a politização do cotidiano, a promoção das demandas e lutas feministas no espaço público em geral e nos espaços autogestionados em particular, e incentivar a participação cidadã das mulheres. Como destaca Trujillo (2006), a partir de projetos como *La Eskalera Karakola* e as casas culturais feministas da América Latina, é possível a criação de redes e alianças, a participação em outros espaços de reflexão e ação, a interação com instituições, e a organização de ações de reapropriação dos espaços públicos.

No formulário que enviei durante essa pesquisa para gestoras de Casa Culturais Feministas, uma das gestoras da Casa El Nidxs afirma:

creemos que lo personal es político y de nada serviría compartimos tantos talleres y herramientas, si a la vez no profundizamos en seguir conociéndonos y deconstruyéndonos, compartiendo lo que somos en la cotidianidad, lo cual implica abrir nuestras historias y experiencias, compartir nuestras reflexiones y cuestionamientos, compartir nuestra rabia y alegría, compartir alimento, compartir medicina y lamernos las heridas. Básicamente fue uno de los motivos principales por los cuales decidimos colectivizar este espacio, ser un pequeño nido para las aves de paso que somos todes.

Paim (2012) e Nunes (2013) também destacam essa relação dos espaços de arte independentes com o público e o privado. Nunes questiona:

Qual o limite entre o público e o privado? Como dar ao público o acesso a um espaço que subverte as barreiras de pertencimento? Inicialmente, a noção de público e privado não é unívoca. Cada gestor encontra uma solução distinta para criar as condições de tornar seus espaços receptivos à criação de esferas públicas, ou seja, de um “lugar, físico ou discursivo, onde indivíduos se engajam para realizar algum debate crítico (NUNES, 2013, pg. 67).

Paim afirma que a atuação destes espaços se dá na esfera da micropolítica e que realizam ações moleculares que se efetuaem na vida cotidiana, *no dia-a-dia miúdo e rotineiro*. A potência destes espaços como resistência e ação política está justamente em infiltrar-se na vida comum, buscando tanto questionar o que parece natural como gerar atitudes próprias nas quais os indivíduos envolvidos são os agentes diretos (PAIM, 2012 pg. 85).

Para Paim (2012), é possível afirmar que muitas iniciativas independentes em espaço urbano e com viés político, que possuem o desejo de fomentar encontros, conversas e conscientização, são formas de ativar o espaço da cidade e encontrar soluções para problemas que acontecem nesse cenário.

De acordo com Paim (2012), os espaços culturais independentes incidem diretamente no tecido social da cidade, são iniciativas coletivas que geram lugares para debates, encontros, exposições ou mesmo atividades para a formação de jovens artistas. As ações desses espaços envolvem diversas camadas de organização do debate crítico, como ciclo de palestras, rodas de conversa, residências artísticas, elaboração de fanzines, revistas sobre arte e publicação de artistas, produção de vídeos e documentários, cursos de médio e longo prazo, além de sediar projetos propostos por outros artistas e instituições. Essas são algumas dinâmicas de produção de esferas públicas e de instauração de lugares de encontro que expandem as estruturas físicas do espaço.

1.5 Produção cultural e espaços para arte feminista

De acordo com a pesquisadora do *Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura* Linda Rubim que, no livro *Organização e Produção da Cultura* publicado em 2005, a produção cultural lida com o mundo simbólico, da abstração, da sensibilidade e da criatividade subjetiva. Como destaca Julia Miranda (2017) no texto intitulado *Modos de produção feminista: uma alternativa aos sistemas hegemônicos de produção*, publicado na Revista e-escrita, é preciso estabelecer que existe uma relação direta entre subjetividade e produção cultural, que a formação da subjetividade é manipulada pelo sistema a partir da produção cultural.

Quando reconhecemos o fato de que a produção cultural produz subjetividades, e que ela está sob os interesses capitalistas, patriarcais, racistas e heteronormativos, fica evidente a existência de um controle cultural hegemônico cuja missão é uma dominação simbólico-cultural mantenedora da exploração da sociedade e da permanência das elites (MIRANDA, 2017).

Os papéis sociais criados pelo sistema patriarcal, racista, LGBTfóbico, capitalista são reforçados a partir das estratégias de disseminação cultural. As revistas, as novelas, filmes, músicas. As imagens e narrativas, que reproduzem a naturalização desses papéis e reforçam como obra divina o lugar de cada humano na sociedade, são usadas para justificar as desigualdades, as violências, as explorações e os privilégios.

Como aponta Tânia Pellegrini em *Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea* (1995, pg. 83), a cultura de massa formada pela indústria cultural evidencia a ligação entre cultura e formação de classe, entre estrutura e ideologia. O que é produzido pela subjetividade capitalística, e que nos chega através da mídia da família, enfim, de todos os equipamentos que nos rodeiam, não são apenas ideias; não são a transmissão de significações através de enunciados significantes; nem são modelos de identidade ou identificações com pólos maternos, paternos, etc. São, mais essencialmente, sistemas de conexão direta, entre, de um lado as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 67 apud MIRANDA, 2017).

A maneira como percebemos o mundo se fundamenta na forma em que o mundo nos é apresentado, nas memórias que adquirimos, nas histórias que nos contam, nas coisas que sentimos. Produzimos a nossa cultura a partir do que compartilhamos em sociedade. Nossos costumes, crenças, valores, moral,

comportamentos, são aprendidos e compartilhados em sociedade. Todas essas “coisas” são subjetivas, e parte da nossa realidade é uma ficção, uma narrativa inventada, uma história apagada, uma memória não compartilhada. Mas quais histórias estão sendo contadas? Quem está narrando essas histórias? Quais são as memórias? Sobretudo, é importante entender como essa subjetividade cria materialidades, afetam corpos, formas de estar e ser no mundo. Histórias não contadas muitas vezes são vozes silenciadas com a morte. Representações invisibilizadas muitas vezes são corpos trancafiados ou criatividades impedidas. Através da produção da cultura, fundam-se subjetividades que formam estruturas de poder, criam lugares de privilégio, protegem um sistema de dominação.

Quando nos referimos a sistemas hegemônicos, na supremacia de uns sobre outros, na negação da diversidade, é importante identificar quais são as vozes e realidades que estão sendo silenciadas, apagadas, exterminadas. Quando fica evidente que vivemos em um sistema patriarcal, racista, lgbtfóbico, classista, devemos olhar para quem, individual e coletivamente, está sendo invisibilizado, excluído e morto e para quem, individual e coletivamente, está invisibilizando, excluindo e matando. São as mulheres, os pretos, os indígenas, os LGTQIA+, os pobres, as pessoas com deficiência, que estão sendo desumanizados, impedidos de produzir cultura, sistemas de vida.

Em contraponto, devemos dar atenção à existência de subjetividades inconformadas, despertas, e ter consciência de que existem propostas alternativas para romper a ordem imposta. Contra essa dominação cultural, existe a luta pela emancipação das subjetividades, pela reconstrução ou desconstrução delas, e a produção cultural independente tem um papel importante nesse âmbito.

As produções culturais independentes apresentam a existência de economias anticapitalistas, narrativas protagonizadas por negros e negras, indígenas, mulheres cis e trans, LGTQIA+, comunidades específicas etc. A produção cultural feminista se situa nesse cenário. Como aponta Miranda (2017) é necessário refletir sobre os modos de produção e combater as violências simbólicas que muitas vezes resultam dessas produções.

Nos atentando para a questão de gênero, de acordo com Dulcilei da Conceição Lima, no artigo intitulado *A mulher na produção cultural brasileira: invisibilidade e fomento* (2015), temos que ampliar nosso questionamento sobre a questão da invisibilidade das mulheres na história e nas diferentes linguagens, refletindo também

sobre as formas de representações que são feitas das mulheres nos campos artísticos e culturais.

Luciana Gruppelli Loponte, professora e pesquisadora de arte, em seu texto *Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino* (2002), destaca que a predominância de produções culturais e artísticas a partir das mãos e óticas masculinas impuseram à arte imagens objetificadas de mulheres e às artistas mulheres a desvalorização e invisibilidade. Talita Trizolli em seu texto intitulado *O Feminismo e a Arte Contemporânea – Considerações* (2008), aponta que foi apenas a partir de 1960, com os estudos de gênero e o movimento feminista, que o campo das artes e da produção cultural abriu espaço para novas perspectivas. O feminismo teve e ainda tem papel importante para desconstruir na arte e cultura a ideia de que as mulheres são objetos de desejo e musas e enxergá-las como criadoras a partir de sua própria ótica. Isso abriu espaço para a arte e produção cultural de cunho feminista, considerada não um movimento estético, mas um modo de interagir com o mundo e suas representações. (TRIZOLLI, 2008, p.1498).

Ana Paula Cavalcanti Simioni, doutora em sociologia e docente do Instituto de Estudos Brasileiros, e seu texto intitulado *A difícil arte de expor mulheres artistas* (2011), aponta que o debate sobre a inexistência das mulheres artistas na história teve início com artigo, *Why there been no greatest women artists*, escrito por Linda Nochlin em 1973. A falta de mulheres nesses espaços deixa claro a exclusão feminina das principais instâncias de formação de carreiras artísticas ao longo dos séculos XVIII e XIX e o modo desigual com que as instituições de arte historicamente trataram homens e mulheres.

O confinamento de algumas mulheres ao espaço privado, e a exclusão social e desumanização de outras mulheres em todos os espaços, são fatores preponderantes para a invisibilidade de mulheres artistas, para a ausência de mulheres de espaços de arte, e sobretudo para a exclusão das mulheres do fazer artístico. Michele Perrot, historiadora feminista, destaca em *Minha História das Mulheres* (2016) como o direito doméstico pode barrar a liberdade das mulheres e ao mesmo tempo sublinha que a ausência de locais próprios para a produção cultural e artística das mulheres é um fator que complica o fortalecimento do movimento feminista (2007, p. 154).

Felizmente, devido ao trabalho de muitas mulheres artistas e produtoras culturais, ao longo da história têm surgido espaços para a produção cultural e artística de mulheres. Sílvia Amélia Nogueira de Souza em sua dissertação intitulada *Mulheres*,

arte e domesticidade: entre a arte feminista e o Dicionário do Lar (2012) resgata importantes espaços criados para a ocupação de artistas mulheres e arte feminista na Europa e EUA. Em 1881 foi fundada em Paris a *Union des femmes peintres et sculpteurs*. Em 1972 nos EUA existiu a *Womanhouse*, primeira instalação de arte feminista, organizada por Judy Chicago e Miriam Schapiro, co-fundadoras do Programa de Arte Feminista do Instituto da Califórnia.



Figura 05: *Womanhouse*, EUA, 1972.

Entre 1972 e 1973, galerias como *A.I.R.*, primeira galeria cooperativa de artistas femininas nos Estados Unidos e *The Woman's Building* em Los Angeles, Califórnia, foram criadas por algumas mulheres que constituíram grupos para fundar seus próprios

espaços de arte. *The Woman's Building* foi fundada por Judy Chicago, Sheila de Bretteville e Arlene Raven em 1973, no espaço foram organizadas e promovidas inúmeras atividades com foco na arte feminista, como aulas de artes visuais, design gráfico e artes gráficas, arte performática, vídeo e artes literárias.

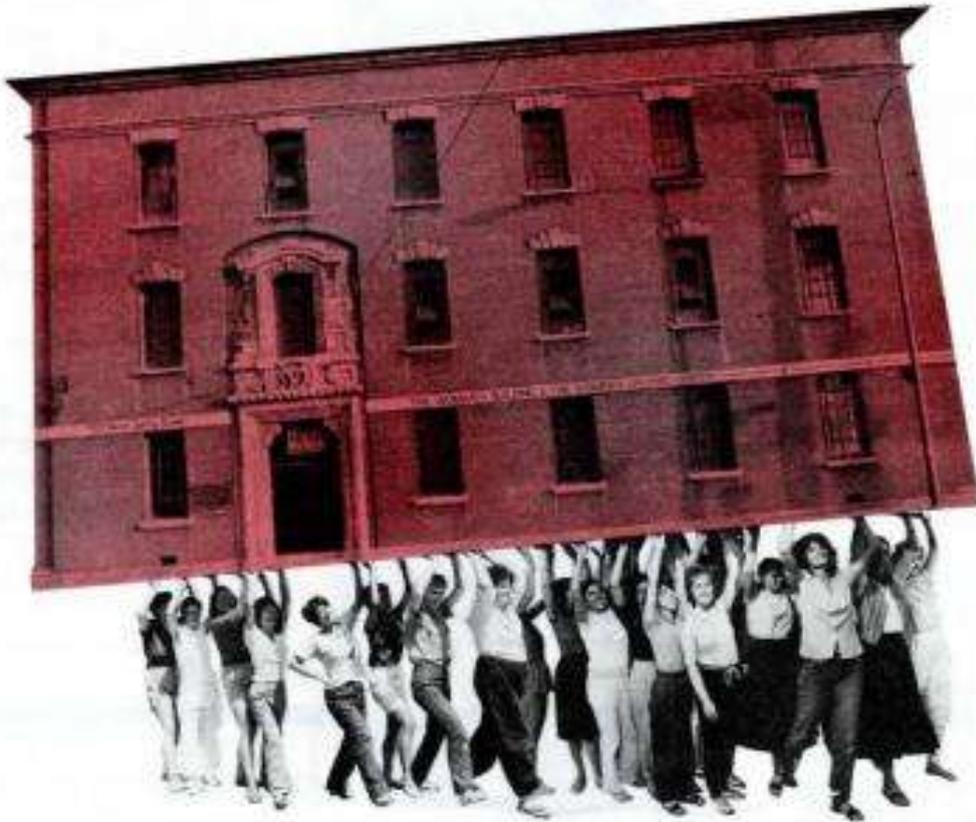


Figura 06: *The Woman's Building*, Los Angeles, Califórnia, 1973.

Na década de 1980 surgiu o grupo anônimo de ativistas feministas *Guerrilla Girls*, formado após protesto contra a inexistência de artistas mulheres em uma exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York. Mascaradas com faces de gorilas, mulheres fazem críticas a espaços de arte excludentes e expõem preconceito étnico e de gênero na arte e cultura. Desde então o grupo tem denunciado por todo mundo a exclusão e invisibilidade de mulheres artistas, e diversas desigualdades sociais. Em 2017, o grupo fez um levantamento de dados sobre obras expostas no Masp em São Paulo e descobriu que apenas 6% dos trabalhos expostos foram realizados por mulheres enquanto 68% das mulheres retratadas estavam nuas.



Figura 07: *Guerrilla Girls*, São Paulo, 2017.

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

- Trabalhar sem a pressão do sucesso**
- Não ter que participar de exposições com homens**
- Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer**
- Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos**
- Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina**
- Não ficar presa à segurança de um cargo de professor**
- Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros**
- Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade**
- Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos**
- Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova**
- Ser incluída em versões revistas da história da arte**
- Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio**
- Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila**

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DAS **GUERRILLA GIRLS** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

Figura 08: *Guerrilla Girls*, São Paulo, 2017.

Para terem lugar para expor suas artes, as mulheres tinham e ainda têm que criar seus próprios espaços. Os espaços convencionais de arte como museus e

galerias, ou até mesmo os espaços independentes, sempre tiveram mais lugar para artistas homens, e isso repercute até os dias atuais.

Virginia Woolf, em sua obra intitulada *Um Teto Todo Seu*, defende, entre outras coisas, a necessidade de as mulheres possuírem autonomia financeira e um espaço só seu para produzirem livremente (1985, p. 138). A casa, o ambiente doméstico, possui na contemporaneidade um potencial além da domesticidade quando nos deparamos com iniciativas como as Casas Culturais Feministas.

Os espaços e Casas Culturais Feministas que têm surgido em diversas partes do mundo, principalmente na América Latina e na Europa, são lugares que propõem a visibilidade da arte e artistas feministas que muitas vezes não têm acesso a outros espaços para mostrarem seus trabalhos. A produção cultural feminista desenvolvida por e nas Casas Culturais Feministas possibilita o desenvolvimento e fortalecimento de subjetividades feministas. Apesar de existirem relativamente poucos espaços como esses, a relevância está também em seu caráter denunciador do machismo e outras violências tanto no espaço urbano, em produções artísticas e culturais, como em outros espaços culturais independentes.

Como aponta Julia Miranda (2017) ainda encontramos a falta de desejo de dar visibilidade a esses lugares, de evitar que as pessoas saibam que eles existem, pois é do interesse do sistema opressor que esses lugares e o que eles denunciam se mantenham em silêncio. Esse trabalho vem no sentido de afirmar a existência das Casas Culturais Feministas e sua importância no âmbito da produção cultural protagonizada por mulheres.

Capítulo 2

CASAS CULTURAIS FEMINISTAS NA AMÉRICA LATINA

Argentina. Brasil. Bolívia. Chile.
Colômbia. Equador. México. Paraguai. Peru.



CASA BRANDON **CASA SOFIA** CASA VIOLETA TANDIL COOPERATIVA CULTURAL OL EL DESPARRAME FELIZA
LA CASA DE TERESA LA QUINCE ESPACIO CULTURAL **SIMONA ESPACIO CULTURAL** TIERRA VIOLETA
VUELA EL PEZ ZUNGU IYAGBÁ CASA DAS NEGAS MOTIM APARELHA LUZIA BREJO DAS FLORES
CASA CULTURAL LAS VILVAS CASA DAS MULHERES CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL
CASA DAS PRETAS CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER TINA MARTINS CASA FEMINISTA NAZARÉ FLOR
CASA FRIDA CASA IPÉ CASA AKOTIRENE CASA LA FRIDA CASA NEM CASA RAXADA **CASA ROSADA BARRIS**
LA KAHLO BODEGA PRESIDENTA BAR E ESPACIO CULTURAL RESILIÊNCIA ESPAÇO CULTURAL
CASA LOS DESEOS DE LA VIRGEN **CASA VIRGEN DE LOS DESEOS** LA CASA DE LA CHOLA LA MORADA
YUKASA LA REDADA CENTRO CULTURAL FEMINISTA SANTA ELENA CUERPOS PARLANTES
PUNTO GOZADERA **AIREANA LA SERAFINA** CASA TRENZAR EL NIDX LA MUNAY LA PROMESA

A histórica exclusão das mulheres do fazer cultural e artístico repercute até os dias atuais, principalmente no que se refere ao difícil e restrito acesso à espaços para a promoção de artistas mulheres e feministas. Diante desta dificuldade, tem surgido espaços culturais e artísticos pensados por e para mulheres. Atualmente, Casas Culturais Feministas estão abertas e abrindo em diversas cidades da América Latina.

Para entender o que denomino de Casas Culturais Feministas, utilizarei neste capítulo quatro tipos de fontes de informações: O mapeamento de *Casas Culturais Feministas da América Latina*, que realizei durante o curso de Especialização em Artes concluído em 2019 e atualizado para esta pesquisa (anexo I); o livro intitulado *Virgen de Los Deseo* publicado pelo coletivo *Mujeres Creando* e **Maria Galindo** em 2005; dados disponíveis na internet, redes sociais, portais de notícias e blogs sobre as casas culturais feministas já mapeadas; e respostas de gestoras de 10 casas culturais feministas à um formulário (anexo II) enviado com algumas perguntas para identificar o que considero as características básicas de cada espaço: ano de fundação; ações realizadas; objetivos; sustentabilidade; principais dificuldades; localização e dados sobre o imóvel.

O formulário com 13 perguntas utilizado nesta pesquisa foi enviado de forma online para diversas das casas culturais feministas mapeadas na minha pesquisa. As casas que responderam ao formulário foram: *Casa Cultural Gran Sur* e *Casa Sofia*, ambas localizadas na Argentina; *Casa Chama* e *Casa xoTTTa*, localizadas no Brasil; *La Morada Casa Cultural Feminista*, *La Redada* e *Yukasa Feminista* localizadas na Colômbia; *Casa Revueltas*, no Chile; *Punto Gozadera*, no México; e *El Nido/ El Nidx*, localizada no Perú.

Finalizo o capítulo falando sobre a conexão entre as Casas Culturais Feministas mapeadas na minha pesquisa.

2.2 O que são casas culturais feministas?

Podemos afirmar que as casas culturais feministas são espaços culturais independentes. No entanto, é importante ressaltar que isso não significa que os espaços culturais independentes sejam espaços feministas. Assim, ainda que o entendimento que trago aqui sobre o que são casas culturais feministas parta de

referências de espaços culturais independentes, estes nem sempre estão preocupados com as pautas de gênero e decolonialidade

Para entender a lógica dos espaços culturais independentes utilizo três referências principais: o livro *Espaços Independentes*, publicado em 2010 pela **Thais Rivitti**, artista, curadora e mestre em História, Crítica e Teoria da Arte pela Universidade de São Paulo; *Táticas de Artistas na América Latina*, publicado em 2012 pela **Cláudia Paim**, artista e doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e a pesquisa intitulada *Espaços autônomos de arte contemporânea*, publicada em 2013 pela **Kamilla Nunes**, curadora independente e crítica de arte, mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação do CeartUdesc.

Thais Rivitti (2010) propôs, através de seu projeto *Ateliê397*, investigar a possibilidade de um circuito de arte contemporânea independente e a viabilidade de uma atuação autônoma. A autora define os espaços independentes como lugares que evitam ser submetidos à ordem sistemática vigente para atuarem de maneira mais livre, o que implica novas articulações a partir de uma atitude reflexiva sobre o papel que esses lugares assumem no contexto contemporâneo.

Já a artista Cláudia Paim (2012) desenvolveu uma pesquisa sobre os modos de fazer de coletivos e iniciativas coletivas de artistas e agentes culturais na América Latina que tem atuação fora dos espaços tradicionais de arte. Artistas e agentes culturais que, com suas práticas, inventam e ativam outros espaços: espaços autogestionados, ou “espaços cotidianos” - como denominado pela autora. A ativação de espaços autogestionados por artistas e agentes culturais é, como aponta Paim, um modo de fazer cotidiano, de tornar um espaço em um território vivenciado, mesmo que efêmero. De acordo com Paim, os modos de fazer de artistas e agentes culturais que atuam fora dos espaços tradicionais de visibilidade, em alguns espaços autogestionados, surgiram como formas de resistência a diversos fatores históricos, sociais, políticos e econômicos.

Kamilla Nunes (2013), por sua vez, fez uma pesquisa sobre o funcionamento e intencionalidade dos espaços autônomos por meio de depoimentos de gestores e críticos e de um mapeamento de espaços autônomos no Brasil dos anos 90 ao século XXI. Kamilla Nunes reconhece as posturas dos espaços autônomos de enfrentamento e contestação de políticas estatais, e suas contribuições para a adequação das instituições às necessidades da arte experimental. Segundo Kamilla é possível identificar o surgimento de espaços de arte independente no Brasil a partir de 1930,

apesar da dificuldade de encontrar referências sobre o tema. Destaco que no mapeamento feito pela Kamilla Nunes não há nenhum espaço cultural independente e feminista. Até 2013, ano de publicação do mapeamento feito pela artista, havia pelo menos um espaço independente feminista no Brasil, a *Casa Feminista Nazaré Flor* fundada em 2010 pelos grupos: Fórum Cearense de Mulheres (FCM), Instituto Negra do Ceará (INEGRA) e Tambores de Safo.

De acordo com Paim (2012), os espaços culturais independentes incidem diretamente no tecido social da cidade, são iniciativas coletivas que geram lugares para debates, encontros, exposições ou mesmo atividades para a formação de jovens artistas. As ações desses espaços envolvem diversas camadas de organização do debate crítico, como ciclo de palestras, rodas de conversa, residências artísticas, elaboração de fanzines, revistas sobre arte e publicação de artistas, produção de vídeos e documentários, cursos de médio e longo prazo, além de sediar projetos propostos por outros artistas e instituições. Essas são algumas dinâmicas de produção de esferas públicas e de instauração de lugares de encontro que expandem as estruturas físicas do espaço.

Neste trabalho defino as Casas Culturais Feministas como iniciativas que se situam na lógica de espaços independentes, experimentais, alternativos ou autogestionados. No entanto, se diferenciam destes espaços pela sua identidade e produção cultural feminista e por incluírem um grande debate sobre autonomia, empoderamento, luta pela libertação da mulher, valorização e visibilidade de trabalhos realizados por mulheres e LGBTQIA+, assim como a importância de espaços seguros para que essas pessoas possam vivenciar, produzir e se desenvolver enquanto artistas ou agentes culturais.

As Casas Culturais Feministas são fundadas e geridas por mulheres e LGBTQIA+ e sua existência denuncia também os conflitos de gênero nos espaços independentes mistos, geridos por homens e mulheres, e do próprio espaço urbano. As Casas Culturais Feministas pesquisadas promovem de maneira continuada diversas atividades culturais e artísticas como rodas de conversa, oficinas, exposições de arte, saraus, feiras, exibição de filmes ou curtas, apresentações musicais, de dança e teatro, performance, entre outras atividades.

Especificamente sobre casas culturais feministas na América Latina, como já foi dito, minha principal referência é Maria Galindo,. Em 2005 Maria Galindo, artista, produtora cultural, através de seu coletivo de mulheres chamado *Mujeres Creando*

publicou o livro intitulado *Virgen de Los Deseo*, onde aborda diversas ações, relatos e memórias do grupo. Em relação às casas culturais feministas do grupo *Mujeres Creando*, Galindo afirma que o espaço não se trata apenas da sede de um movimento, ou um centro cultural, ou uma casa de mulheres para mulheres, ou uma casa gerida por mulheres, mas principalmente uma estratégia que nós mulheres temos utilizado durante a história para fugir da reclusão e construir um espaço concreto de liberdade e solidariedade entre mulheres (2005, p. 150). Nas palavras de Galindo:

As estratégias da história que evoco e convoco para explicar a Virgem [se referindo à *Casa Virgen de Los Deseos*] não constituem uma unidade nem geográfica, nem cultural, nem mesmo histórica. São pedaços quebrados e soltos de memória que nós mulheres apenas podemos colher e com eles só podemos criar uma convicção: o valor do espaço, o lugar, o onde e desde onde se subvertem, onde nos encontramos para construir uma cultura de solidariedade entre as mulheres. Para nada serviriam as frases sobre a solidariedade se não houvesse um lugar específico para procurá-la e da onde fazer circulá-la, o local de encontro. Em palavras simples, a *Virgem de Los Deseos* é então o lugar concreto onde se juntam o pessoal e o coletivo, o lugar onde podemos ser, nos reinventar e construir caminhos entre muitas⁹ (2005, p 151). **(foram feitas por mim todas as traduções feitas nesse trabalho).**

Outra referência que trago para este trabalho é Gracia Trujillo, Doutora em Sociologia, professora na Universidade de Castilla-La Mancha, na Espanha e, até agora, a única pesquisadora que encontrei que se dedica a investigar espaços feministas autogestionados. Em seu texto *Cultural y político: el feminismo autónomo en los espacios autogestionados* (Cultural e político: o feminismo autônomo nos espaços autogestionados) publicado em 2006, aborda a relação destes espaços com o público e o privado, como veremos mais adiante.

⁹ Las estrategias de la historia que evoco y convoco para explicar a la virgen no constituyen una unidad ni geográfica, ni cultural, ni siquiera histórica. Son pedazos rotos y sueltos de memoria que las mujeres apenas podemos recoger y que con ellos podemos únicamente armar una convicción: el valor del espacio, el lugar, el dónde y desde dónde subvertir, el lugar donde encontrarnos y construir cultura de solidaridad entre mujeres. De nada servirían las frases sobre la solidaridad si no hubiera un sitio concreto donde buscarla y donde hacerla circular, el lugar de encuentro. Así que en palabras simples la virgen de los deseos es entonces –el lugar concreto donde se juntan lo personal y lo colectivo, el lugar desde donde ser y reinventarse a una misma y construir camino entre muchas– (2005, p 151)³ **(texto original).**

2.3 Fundação das casas

As casas culturais independentes e feministas podem ser fundadas por iniciativas individuais, coletivas ou por coletivos, como é o caso, por exemplo, da *Casa Virgen de Los Deseos*, fundada pelo coletivo *Mujeres Creando*. Pelo que pude constatar através da minha pesquisa, a maioria das fundadoras das casas culturais feministas mapeadas são mulheres LGBTQIA+.



Figura 9: Fachada da Casa Virgen de Los Deseos, Bolívia.

Segundo Galindo (2005, p 156), as casas e espaços feministas são criados por mulheres rebeldes, que estão armadas de energias advindas das lutas das mulheres ao longo dos anos, que as transformam e transbordam como sujeitos políticos. Nas palavras de Galindo:

Nós queríamos uma casa linda, com uma lareira, uma casa acolhedora, uma casa confortável, porque mesmo nisso, que vocês dirão que é um detalhe,

manifestamos nossa crítica ao rosto sujo, negligenciado e mal administrado que exibem as sedes sindicais de todos os grupos que existem e que vão existir. Nós, ao estilo dos monges tibetanos, começamos por limpar a nossa casa, colocando toalhas sobre as mesas e escolhendo as cores dos guardanapos, porque não são valores burgueses, mas parte da nossa vingança, que é ser feliz.¹⁰ (2005, p.157).

Independente de quem e quantas pessoas foram e são responsáveis pela fundação destes espaços, o que foi possível constatar a partir das respostas dadas ao formulário é que a gestão das casas sempre se dá de forma coletiva, horizontal e com a colaboração de agentes e artistas externos.

Diversos são os motivos que levaram e levam a fundação de casas culturais feministas na América Latina. As motivações que pude levantar em minha pesquisa variam, mas os objetivos são quase sempre muito semelhantes. Fatores políticos, sociais, culturais e econômicos são quase sempre os apontados.

A *Casa Virgen de Los Deseos*, foi fundada oficialmente em 2006 em La Paz, na Bolívia, pelo grupo *Mujeres Creando*, a partir da idealização de um casal de mulheres bolivianas lésbicas: Maria Galindo e Julieta Paredes. Antes da abertura da casa na Bolívia, Maria e Julieta, em conjunto com outro grupo de mulheres e homens, tentaram abrir um espaço cultural que abrigasse inúmeras e diferentes manifestações culturais e artísticas. Segundo Galindo, essa experiência foi frustrante, pois os homens que participavam da iniciativa projetavam no cotidiano toda sua bagagem cultural que impunha às mulheres as atividades domésticas e a servi-los (MUJERES CREANDO, 2005, pg 37). Quando fundaram a *Casa Virgen de Los Deseos*, Maria e Julieta não queriam que esse espaço seguisse o modelo individualista e tampouco que tivesse uma estrutura familiar. Elas tinham a proposta política de construir uma comunidade de mulheres cujo fim não fosse unicamente a união de necessidades, mas também a construção de novas utopias. Apesar de seus desejos e sonhos, a casa foi tomando um rumo de acordo com as exigências do cotidiano. Não se tratava apenas de uma casa

¹⁰Hemos querido una casa linda, con chimenea, una casa caliente, una casa comfortable porque hasta en esto que ustedes dirán que es un detalle manifestamos nuestra crítica al rostro sucio, descuidado y mal administrado que exhiben las sedes sindicales de todos los gremios habidos y por haber. Nosotras al estilo de los monjes tibetanos empezamos por limpiar nuestra casa, por ponerle manteles a las mesas y escoger los colores de las servilletas porque esos no son valores burgueses, sino parte de nuestra venganza que es ser felices. (2005, p.157) (texto original).

para morar, ou apenas um espaço para trabalhar, ou apenas uma iniciativa inovadora, era tudo isso e muito mais.

As ações do grupo *Mujeres Creando* iam ao encontro com as práticas sociais de suas lideranças, mulheres que ainda eram influenciadas pelos sonhos dos anos 70 e que enfrentavam, ao mesmo tempo, a realidade da democracia pela qual elas haviam lutado (MUJERES CREANDO, 2005, pg 40). De acordo com Galindo (2005), a Bolívia estava imersa em um estado caótico a nível político, social e econômico nos anos 80, e apesar do grande avanço na noção de democracia, as ideias das mulheres ainda não eram valorizadas dentro dos movimentos sociais de esquerda (MUJERES CREANDO, 2005, pg 41). A partir dessas questões, o grupo *Mujeres Creando* passou a desmistificar tudo que entendiam sobre populismo, maternalismo e paternalismo, construindo assim sua própria identidade ideológica fundamentada nas práticas concretas do anarquismo, no feminismo latino-americano, e na heterogeneidade. (MUJERES CREANDO, 2005).



Figura 10: Protesto do grupo *Mujeres Creando* em frente à catedral Santa Cruz, Bolívia, 8 de maio de 2014.

A *Casa Cultural Las Vulvas* foi fundada em 2016, ano em que diversos movimentos feministas brotavam nas ruas e na internet¹¹. Não lembro se em algum momento da minha vida sonhei em fundar uma casa cultural feminista. Mas posso dizer com toda a certeza que sempre sonhei com uma casa feminista, em morar em um lugar que fosse livre de todas as violências, abusos e machismos que presenciei e vivenciei durante toda minha infância e parte da minha adolescência. Eu e a Ana queríamos um lar e um local de trabalho livre de violências, de dominação masculina, de abusos, e preconceitos que já vivenciamos em outras casas em que moramos, queríamos um lar repleto de amor.

Segundo Bell Hooks (2020), artista, professora e teórica feminista, o amor tem um significado muito importante na vida cotidiana e também um papel transformador em qualquer movimento por justiça social. Como aponta Hooks, o amor não é presente para todas as pessoas, em um contexto social o amor é comumente destinado aos homens, na maioria das vezes são os homens que teorizam sobre o amor porque sabem o que é ser amado, já as mulheres, geralmente anseiam em receber amor (HOOKS, pg. 28, 2020). O amor, ou a falta de amor, é um aspecto importante, em um contexto geral, na vida de mulheres, pretas e pretos e LGBTQIA+. A sociedade patriarcal, racista e LGBTfóbica, diz o tempo todo, nos jornais, nos filmes, nos livros, nas artes em geral, dentro de casa, que o amor não é para todos. Foi com esse amor, compartilhado por mim e pela Ana, enquanto duas mulheres em uma relação romântica, que criamos a *Casa Cultural Las Vulvas*, um espaço que iria além da produção cultural e artística, também seria a casa da nossa família constituída por um casal lésbico, da nossa intimidade, assim como uma casa para acolher, receber outras pessoas. Tudo que fizemos na *Casa Cultural Las Vulvas* foi com amor, um amor feminista, amor capaz de amar mulheres, LGBTQIA+, pretas e pretos. Dar a identidade de *Casa Cultural Las Vulvas* à nossa casa, foi como demarcar um território de cultura feminista e LGBTQI+ na cidade de Pelotas.

¹¹ARRUZA, Cinzia Arruzza; BHATTACHARYA, Tithi Bhattacharya; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**. São Paulo: Boitempo, 2019

Muitas mulheres e dissidentes de gênero artistas se viram impulsionados a criar espaços onde fosse possível visibilizar e promover o debate feminista sem exclusão, preconceito ou violência e que a partir destes lugares fosse possível ocupar o espaço público. A emergência de abordar temáticas relacionadas ao fim das diversas opressões bateu à porta dessas gestoras culturais. Para a casa cultural feminista *Yukasa*:

La necesidad de hablar de Feminismos a través del activismo, ha sido una herramienta predilecta para tomarnos el espacio público y virtual, nos ha posibilitado hablar sobre el reconocimiento de nuestras identidades y experiencias de vida diversas en un territorio tan conservador y hostil donde se han invisibilizado las disidencias sexuales y las mujeres que trabajamos por el acceso y garantía de derechos. (YUKASA)

Fatores econômicos, a exclusão do mercado tradicional de trabalho e a busca por trabalhar em lugares seguros também impulsionam a abertura de casas culturais independentes e feministas, como o caso da *Casa Cultural Las Vulvas* e a da *Casa Xotita* no Brasil, e da *Casa Revueltas* no Chile.

A criação destes espaços depende também dos impulsos individuais das fundadoras. Cada uma das casas culturais feministas se distingue na sua especificidade. Mesmo que algumas tenham até o nome semelhante com outras, cada uma tem uma vivência única proporcionada pela subjetividade de cada pessoa que faz parte do espaço, pelo contexto político, social e cultural da cidade e da sociedade na qual está inserida, e, como aponta Nunes (2013), pelas posturas, intencionalidades distintas, orientações políticas e econômicas dos ideários das gestoras.

Como já dito na introdução deste trabalho, não foi possível precisar através da minha pesquisa o período de surgimento das primeiras casas culturais feministas, pela falta de fontes. No mapeamento realizado pude identificar que a grande maioria das casas mapeadas foram fundadas entre 2016 e 2018.

2.4 O imóvel

É notável que a maioria das casas culturais feministas mapeadas em minha pesquisa esteja localizada em imóveis alugados, poucas em imóveis ocupados ou em imóveis próprios. No formulário de perguntas respondidas por gestoras de 10 casas culturais feministas da América Latina, consta que todas estas iniciativas estão localizadas em imóveis alugados. O fato de precisar locar um espaço físico para a realização das ações também é um dado que interfere na sustentabilidade das casas culturais feministas.

A *Casa Virgen de Los Deseos* tem imóvel próprio comprado com parte em dinheiro que o *Grupo Mujeres Creando* conseguiu arrecadar com doações e outra parte com empréstimo que foi sendo pago durante a existência da casa. Não precisar arcar com custos de aluguel provavelmente é um fator que contribui com o maior tempo de existência das casas culturais feministas.

Algumas destas casas são somente centros culturais, outras são espaços residenciais, criativos ou de acolhimento. Em seu estudo sobre espaços independentes, a pesquisadora Kamilla Nunes comenta que a utilização de espaços residenciais é uma característica que envolve muitos desses espaços independentes. Como aponta Nunes:

utilizar o espaço da “casa” como um lugar de convivência e experimentação envolve diversas camadas de acordos, integrações, limites, regras e afetividades, a tal ponto que nem sempre é possível separar “obra” e “gestão”.[...] (2013, pg. 37).

A utilização de imóveis residenciais para a criação de espaços de arte independente é comum justamente devido ao difícil acesso à recursos. Muitas artistas e agentes culturais abrem sua própria moradia para ser um espaço cultural porque esta se torna a possibilidade mais viável. No caso da *Casa Cultural Las Vulvas*, não tínhamos a opção de morar em um lugar diferente do lugar que utilizamos para trabalhar, assim como não tínhamos a opção de trabalhar em outro lugar a não ser em nossa casa. *Yukasa* localizada na Colômbia e a *Casa El Nidxs* localizada no Peru também são espaços de moradia das gestoras, artistas e agentes culturais.

Assim como as condições necessárias para locação de um imóvel, a localização de cada casa cultural feminista também é um fator importante para entender as condições de cada espaço. Localizadas em periferias ou centros, em pequenas ou grandes cidades, o território que ocupam interfere na realidade das casas. Periferias e pequenas cidades costumam apresentar o problema de escassez de público. Centros e grandes cidades costumam proporcionar a vantagem de ter mais acesso, inclusive a recursos financeiros e visibilidade.

2.5 Especificidade de cada casa

Neste trabalho parto da ideia de que os espaços culturais independentes que abordo nesta pesquisa têm em comum, entre outros aspectos, o feminismo. Como abordarei no capítulo 3 desta dissertação, o fundamento do pensamento feminista que trago e que é possível constatar ser prática das Casas Culturais Feministas: é de um feminismo plural. Apesar destes espaços, muitas vezes, destacarem algumas pautas específicas do feminismo, na prática de suas ações e de suas narrativas é possível notar que tratam sobre outras realidades de exclusão e desigualdade.

Entre as Casas Culturais Feministas mapeadas iremos encontrar espaços que dão destaque ao transfeminismo, ao feminismo negro, ao feminismo lésbico, entre outros. A *Casa Chama*, por exemplo, localizada na capital de São Paulo, é uma casa transfeminista. Já a *Casa La Frida*, localizada em Salvador, na Bahia, tem uma identidade voltada às mulheres negras, mobilidade urbana e cicloativismo. A *Casa das Pretas*, em São Paulo, é um espaço de encontros, acolhimento, de produção e prática de saberes específicos da vivência das mulheres negras. O Espaço Cultural *Aireana La Serafina*, em Assunção, no Paraguai, foi criado pelo Aireana com foco no ativismo pelos direitos das mulheres lésbicas. A *Casa Brandon*, localizada em Buenos Aires, na Argentina, é também focada na cultura LGBTQIA+.

Também iremos encontrar entre as Casas Culturais Feministas mapeadas, espaços que priorizam atividades artísticas, e outros espaços que priorizam acolhimento e formação. A *Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal*, por exemplo, localizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, é focada no acolhimento e formação de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

A escolha do nome de cada espaço é outro aspecto muito importante na fundação das casas culturais feministas. Sem nos aprofundarmos, é possível perceber que a partir dos nomes escolhidos se busca traçar a identidade destes espaços. A *Casa Sofia*, localizada em Buenos Aires na Argentina, deve seu nome à Sofia Yussen, Madre de Plaza de Mayo e militante até os seus 105 anos de idade. Segundo as gestoras da casa, o nome é uma homenagem à luta, alegria e o espírito de festejar a vida de Sófia. *Aparelha Luzia*, localizada em São Paulo e fundada em 2016 pela artista Erica Malunguinho, mulher trans e negra, tem seu nome como referência aos aparelhos dos anos 1960 e 1970 que abrigavam aqueles que lutavam contra a ditadura e à Luzia, nome dado ao crânio feminino mais antigo que se tem conhecimento que viveu em terras brasileiras há mais de 12 mil anos. A *Casa Frida*, localizada no Distrito Federal, e a *Casa La Frida*, localizada em Salvador, têm seu nome em referência à artista mexicana Frida Kahlo, considerada um ícone para os movimentos feministas a partir dos anos 90.

No Brasil, a *Casa Cultural Las Vulvas* foi uma das primeiras casas culturais feministas, de que temos registro neste trabalho, fundada em 2016. Em 2018 foi aberta no Rio de Janeiro a *Casa Vulva* e em 2019 em São Paulo a *Casa Xottta*. Todas essas trazem para o nome da casa uma referência a uma parte do corpo culturalmente designado como mulher. Quando eu e minha noiva Ana Claudia, também gestora da *Casa Cultural Las Vulvas*, estávamos em processo de escolha do nome do nosso espaço, pensamos na palavra *vulva* como uma representação simbólica que narra um pouco sobre nossas identidades, principalmente enquanto um casal lésbico de mulheres cis e feministas abrindo um espaço abertamente de luta e resistência contra o machismo, sexismo, lgbtfobia, racismo e falocentrismo. O nome que escolhemos para identificar a casa, utilizar em todos os nossos materiais de divulgação, para estampar nos jornais locais, foi muito mal recebido pelas pessoas em geral. Como se *vulva* fizesse referência a algo pornográfico, imoral, algo a ser escondido, enquanto o *falo* é representado em diversos monumentos espalhados pelo mundo.

2.6 Objetivos e ações realizadas

No formulário respondido por 10 casas culturais feministas da América Latina, a maioria das casas apresentaram como seus objetivos principais: visibilidade das culturas feministas e o reconhecimento de identidades e experiências de vida diversas; uma produção cultural feminista voltada à transformação do mundo através do respeito à diversidade; a existência de espaços seguros, acolhedores, livres de violência e preconceito, para o encontro e trocas entre pessoas e a comunidade local.

Rompendo a lógica tradicional de uma residência, a casa e espaço feminista abre para servir como ponto de encontro para uma comunidade de mulheres e dissidentes de gênero, principalmente jovens; pode servir como espaço de trânsito e um espaço para construção de projeto de vida próprio; pode ser um lar onde não há abusos, autoridades, violências e privilegiados; pode ser um espaço utópico com fagulhas de um futuro possível; pode representar um outro espaço para a construção de uma nova história das mulheres.

As casas culturais feministas desenvolvem inúmeras atividades culturais e artísticas com foco principalmente em ações relacionadas à feminismos, transfeminismo, ecofeminismo, antirracismo, antiespecismo¹², anticapitalismo. Abordam temáticas como direitos culturais, políticos e econômicos das mulheres e dissidentes de gênero, direitos reprodutivos e não reprodutivos, violências de gênero e sexuais, direito à cidade, entre outras. Algumas oferecem serviço de assistência psicológica, médica e jurídica. Algumas desenvolvem campanhas de arrecadação e distribuição de roupas e alimentos para a comunidade local. Outras oferecem cursos gratuitos de formação para mulheres e LGBTQIA+. Outras ainda oferecem suporte para moradia e necessidades básicas e formam redes de apoio.

As ações desenvolvidas costumam depender da demanda da comunidade local e envolvem as diversas categorias da arte e cultura: cultura popular, circo, dança, música, teatro, etc. São realizados eventos como Slams, saraus de rua, shows de artistas independentes, exposições de arte, entre outros. A *Casa Cultural Gran Sur* citou, nas respostas do formulário, alguns exemplos de ações realizadas na casa:

¹²O movimento antiespecista, faz parte da pauta vegana e se dedica a lutar pela igualdade de todos os indivíduos sencientes.

tenemos ciclos que nacen de la casa como el ARDE –pastiche escénico- una variete mensual donde mujeres y disidencias comparten la escena con teatro, música, clown, danza, poesía. Nuestra fiesta mensual FLAMA –fiesta orgásmica- para danzar y militar el goce. PIBIFEM –pizza, birra y feminismos- ciclo de cine donde en cada edición proyectamos una peli e invitamos a realizadorxs, interpretes, para que luego podamos compartir en ronda el material (pasaron por el pibifem este año “Las hijas del fuego”, “El silencio es un cuerpo que cae” entre otras). El ciclo “Que sea canción” donde cantautorxs invitan a otras cantautorxs y juntas comparten canciones, bajo la propuesta de unir la música y la amistad. La agenda se completa con propuestas que nos llegan siempre contemplando el carácter feminista de la casa.

A Casa *Punto Gozadera*, localizada no México, realizou diversos eventos culturais desde sua abertura. Disponibiliza o espaço para a realização de shows, oficinas e produções culturais em geral. Os principais projetos citados pelas gestoras no formulário são: *Desayunos Cruda La Vida*, *Barra de bebidas gozosas* (produção de bebidas tradicionais para a sustentabilidade da casa), *Tiendita ArteSanas* (evento de promoção de venda de artesanatos) e *Red de Consumo Directo* (rede de divulgação e distribuição de produtos e serviços de mulheres).

Lanzamiento

Diagnósticos locales de acceso a la IVE
en Boyacá, Quindío y Huila

» **Panelistas:** **Sara Rodas Chingaté**
 Yukasa Feminista (Quindío)

Jessica Alejandra Guevara
 Red DeFemSoras (Boyacá)

Claudia Álvarez y Erika Saldarriaga
 Red Huilense de Defensa y Acompañamiento
 en DSR - RHUDA (Huila)

» **Moderadora:** **Ángela Mateus**
 Trabajo Regional
 La Mesa por la Vida
 y la Salud de las Mujeres

9 Sep | **5:00 a 7:00 p.m**
 YouTube  **La Mesa por la Vida
 y la Salud de las Mujeres**




Figura 11: Evento promovido pela YUKASA e outras iniciativas, 2021.

A Casa *El Nidxs*, localizada na Colômbia, realiza oficinas de horta, permacultura e compostagem, aulas de culinária vegana, cursos de autogestão, festas, rodas de conversa, projeções, círculos de leitura feminista e encontros de karaokes. *La Redada*, localizada também na Colômbia, tem entre seus diversos projetos a rádio *La Vox Populi*, criada para contribuir ativamente com o fortalecimento de um circuito artístico e cultural que se nutre de propostas de coletivos, grupos ou artistas independentes. Uma das gestoras do espaço afirmou no formulário de perguntas:

entendemos la casa y la radio como privilegios a los que no todas las personas pueden acceder, por lo cual intentamos asegurar que nuestras puertas se mantengan abiertas y sin costo para colectividades artísticas y culturales que reivindicuen experiencias de vida marginalizadas por cuestiones de raza, género, sexo, etc., y que necesiten amplificar sus voces y propuestas. Así, buscamos la co-creación y la co-gestión para el fomento, la producción y la circulación de las particularidades que se dan cuando se trabaja en red, con el propósito de alimentar y oxigenar los lazos de compromiso, solidaridad y trabajo que dotan de sentido a los espacios independientes. Así, La Redada es hogar de todo tipo de eventos y encuentros, permitiendo la realización de talleres, charlas, conciertos, proyecciones audiovisuales, ferias, etc., a través de los diferentes espacios y procesos que conforman el proyecto del espacio. (LA REDADA).



Figura 12: Evento produzido pela casa El Nidx, 2020.

Desde a sua fundação em 2016 a *Casa Cultural Las Vulvas*, já promoveu mais de 100 atividades de cunho artístico e cultural. Entre 2016 e 2021 foram produzidos na casa eventos como:

- Slam Poesia, competição de poesia falada. Evento realizado na rua, em frente a Casa Cultural Las Vulvas em parceria com a produtora Stay Black. O evento

contou com 7 edições e só foi ter apoio público financeiro na sua última edição. O evento foi interrompido pela pandemia da COVID-19. Passaram por esse evento artistas como a poeta Mel Lisboa, Poetas Vivos, DJ Dola, Bartira Marques, Flavinha Manda Rima, NightMare Beats, entre outras.



Figura 13: Slam Poesia, 1 edição, 2017.

- Encontro das Bruxas, encontro de mulheres e LGBTQIA+, com apresentações artísticas, feira de arte e artesanato, rodas de conversas, tatuagem e tarot. O objetivo do evento era a troca de experiência, a geração e distribuição de renda entre mulheres e LGBTQIA+. O evento contou com 9 edições. Passaram por esse evento artistas como: Mirna Xavier, Bárbara Medina, Bruno Carvalho, Liader Soares, Morgan Mahira, Bárbara Medina, Santa Meretriz, Clã Luas de Ísis, Paola Oliveira, Bruno Carvalho, Jonathan Teixeira, Samantha Godoy, Rainhas Arcanas, e Brunn Nascimento.



Figura 14: Encontro das Bruxas, 6 edição, 2107.

- Vulva Tattoo, evento de flash tatuagem com o objetivo de promover artistas mulheres e LGBTQIA+ tatuadoras em Pelotas. Foi o primeiro evento desse formato na cidade. Através desse evento mais de 20 artistas puderam ingressar profissionalmente na área. Passaram por esse evento artistas como: Cesar Couto, Mariana Pouey, Inda Rulio, Jennifer Capiroto, Amanda Machado, Isadora Silveira, Tatiane Bueno, Marina Peligrinoti; entre outras.
- Exposições de arte, gratuitas e abertas ao público em geral. Foram produzidas 10 exposições de arte na *Casa Cultural Las Vulvas*, de artistas como: Mirna Xavier, Priscilla Lampazzi, Fernanda Andara, Cesar Couto, Camila Porto, Victória Salomão, Wagner Mello, Helena Siqueira, Diana Kruger, Gabriela Cunha, entre outras.



Figura 14: Exposição de arte *Corpura*, da artista Pricilla Lampazzi, 2017.

- Apresentações artísticas, em sua grande maioria gratuitas e abertas ao público em geral. Recebemos na apresentações de artistas como: Larissa Baq, Thiago Ramil, Musa Híbrida, Rap Plus Size; Camila Cuqui; Laura Bastos, Banda Dhines, Master Drin; A Barda; Alana; Mariana Degani; La Tríade; D MIX CHARME; Kako Xavier e a Tamborada; Thabata Lorena; Allonso; Laddy Dee; Pérola Negra; Bartira Marques; Brisa Flow; entre outras.



Figura 16:: *Rap Plus Size* na *Casa Cultural Las Vulvas*, 2019.

- Rodas de conversa. Foram realizadas mais de 40 rodas de conversa na *Casa Cultural Las Vulvas*, com temáticas variadas que incluíam arte, cultura, feminismo, pautas LGBTQIA e antirracista. Já protagonizaram essas rodas artistas e agentes culturais como: a violinista Joyce Cruz, a dançarina Bruna Oliveira, a artista Luiza Eloi, a artista indígena Pietra Dolamita, a jornalista Ediane Oliveira, entre outras.



Figura 17: Roda de conversa na *Casa Cultural Las Vulvas*, 2019.

Outras artistas que passaram pela *Casa Cultural Las Vulvas* que são importantes de serem mencionadas: Angélica Freitas, Marília Floor, Fabiana Faleiros, Alice Porto, Émillie Fenouillat, Jéssica Porciúncula.

Além das suas próprias produções, as casas culturais feministas também servem como espaço de encontro, reuniões e organização de movimentos sociais. A *Casa Cultural Las Vulvas*, por exemplo, serviu como espaço de: reunião de coletivos

como o *Coletivo T Juliana Martinelli* e o coletivo *Nascer Sorrindo*; organização de eventos como *8M*, *Parada da Diversidade*; atividades de projetos como *Bordados Empoderado*; *XapaXana*; *Umbigo de Bruxa*; *Feira Papelera*.



Figura 18: *Parada da Diversidade Pelotas, 2019.*

2.7 Sustentabilidade dos Espaços

Como forma de sustentabilidade, os espaços culturais independentes em geral utilizam diversas estratégias como: produção de festas, inscrição em editais públicos e privados de financiamento cultural, empreendimentos criativos, oficinas pagas, contribuições espontâneas do público, vaquinhas online. Cada espaço determina sua forma de sustentabilidade através das oportunidades e vocações da casa. As oportunidades e vocações podem estar relacionadas às habilidades das pessoas envolvidas na casa; da realidade social e econômica em respeito a localização das casas; do envolvimento do público com as ações ofertadas, etc.

Na *Casa Cultural Las Vulvas*, a grande maioria dos eventos eram de acesso gratuito. Apesar da grande dificuldade, procurávamos sempre uma forma de manter as atividades gratuitas na casa e encontrar formas de financiá-las. O acesso a recursos públicos na cidade sempre foi muito difícil. Sem políticas públicas que ajudassem a manter espaços como a *Casa Cultural Las Vulvas* funcionando, a estratégia era procurar outras fontes de recursos para produzir as atividades. Solicitar apoio financeiro do público; vender artesanato e produtos culinários; e trabalhar com hospedagem, foram os meios que encontramos para conseguir distribuir renda entre artistas e agentes culturais que produziam atividades na casa.

A *Casa Xotta*, em São Paulo, mantém a sustentabilidade da casa através da oferta de serviços de tatuagem e com a venda de produtos como camisetas. A *Casa La Frida*, em Salvador, possui um café, uma oficina de bicicletas, oferta cursos com a cobrança de inscrições e recorre a apoios públicos e privados. A *Casa Virgen de Los Deseos*, em La Paz, na Bolívia, possui um café/restaurante, trabalha com hospedagens e venda de artesanato e produtos artísticos. A *Casa Frida* no Distrito Federal sobrevive da colaboração da comunidade, da renda das meninas que fazem doces, camisetas e cadernos artesanais para vender, além de uma arrecadação pela internet chamada *50 por Frida*, em que qualquer pessoa pode doar pelo menos até R\$ 10 todo mês, por meio de um carnê. *La Redada*, localizada na Colômbia, se sustenta por meio de aportes solidários das pessoas que frequentam e utilizam o espaço e por meio do trabalho com a iniciativa *La Republicana*, padaria vegetariana e vegana de pães artesanais.

2.8 Existência efêmera e principais dificuldades

No mapeamento que realizei, entre os mais de 40 espaços, o espaço cultural feminista mais antigo e ainda em funcionamento que encontrei na América Latina foi o *Centro Cultural Feminista Santa Elena*, fundado em 1929 por um grupo de mulheres com o propósito de fomentar a cultura em Santa Elena no Equador. Atualmente o espaço é gerido por mulheres idosas e funciona como um clube que se mantém com o apoio de pessoas associadas. Não encontrei dados suficientes para verificar se o espaço se trata de uma iniciativa independente. Outro espaço que ainda se mantém aberto e que funciona há mais de 20 anos é a *Casa Cultural Virgen de Los Deseos*, localizada em La Paz na Bolívia, fundada em 1995, e que pode ser entendida como uma das principais referências de casas culturais feministas da América Latina.

A escassez de fontes sobre o assunto não significa que espaços que têm os mesmos objetivos, ou objetivos semelhantes, que casas culturais feministas não existam há muito tempo. Segundo Galindo (2005, p. 150), se estivéssemos no século XIX, as casas culturais feministas da atualidade poderiam ser um quilombo ou um lugar de escravas fugitivas que se juntavam para se organizar em liberdade; se estivéssemos no século XVI poderiam ser um convento, esse fenômeno medieval que se transformou em um refúgio de mulheres que queriam escapar do casamento; daquelas mulheres artistas que queriam pensar, ler, e escrever livremente como é o caso da religiosa católica, poetisa e dramaturga nova-espanhola mexicano-espanhola Juana Inés de la Cruz (1667-1695); e daquelas que queriam viver seus amores e paixões destinados a outras mulheres. Alguns espaços inclusive trazem do passado referências como as citadas por Galindo. A *Aparelha Luzia*, a *Casa da Pretas* e vários outros espaços culturais independentes liderados por negras e negros se reportam a estes lugares como quilombos urbanos.

Paim (2012), em seu mapeamento de espaços independentes no Brasil, também reconhece a dificuldade de incluir em sua pesquisa todos os espaços que existiram e existem justamente porque esses espaços, muitas vezes, passam ao largo das histórias mais oficiais da arte, como salões, eventos ou galerias comerciais.

Além disso, assim como os espaços independentes em geral, as Casas Culturais Feministas são espaços híbridos em constante fluxo, efêmeros e transitórios. São também zonas de resistência, pois resistem ao sistema que as rodeia, à sua

hostilidade, aridez, violência, resistem à falta de apoio e recursos materiais, ao preconceito, a ameaças e ao boicote. O caráter efêmero destes espaços muitas vezes está relacionado à dificuldade em se manter resistente.

Como bem destacado na resposta da *Casa Nidx*, localizada em Cusco no Peru, no formulário, os sistemas vigentes, os governos atuais, o modelo econômico capitalista, não atendem as necessidades da grande maioria da população em geral e, portanto, as dificuldades financeiras pesam para iniciativas cujo lucro não está entre os objetivos:

Como bien sabemos, nuestras necesidades nunca caben en las agendas ni planes de gobierno de turno, al modelo neoliberal les conviene tenernos desinformadxs y precarizadxs, siempre dependientes a las migajas que se les antoje. Por ello, tenemos claro que organizarse, es resistir, y eso implica re plantearse y re crear/compartir herramientas y espacios seguros donde podamos intercambiar conocimiento, inquietudes, realidades a través de un trato honesto y horizontal, que centre su dinámica en las relaciones “humanas”, y re aprendamos y construyamos otras formas de relacionarnos, lejos de toda esa violencia que encarna el capitalismo y sus repugnantes intereses. Es así que, cansadas de pedir permisos/favores para reunirnos y conspirar, o de tener que gastar dinero en algún café, cansadas del frío de las calles y de lugares donde no podíamos permanecer por mucho tiempo o simplemente donde no nos sentíamos con la confianza de soltar nuestros sentires, decidimos mudarnos y colectivizar nuestro espacio de vivienda.

Hellen Frida, gestora da *Casa Frida* localizada em São Sebastião no Distrito Federal, em reportagem realizada ao *Correio Braziliense*¹³ em 2017, reconhece que pelo fato de a casa ser um espaço de resistência existem também pessoas da comunidade que não aprovam as atividades do local. “Nem todo ponto de resistência é visto com bons olhos porque a gente pensa na libertação das pessoas, para que elas possam criar novos valores”, comenta Hellen.

Como aponta Nunes (2013), duas realidades de espaços culturais independentes e que também são vivenciadas pelos espaços feministas, são a escassez de público e a falta de recursos financeiros. Esses são alguns dos motivos principais que levam ao fechamento desses espaços. Muitos desses espaços passam por reformulações, pausas ou até mesmo fecham antes do planejado.

O que se pode observar [...] é que todos os espaços estão em constante mutação. Surgem, desaparecem e reaparecem de acordo com suas limitações e afirmações frente à arte, ao circuito e às possibilidades de permanência no contexto em que são geridos. Contraditoriamente, eles se transformam em um

¹³Fonte: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/casa-frida-o-lar-da-cultura>.

ritmo cada vez mais intenso, ao mesmo tempo em que poderiam ser admitidos como lugares de repouso, de pausa, de construção de pensamento. O aspecto transitório permite que esses espaços possam seguir o fluxo das mudanças de paradigma da arte, que possam se articular para a construção de esferas públicas e de políticas culturais que estejam em consonância com as necessidades dos artistas e de suas próprias (NUNES, 2013, pg. 70-71).

Optei por colocar no mapeamento inicial da minha pesquisa apenas as Casas Culturais Feministas na América que estavam em funcionamento entre 2017 e 2018. Mas com a atualização do mapeamento para esta dissertação, inseri neste trabalho casas abertas posteriormente a 2018 e deixei casas que fecharam até o final dessa pesquisa. Pude constatar que, entre 2018 e 2020 algumas casas culturais feministas foram fundadas e permanecem abertas; outras foram fundadas e fecharam neste período, como a *Casa Vulva* fundada em 2018 em São Paulo, e a *Casa Pitanga* fundada em 2018 em Bagé no Rio Grande do Sul; e outras que já estavam em funcionamento antes acabaram fechando neste período, como a *Puebla Casa Cultural* fundada em 2017 na Colônia do Sacramento no Uruguai, a *Casa Oito* fundada em 2017 em Niterói no Rio de Janeiro, a *Casa das Crioulas* fundada em 2012 em São Paulo, e a *Casa Matria* fundada em 2017 na Argentina.

De acordo com alguns comunicados de dificuldades enfrentadas pelas casas, pude notar que o apoio financeiro poderia impedir o fechamento de alguns espaços. A última publicação nas redes sociais da *Casa das Crioulas* foi um pedido de ajuda financeira para manter a casa aberta:

já faz um tempo que não estamos tão ativas como gostaríamos. Não sei ao certo se são os astros, a crise, o golpe, o machismo...onde de fato esta fagulha de aquietação que nos pegou. Sei das tantas dificuldades que temos a seguir para continuar com a proposta de nossas ações vivas. Não sei se sabem, mas ainda não geramos recursos próprios para conseguir deixar a Casa das Crioulas tinindo como gostaríamos, por isso, muitas vezes falta pernas, fôlego para cuidar da nossa maternagem e ainda atender a quantidade de mulheres que nos procuram diariamente para que juntas possamos pensar em soluções. A questão é que dificilmente dá para acolhermos minimamente tantas mulheres sem recursos, sem nossas contas pagas. Depois de tanto feito, parar agora seria morrer na praia. E sabemos que a casa das crioulas é além do espaço, é uma missão, para onde formos cada integrante da casa leva nossos valores, nosso acolhimento, nossa escuta. Depois de quase 5 anos sem nenhum recurso que banque salários, despesas com muito cuidado e amor, fizemos o financiamento recorrente. Uma forma que encontramos coletivamente para que possamos dar uma guinada em nossas ações, e conseguindo minimamente termos recursos para continuar esta caminhada. Você assinando qualquer valor, estará colaborando com as portas abertas da casa, com mais materiais, com recursos e salários. Sabemos que tá f#\$%™, mas também já sabemos que juntas somos mais fortes. chega mais, chega junto. bora fortalecer. Somos resistência, somos o espaço que abre para a visibilidade da mãe autônoma. (CASA DAS CRIOULAS)

Apesar da tentativa da *Casa das Crioulas* em conseguir apoio financeiro para cobrir os custos básicos da manutenção do espaço, a vaquinha online não obteve nenhuma colaboração e a casa fechou as portas alguns meses depois. Recorrer à vaquinha online é uma estratégia utilizada por algumas casas culturais feministas da América Latina, mas infelizmente não funciona para todos os espaços. A *Casa Matria*, fundada na Argentina, em sua última postagem nas redes sociais deixou uma despedida relatando a dificuldade em manter o espaço aberto:

"Nada se pierde todo se transforma" el finde le dijimos adios al patio mas lindo que habitamos, a lxs que se cansaron, a lxs que nxs abrazaron y sostuvieron todo este tiempo. Bailamos y lloramos porque no queriamos cerrar pero tocó porque "el sistema capitalista es así", porque no hay burbuja que resista cuando el corazón se les pone ortiba, porque lxs ricxs pueden decidir muchas mas cosas que nosotrxs, pero nosotrxs decidimos no vendernos, no traicionarnos y entendimos que no solo importa identificar contra que nos rebelamos sino con quien lo hacemos y es por esto que nos quedamos sin casa pero con las ganas y lxs cuerpxs dispuestxs a a(r)mar todas las Matrias que hagan falta. Porque el domingo a la mañana unas pibitas se fueron llorando y preguntando a donde vamos a ir a ser nosotrxs? Porque muchxs se acercaron a la barra para preguntar que se podia hacer para que no cerraramos, porque lxs amigos estuvieron y están ahí para bancar los trapos, la parada y lo que vendrá, porque muchas personas asocian a Matria con la libertad y posibilidad de ser y hacer, con un espacio seguro para animarse (¿Cuants hicimos algo por primera vez en ese lugar hermoso?), porque lo invisible funciona así y no hay que ponerle demasiadas palabras. Quedense atentxs que vamos a necesitar de todxs lxs que se sientan convocadxs para sostener este espacio/idea que es Matria y que nxs pertenece a todxs... Les juramos que muy pero muy pronto vamos a estar activando alguna movidita por ahí para no extrañarnos tanto y apenitas podamos a(r)maremos un nuevo ranchito borracho de sueños y amor, porque si nos dicen que tenemos que quedarnxs solxs y quietxs nuestra venganza será encontrarnos y bailar. Gracias infinitas a todxs y cada unxs de lxs que fueron, son y seguirán siendo parte de la manada. (CASA MATRIA)

Os espaços e casas culturais feministas também estão sujeitos a fechar por causa de ameaças machistas, como é o caso da *Las Juanas*, espaço feminista em Chiapas, no México. O espaço fechou em outubro de 2018 após ter denunciado diversas agressões que vinha sofrendo por defenderem o direito ao aborto.

Las Juanas, espaço cultural feminista, se despede por tempo indeterminado neste dia 13 de outubro. Há 3 anos iniciamos um projeto político, lésbico, feminista e afetivo. [...] Nos últimos meses Las Juanas tem sido atacada de maneira direta, o primeiro ataque acontece após participarmos de uma convocatória para solidarizarmos com as companheiras latinoamericanas que acompanham abortos. Em uma madrugada um grupo de covardes passaram sangue nas portas de Las Juanas, levamos dias para poder lavar as paredes e janelas, mas seguimos e não nos pararam. O segundo ataque foi quando publicamos em nossa página a convocatória para nos encontrarmos e marchar no dia 28 de setembro, novamente voltaram a atacar deixando papéis com

sangue na porta principal e passaram sangue nas janelas. O terceiro ataque foi de maneira direta a uma de nossas integrantes, publicando seu perfil do facebook em um grupo secreto de “motonetos ao resgate” fazendo ameaça direta como pulverizar-lá com gasolina e prender fogo nela, indicando que sabiam onde encontrá-la. Estes ataques e ameaças diretas têm colocado toda a equipe de Las Juanas em risco constante, sabemos que no sul do México prender fogo em uma pessoa é uma ação comum e constante, basta ver as notícias nos meios a respeito. [...] Isto nos levou a pensar no autocuidado físico e emocional, precisamos de tempo e espaço para acomodar e refletir sobre o acontecido, é por isso que decidimos fechar Las Juanas por tempo indeterminado, pensando em um momento futuro voltar a abrir em outro lugar, outro espaço, quiça em outro território.¹⁴ (comunicado do Las Juanas feito em sua página no facebook).

Como destaca Nunes (2013) os espaços culturais independentes, mesmo com dificuldades financeiras e estruturas precárias, passam a ter em algumas cidades o papel de fomentar produções na área de cultura e da arte no mesmo sentido que instituições oficiais. Em lugares onde os equipamentos culturais são escassos ou inexistentes, as casas culturais independentes preenchem uma lacuna que deveria ser de responsabilidade do Estado: o acesso à cultura, que também é um direito humano. As casas e espaços culturais feministas são ainda mais pontuais, pois reconhecem a desigualdade do acesso à cultura entre homens e mulheres, entre heterossexuais e LGTQIA+, entre raça, e insere uma reflexão nesse universo que diz respeito à necessidade de promover uma produção cultural focada na visibilidade de corpos excluídos do protagonismo da arte e do fazer cultural. A Hellen Frida gestora da *Casa Frida* localizada em São Sebastião no Distrito Federal, na reportagem já citada anteriormente do *Correio Braziliense*, afirma: “temos convicção que a *Casa Frida* existe porque há uma lacuna do governo que não consegue promover arte e cultura nas

¹⁴ Las Juanas espacio cultural feminista se despide por tiempo indefinido este 13 de Octubre. Hace 3 años iniciamos un proyecto político, lesbiano, feminista y amoroso. [...] En los últimos meses las Juanas ha sido atacado de manera directa, el primer ataque ocurrió después de participar en la convocatoria para solidarizarnos con las compañeras latinoamericanas que acompañan abortos, una madrugada un grupo de cobardes aventaron sangre en las puertas de las Juanas, nos tomó días poder lavar las paredes y ventanas pero seguimos y no nos pararon, el segundo ataque fue cuando se hizo pública desde la página la convocatoria a encontrarnos y marchar el 28 de septiembre, nuevamente volvieron a atacar dejando papeles con sangre en la puerta principal y rociando sangre las ventanas, el tercer ataque fue de manera directa a una de nuestras integrantes, publicando su perfil de Facebook en el grupo secreto de “motonetos al rescate” haciendo amenazas directas con rociarle gasolina y prenderle fuego, indicando que sabían dónde encontrarla. Estos ataques y amenazas directas han puesto a todo el equipo de las Juanas en riesgo constante, sabemos que en este sur de México prenderle fuego a una persona es una acción común y corriente, basta con ver las noticias en los medios al respecto. [...] Esto nos ha llevado a pensar en el autocuidado físico y emocional, necesitamos tiempo y espacio para acomodar y reflexionar en lo acontecido, es por ello que hemos decidido cerrar las juanas por tiempo indefinido, pensando en un momento futuro volver a abrir en otro lugar, en otro espacio y quizás en otro territorio. **(texto original)**.

periferias de forma horizontal. A gente luta para que isso acabe e, quando acabar, a *Casa Frida* não terá a necessidade de existir”.

Para Nunes uma das características dos espaços culturais independentes é sua constante mutação. Eles surgem, desaparecem e reaparecem de acordo com suas limitações e afirmações frente à arte, ao circuito e às possibilidades de permanência no contexto em que são geridos.

A sustentabilidade das casas culturais feministas é considerada uma das principais dificuldades desses espaços. A partir de 2020, com o surgimento da pandemia da COVID-19, estes espaços que dependiam grande parte de recursos advindos de pessoas frequentadoras das casas ou de apoio para a realização de atividades presenciais, se viram ainda mais em dificuldade.

Algumas casas não resistiram e tiveram que fechar as portas e entregar o imóvel, como a *Casa Pitanga* localizada em Bagé no Brasil, e a *Casa Punto Gozadera*, localizada no México. Ambas continuam com a intenção de realizar atividades de forma online e pretendem, quando findar a pandemia, retomar seus espaços físicos. A *Casa Cultural Gran Sur* resistiu até o final de 2020, mas também teve que fechar o espaço e entregar o imóvel. Nas redes sociais, a *Casa Gran Sur* deixou este comunicado:

En la esquina de Boedo y Rondeau, al sur de la ciudad, hay una casa grande con ventanales que invitan entrar al sol y al barrio. La construimos desde abajo, proyectándonos tan alto como sus techos, haciendo de ese espacio nuestra trinchera. Se la habito de sueños y deseos, de lucha y organización, de arte transfeminista y cultura popular. En su enorme salón, lleno de banderines de colores, colgamos nuestros pañuelos verdes, la wiphala, la del 26 de Julio, la del orgullo. Nos dimos millones de debates, nos besamos, nos abrazamos, lloramos y celebramos. Las compañeras de la ronda se pensaron juntas, nunca más solas. Pibis jugaron y disfrutaron de propuestas pensadas para elles. Compartimos ese espacio con otros colectivos que necesitaban un lugar para sus actividades. Docentes se encontraron para seguir repensando su quehacer, defendiendo la educación pública y popular. Talleristas compartieron sus saberes, encontrando en el Gran Sur un espacio de contención y valoración de su trabajo. Artistas ensayaron y crearon sus obras. Fue una pista de baile soñada, que nos encontró sudades bailando un sin fin de ritmos, improvisando coreos y canciones. Este año, ése amplio salón, se transformó en un ropero comunitario enorme, porque quisimos junte otros, dar respuesta al frio y a la pandemia que acechaban. Su escenario (no escenario) se llenó de artistas autogestionades, priorizando que la escena la ocupen mujeres, lesbianas, trans travestis, marikas, no binaries, bisexuales, como sucedió en nuestro adorado ciclo “ARDE” o en el “PiBiFem –Pizza, birra y feminisimos- “ donde charlamos en torno a las producciones audiovisuales de mujeres y disidencias junto con los equipos de realización.

Su cocina albergó los aromas más ricos de la mano de nuestras compañeras. Allí cocinamos la comida para todos los encuentros plurinacionales, compartimos mates y birras, nos juntamos alrededor de su mesa para seguir pensando nuestra casa. Este año, junto al Ropero Comunitario, hicimos junto a otros colectivos y vecines, la OLLA POPULAR LA TERNURA DE LOS PUEBLOS, donde cada domingo cubrió el almuerzo de aproximadamente 200 personas, buscando no solo garantizar el derecho al alimento

si no que también sea un espacio donde circule la palabra, la escucha, la contención y el refugio para quienes más lo necesitan.

En la parte de arriba de la casa, el Bachi Popular Independencia desarrolló su proyecto de educación popular para adultxs y nos encontró miles de veces compartiendo charlas, talleres y jornadas de obra y mantenimiento.

Nuestra casa que siempre se pensó abierta a la vereda y a la calle, la llenamos de música y encuentro. En cada San Jamás, nuestro festival de fin de año, la ocupamos con propuestas para todes, reivindicando la lucha, la alegría y la fiesta.

Hoy, lamentamos comunicar que ESTA CASA, DONDE VIVIMOS TODO ESTO Y MUCHO MÁS, CIERRA SUS PUERTAS. En este duro año generamos varias iniciativas para seguir sosteniéndonos: hicimos una campaña para recibir aportes económicos, vendimos comida (el famoso locrito del Gran Sur), presentamos sin fin de carpetas para subsidios de los cuales no hemos recibido ni uno. Se nos hizo imposible seguir sosteniendo los gastos y el alquiler del espacio, que son enormes.

Esto es resultado de la EMERGENCIA CULTURAL que estamos atravesando: artistas sin trabajo, espacios que cierran. DENUNCIAMOS la falta de apoyo real a los espacios de cultura independiente por parte del Estado, porque si algo puso de relieve la pandemia es la precariedad que sufre nuestro sector desde siempre: en estos años, resistimos dos clausuras, nos endeudamos para poder costear los requisitos para la habilitación, soportando trámites eternos, burocracias y persecuciones por parte del Gobierno de la Ciudad.

Nosotres pusimos nuestros cuerpos, militancia, corazones y bolsillos para sostener la casa, siempre cuidando que nadie quede afuera, con entradas gratuitas, a la gorra o precios populares. Defendiendo siempre el trabajo de les artistas, buscando que se sientan cómodos y queridos.

DONDE NO ESTÁ EL ESTADO ESTAMOS NOSOTRES, generando con otres: una olla popular y ropero comunitario. Nuestra casa no cerró por la pandemia, se puso al servicio de las necesidades del pueblo porque estamos convencidos de que nadie se salva solx. También de forma virtual, continuamos generando puentes entre artistas y público, con nuestros ciclos "Pandemia Cultural", "PiBiFem", "Corona Lip Sync" y "Habitando la imagen", intentando acortar distancias, seguir produciendo arte, manteniendo vivo el hecho artístico, adaptándolo a formatos virtuales, únicos medios posibles en esta nueva normalidad.

Sabemos que los espacios son los proyectos que alberga y esos proyectos los motorizan personas. Esta casa, que nació de la Juana que luego fue Siembra y que construimos con muchos otres de aquí y de allá, hoy cierra sus puertas. Pero nosotres seguiremos, mutando y multiplicándonos en miles de colectivos y proyectos, sosteniéndonos en las redes afectivas que supimos sembrar y cosechar, gritando bien alto que LA CULTURA ES NUESTRO DERECHO, QUE ACÁ NO SE RINDE NADIE, QUE SEGUIREMOS LUCHANDO CON ALEGRE REBELDÍA PARA TRANSFORMARLO TODO. Nos vemos en la escena, en la calle, en la fiesta, en la lucha, siempre.



Figura 19: *Pandemia Cultural*, último evento promovido pela *Gran Sur Casa Cultural*, julho de 2020.

2.8.1 Fechamento da *Casa Cultural Las Vulvas*

Eu e a Ana sonhávamos em manter a *Casa Cultural Las Vulvas* em funcionamento por muitos anos. Planejávamos o futuro da casa, organizávamos ações, gerenciávamos as possibilidades. Nunca esperamos, assim como a grande maioria de todas as outras pessoas, que nosso sonho fosse ser interrompido por uma pandemia,

especificamente pela COVID-19. Quando a doença atingiu a China e tive esperança que o país iria conter o vírus e que ele nunca se disseminaria para o resto do mundo. Em 2 meses aumentaram as notícias de mortes e situações desumanas agravadas pelas desigualdades sociais enquanto o vírus avançava rapidamente de país a país.

Quando a COVID chegou ao Brasil tivemos que fechar imediatamente as portas da *Casa Cultural Las Vulvas*. Sem saber quanto tempo essa situação iria durar, e tendo nossa fonte de renda totalmente interrompida, sabíamos que estávamos diante da possibilidade de fecharmos pra sempre a *Casa Cultural Las Vulvas*. Mas não desistimos antes de tentar. Primeiramente criamos uma vaquinha online e solicitamos apoio de pessoas para o custo de aluguel do espaço. Conseguimos o valor suficiente para cobrir 3 meses de aluguel. Foi nesse momento que entrei em contato com outras casas culturais feministas da América Latina para saber como a COVID as estava afetando e quais estratégias estavam adotando para enfrentá-la.

Localmente, em Pelotas, iniciamos um movimento de reunir artistas e agentes culturais para construir coletivamente formas de manter nossos trabalhos, nossas rendas, a arte e cultura vivas. Pressionamos a Secretaria Municipal da Cultura a distribuir a verba municipal da cultura de forma emergencial para artistas e agentes culturais locais. Conseguimos a liberação de uma pequena verba da Secult Pelotas, que cobriria um mês de aluguel da casa, através de um edital chamado *Sagrada Casa*. Em paralelo, reivindicamos direitos e unimos vozes ao movimento nacional de artistas e agentes culturais que reivindicavam políticas públicas emergenciais para o setor da cultura. Sendo a cultura o setor mais afetado pelas medidas restritivas que estavam sendo adotadas no Brasil, em agosto de 2020 foi regulamentada a Lei Aldir Blanc, lei de apoio emergencial à cultura, que tinha como objetivo distribuir recursos financeiros para artistas, agentes culturais e espaços culturais.

Apesar de emergencial, os recursos da *Lei Aldir Blanc* só chegaram à classe cultural a partir de dezembro de 2020. Até esse momento, muitos artistas e agentes culturais perderam seus trabalhos e ficaram completamente sem renda. Acessamos o recurso da *Aldir Blanc* voltado à espaços culturais, o primeiro recurso público nacional voltado à manutenção de espaços independentes, que garantiu o pagamento de 9 meses de aluguel da *Casa Las Vulvas*. Não conseguimos acessar recursos para manter atividades culturais, que poderiam ser ofertadas e realizadas de forma online.

Ainda em 2020, sem poder realizar atividades culturais e artísticas na casa, nos mobilizamos junto a outras instituições e coletivos locais, como: o *Coletivo T Juliana*

Martinelli; o *Instituto Federal do Rio Grande do Sul* e a *Universidade Federal de Pelotas*, com a campanha *LGBTI+ contra a Covid-19*, campanha de arrecadação e distribuição de cestas básicas para LGBTI+ afetados pela pandemia. Em 2021 realizamos o último evento da *Casa Cultural Las Vulvas*, a *Mostra Híbrida*, mostra internacional online de audiovisual, com a exibição gratuita e online de 50 produções audiovisuais independentes.

Conseguimos manter o espaço até o final de 2021. Apesar da diminuição do agravamento da pandemia, não tínhamos mais condições e nem recursos para retomar as atividades da *Casa Cultural Las Vulvas*. Em dezembro de 2021, encerramos definitivamente as atividades da casa.

A trajetória da Casa Cultural Las Vulvas foi reconhecida através do *Prêmio Movimento Cultura*, promovido pela Secretaria Municipal da Cultural em 2019 e pelo *Prêmio Trajetórias Culturais Mestra Sirley Amaro* promovido pela Secretaria Estadual da Cultura em 2021. Mas foi o legado de um território urbano feminista que marcou a existência do espaço. Esse legado se reflete na trajetória de muitas artistas mulheres e LGBTQIA+ que se apresentaram pela primeira vez ao público na *Casa Cultural Las Vulvas*, na valorização de muitas artistas mulheres e LGBTQI+ que receberam seu primeiro cachê, na vida de muitas mulheres e LGTQIA+ que foram acolhidas em momentos de sofrimento das violências vividas, no contato do público de cada evento com a diversidade, na minha vida e na da Ana enquanto mulheres e um casal que viveu toda essa história.

As produções culturais seguem, mesmo sem o espaço físico da casa, mas com artistas que adentraram e fizeram morada nesse espaço, como a artista Laddy Dee, rapper, carnavalesca, mulher preta de 40 anos, faxineira, um dos maiores legados da *Casa Cultural Las Vulvas*. Tenho orgulho e vergonha em dizer que a *Casa Las Vulvas* foi um dos únicos espaços a receber a Laddy Dee como uma cantora de RAP, orgulho por fazer parte da trajetória dessa artista, vergonha por fazer parte de um mundo que fecha as portas para alguém como Laddy Dee.

2.9 A Conexão entre Casas Culturais Feministas da América Latina: formando uma rede.

Diante da maior dificuldade já encontrada durante a existência da *Casa Cultural Las Vulvas*: a Covid-19, me vi ainda mais motivada em saber o que estava acontecendo com os outros espaços que eu havia mapeado. No final de março de 2020 iniciei o contato via redes sociais com algumas casas culturais feministas. Me apresentei, apresentei a *Casa Cultural Las Vulvas*, falei sobre o mapeamento que eu havia realizado, que acompanhava os espaços pelas redes sociais, e propus a criação de um grupo no whats para que pudéssemos nos comunicar em coletivo.

Obtive respostas das seguintes casas: *Casa Xottta* e *Casa Chama* localizadas no Brasil, *Casa Cultural Gran Sur* localizada na Argentina, *Punto Gozadera* no México, *Casa Revueltas* no Chile, *El Nidxs* e *La Munay* no Peru, *Yukasa* Colombia, *La Morada*, *Centro Cultural Feminista Santa Fé*. A gestora da *Casa Gran Sur* na Argentina, La Flor, foi muito receptiva ao meu contato e propôs que a partir destas conexões pudéssemos criar uma rede de casas culturais feministas da América Latina. Apesar do cenário que nos cercava, esta proposta que correspondia ao meu objetivo com esta pesquisa, me deixou muito feliz. Mesmo que estes espaços não sobrevivessem à pandemia, poderíamos de alguma forma criar um registro coletivo de sua existência.

Criamos o grupo no whats dia 05 de abril de 2020 com a presença de gestoras de 11 espaços culturais feministas localizados na Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Chile, México e Perú. Realizamos em 2020, 5 reuniões em vídeo online com a presença de gestoras das casas participantes. Essas reuniões tiveram como objetivo: nos apresentarmos e apresentarmos nossos espaços; relatar sobre o contexto atual da pandemia em cada país e as dificuldades encontradas por mulheres e pessoas dissidentes de gênero; traçar ações coletivas futuras.

Através do grupo as casas passaram a compartilhar suas programações de atividades e ações para que fossem difundidas pelos outros espaços. A *Yukasa* continuou realizando o *Cine Yukasa*, agora de forma online, projeto que tem como objetivo difundir a produção audiovisual independente feminista e LGBTQIA+. A *Casa*

Cultural Gran Sur passou a realizar rodas de conversa online, sendo a primeira delas sobre os desafios da quarentena no setor cultural e artístico. A partir do compartilhamento das agendas surgiram convites para que as gestoras dos espaços participassem de eventos de outras casas culturais feministas. O primeiro convite partiu da *Casa Cultural Gran Sur* para participação no evento *Corona Lip Sync*, atividade online de competição em performance de dublagem.

Na primeira reunião online entre as gestoras das casas culturais feministas participantes do grupo, no dia 10 de abril na plataforma *zoom*, o que todas nós queríamos saber era sobre a situação atual de cada casa e das pessoas envolvidas com elas: se estavam bem de saúde física e mental, se seus familiares estavam em segurança, como que fariam para sobreviver financeiramente e manter os espaços, se continuariam a realizar atividades ou não, etc. Em outros momentos as questões comuns eram: se havia e quais eram as estratégias de contenção do vírus em cada país; se os governos estavam preocupados em investir em pesquisa, testes, vacinas; como estava a questão econômica; se as narrativas dos governos eram negacionistas; o número de mortos.

Logo nas primeiras interações diversas gestoras das casas culturais feministas participantes do grupo manifestaram o desejo de criação de uma Rede Latinoamericana de Casas Culturais Feministas. Colocamos este desejo como objetivo do grupo. Discutimos sobre os aspectos em comum destes espaços, sobre os feminismos que guiam nossas produções, e sobre possíveis ações a serem realizadas em coletivo.

Na segunda reunião online do grupo, surgiram propostas de construções coletivas como: intercâmbio de informações sobre financiamento internacional; criação de um fundo coletivo para apoio de todas as casas da rede; agenda comum para difundir os espaços; podcasts, ciclo de conversas e um festival online de arte. As gestoras da *Casa La Redada* sugeriram a criação de uma publicação coletiva de forma a registrar a existência e memória das casas culturais feministas. Propus a criação de um Zine Digital, no qual eu já havia pensado em realizar após a conclusão da minha monografia em Artes, com informações básicas de cada espaço. A ideia foi acatada e fiquei responsável pela construção do Zine.

Apesar de alguns espaços continuarem produzindo eventos, desta vez de forma online, todas as gestoras manifestaram no grupo a dificuldade em seguir com as produções devido a distância imposta de artistas e agentes culturais, a preocupação com as necessidades básicas e a saúde das pessoas, e a falta de recursos para realizar as atividades e pagar as pessoas envolvidas. Para tentar manter o espaço, algumas casas culturais feministas criaram durante a pandemia vaquinhas online, como a *Casa La Redada*, a *Casa Cultural Las Vulvas*.

Outras iniciativas que foram realizadas por algumas das casas culturais feministas foram campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos e produtos de higiene. Com a *Casa Cultural Las Vulvas*, por exemplo, realizamos a campanha LGBTI+ contra a COVID 19, cujo objetivo foi distribuir cestas básicas para LGBTI+ em situação de vulnerabilidade agravada pela pandemia. No grupo também eram compartilhadas informações e movimentos de luta pelos direitos humanos de mulheres e LGBTQIA+ em cada país, e as difundimos internacionalmente.

Para fim de compartilhamento de informações e registro dos encontros em vídeo chamada, criamos um documento online para que fossem, por cada gestora, levantadas informações básicas de cada espaço e para que, coletivamente, registrássemos os encaminhamentos feitos em cada encontro. Posteriormente, para fins desta pesquisa e para compartilhamento entre as casas, criei um formulário online (ANEXO II) com 13 perguntas básicas de identificação de cada espaço. Esse formulário foi compartilhado no grupo do whats com as casas participantes e também enviado, por meio das redes sociais, para outras casas que não compunham o grupo. As casas que responderam ao formulário foram: *Casa Cultural Gran Sur* e *Casa Sofía*, ambas localizadas na Argentina; *Casa Chama* e *Casa xoTTTa*, localizadas no Brasil; *La Morada Casa Cultural Feminista*, *La Redada* e *Yukasa Feminista* localizadas na Colômbia; *Casa Revueltas*, no Chile; *Punto Gozadera*, no México; e *El Nido/ El Nidx*, localizada no Perú. A única casa que respondeu ao formulário e que não faz parte do grupo foi a *Casa Sofía*, localizada na Argentina.

Como foi possível identificar através das respostas dadas ao formulário, a grande maioria das gestoras destas casas participantes desconheciam a existência de outras casas culturais feministas antes da fundação de seus espaços, e até o momento

da criação do grupo também. Isso condiz com o que motivou minha pesquisa: a falta de conhecimento de outros espaços como a *Casa Cultural Las Vulvas*.

2.9.1 O Zine Casas Culturais Feministas da América Latina

Apesar de tantos desejos e propostas coletivas, a única produção que conseguimos realizar foi o zine digital *Casas Culturais Feministas da América Latina* (ANEXO III), produzido entre maio e junho de 2020 e amplamente divulgado em julho de 2020. O Zine é composto por informações básicas de 22 casas culturais feministas da América Latina, sendo a primeira edição das 2 edições propostas. Produzimos o zine em língua portuguesa, mas com o objetivo de criar uma versão em espanhol já que este é o idioma principal dos países onde estão localizadas a maioria das casas culturais feministas da América Latina.

O Zine foi disponibilizado na plataforma *issuu*¹⁵, nas redes sociais das casas culturais feministas parceiras e gratuitamente através de e-mail. Na plataforma *issuu* o zine teve mais de 500 acessos, nas redes sociais atingiu mais de 1.000 pessoas e foi disponibilizado gratuitamente através de e-mail para mais de 50 pessoas.

O grupo não conseguiu dar prosseguimento às propostas levantadas pela Rede devido às dificuldades locais impostas pela pandemia. Os encontros foram ficando cada vez mais escassos por diversos fatores. Quando foi anunciado no grupo o fechamento do espaço físico da *Punto Gozadera* e posteriormente da *Casa Cultural Gran Sur*, as ações da rede foram interrompidas e o grupo utilizado apenas para contato e compartilhamento de ações.

¹⁵[Zine Casas Culturais Feministas da América Latina by Casa Cultural Las Vulvas - issuu](#)

Capítulo 3

“A América Latina será toda Feminista”

Delimitei esta pesquisa, entre outros fatores, no território denominado América Latina. Como relatei na introdução deste trabalho, minha intenção principal era pesquisar casas culturais feministas no Brasil. Sou graduada em Relações Internacionais, mas meu objetivo primeiro não era realizar uma pesquisa na área. Parece que meu caminho me trouxe até aqui. E quando relembro meu passado, minha trajetória de vida desde a memória mais tenra, e reflito sobre tudo que vivi e vivo, se destaca o quanto fui conhecendo do mundo pouco a pouco, o como fui por muitos anos alheia ao coletivo, o como fui enxergar como funciona a vida em sociedade, as estruturas de poder, só durante minha formação em Relações Internacionais.

Talvez minha formação em RI tenha sido um fator extremamente importante para eu entender a importância das casas culturais feministas da América Latina, para eu perceber que o que eu e a Ana fazíamos na *Casa Cultural Las Vulvas* era conduzido por movimentos coletivos e até mesmo ancestrais que nos moviam enquanto mulheres, e LGBTQIA+, e classe D e E, latinas, a agir no mundo inspiradas em muitas outras vozes. Minha formação me permitiu entender também que agir localmente também é agir globalmente, que o feminismo é internacionalista, que não precisamos rodar o mundo para mudar o mundo.

As casas culturais feministas que mapeei nesta pesquisa estão localizadas nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai e Peru. Em uma perspectiva decolonial, as casas culturais feministas estão localizadas em *Abya Yala*, nome original deste território colonizado. Pensar a partir dessa perspectiva significa reconhecer que os efeitos da colonização deste território perdura até os dias atuais em diversas dimensões da vida, tanto materiais quanto simbólicas. Como destaca Maria Lugones, uma das principais teóricas do feminismo decolonial:

a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geoculturais e sociais. ‘América’ e ‘Europa’ estão entre essas novas identidades geoculturais; ‘europeu’, ‘índio’, ‘africano’ estão entre as identidades ‘raciais’. Essa classificação é a ‘expressão mais profunda e duradoura da dominação colonial’ (pág 58, 2008).

A América Latina e o Caribe (CEPAL, 2018) foram construídos a partir das opressões de gênero, raça e classe que fundamentam a dinâmica das relações de poder. Isso quer dizer que essa região se formou a partir da imposição de uma perspectiva de mundo eurocêntrica e androcêntrica, persistente até hoje, onde os homens cis-hetero-brancos ocupam uma condição privilegiada na estrutura econômica, política e social sobre as mulheres em geral, particularmente sobre as mulheres negras e afrodescendentes.

É justamente o que este território carrega em suas raízes enquanto *Abya Yala* e em sua dominação colonial enquanto América Latina, que aproxima tanto as casas culturais feministas mapeadas, que as faz tão semelhantes e com objetivos tão afinados.

3.1 O Feminismo na América Latina

Julieta Paredes (1994), artista, teórica feminista e uma das fundadoras da *Casa Virgen de Los Deseos*, define o feminismo como a luta e a proposta política de vida de qualquer mulher em qualquer lugar do mundo, em qualquer etapa da história, que tenha se rebelado diante do patriarcado que a oprime. Definição, que segundo Paredes, permite que a gente se reconheça nossa ancestralidade “aymaras, quechuas e guaranis rebeldes e antipatriarcais”. (pág 195, 1994). Para a artista e teórica Maria Galindo, também fundadora da *Casa Virgen de Los Deseos*, o feminismo é a oportunidade de repensar toda a sociedade a partir das mulheres, é um conjunto de lutas e rebeldias das mulheres, tanto individuais como coletivas, para enfrentar e desobedecer os mandatos patriarcais. Segundo Galindo, “apropriarse del término es, de alguna manera, apropiarse del horizonte para supuestamente ser los protagonistas de esta lucha. Apropiarse de la teoría es apropiarse de la fuerza conceptual y argumentativa de un movimiento” (pág. 18, 2013).

Reconhecer nossa ancestralidade cujo território ainda era *Abya Yala* é reconhecer que a luta pela libertação das mulheres, começa muito antes do surgimento da crítica feminista eurocêntrica, muito antes da denominação *feminismo*. A luta pela libertação das mulheres vai muito além do surgimento das teorias feministas, é uma prática ancestral de muitas mulheres no mundo inteiro. Buscar resgatar as histórias de luta e resistência das mulheres ancestrais que habitaram este território, assim como resgatar as nossas próprias histórias e práticas, são de extrema importância para que a

gente consiga traçar um horizonte para o mundo que queremos.

Yuderkys Espinosa Miñoso (2019), pesquisadora e ativista antirracista, antisexista e descolonial, diz que para entendermos a feminista que somos a partir da América Latina, precisamos resgatar as nossas memórias, as nossas histórias a partir das nossas experiências, a partir do nosso ponto de vista, o que chama de “genealogia da experiência”.

“O ponto de vista que quero produzir a partir da minha experiência no feminismo na América Latina é um ponto de vista produzido quando somos/habitamos um corpo submetido ao empobrecimento, ao despejo, e à negação sistêmica de sua capacidade de desenvolver saberes, críticas e projetos de futuro. [...] A pergunta sobre como nos tornamos as feministas que somos e o que feministas na América Latina estão fazendo ao fazer o que fazem será respondida por uma sujeita produzida entre mundos: essa que sempre será habitada pelo bairro de gente negra e empobrecida de onde veio; essa que viu o mundo dos brancos ricos na televisão, no cinema, no padrão, no grupo de meninas brancas-mestiças de classe alta que zombavam dela na escola; essa que ao chegar à universidade e ao feminismo - lugares privilegiados definidos em termos de raça e classe - pôde terminar de conhecer essa sensação peculiar ‘de olhar a si mesmo sempre através dos olhos dos outros’.” (pág. 109, 2019).

Miñoso (2019) propõe uma nova abordagem do feminismo a partir da América Latina, com o objetivo de desvendar o que sustenta as práticas feministas, o como nos tornamos as feministas que somos a partir de um espaço denominado ‘Terceiro Mundo’.

“Nem feminismo latino-americano, talvez nem feminismo na América Latina, já que o feminismo regional acolheu tenazmente certa razão feminista como pretensão de universalidade. Se parece que não há surpresa diante da afirmação de que o feminismo responde à modernidade, precisamos nos perguntar como nos dispusemos a segui-lo nas regiões do mundo onde a modernidade se revela como é: racista, eurocêntrica, capitalista, imperialista e colonial”. (pág. 98, 2019)

Para falar sobre feminismo a partir da América Latina é preciso levar em conta as vivências das mulheres latino americanas, é fundamental reconhecer que as mulheres não constituem um todo uniforme. De modo que, se faz necessário elaborar uma perspectiva transversal que dê conta de pensar a realidade das mulheres de maneira multidimensional.

3.2 Feminismo Decolonial

O *Feminismo Decolonial* é considerado uma perspectiva epistêmica que possibilita uma leitura a partir dos saberes e experiências das mulheres da América Latina. Uma das principais referências do *Feminismo Decolonial*, e fundadora desse termo, é a argentina Maria Lugones, filósofa e feminista.

Reconhecendo a colonialidade do poder, Lugones (2008) investiga a intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade na tentativa de entender a indiferença dos homens e do feminismo hegemônico sobre as violências sofridas por mulheres de cor. Entende essa indiferença como uma indiferença diante das transformações profundas nas estruturas comunais. Para a autora, o reconhecimento dessa indiferença é fundamental para quem se envolve em lutas libertadoras. A autora investiga o que chama de marcos de análise que, segundo ela, não têm sido explorados de maneira conjunta: a interseccionalidade e a colonialidade do poder. O cruzamento dessas análises é denominado pela autora como “sistema moderno-colonial de gênero”.

A colonialidade do poder introduz uma classificação universal e básica a população do planeta pautada na ideia de ‘raça’. A invenção da ‘raça’ é uma guinada profunda, um giro, já que reorganiza as relações de superioridade e inferioridade estabelecidas por meio da dominação. A humanidade e as relações humanas são reconhecidas por uma ficção em termos biológicos. (pág 56, 2008).

A partir da análise de Lugones (2008), é possível perceber que a colonialidade não se refere apenas à classificação racial. Como eixo do sistema de poder, ela atravessa o controle de acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, a produção de conhecimento.

Somente ao perceber gênero e raça como tramados ou fundidos indissolavelmente, podemos realmente ver as mulheres de cor. Isso significa que o termo ‘mulher’, em si, sem especificação dessa fusão, não tem sentido ou tem um sentido racista, já que a lógica categorial historicamente seleciona somente o grupo dominante - as mulheres burguesas brancas heterossexuais - e, portanto, esconde a brutalização, o abuso, a desumanização que a colonialidade de gênero implica. (pág 60, 200).

A análise da colonialidade do poder nos permite enxergar como o padrão de poder capitalista eurocêntrico e global - organizado sobre a colonialidade do poder e a modernidade - dá significação a raça e gênero, e como esse poder está estruturado

em uma relação de dominação, exploração e conflitos entre atores sociais que disputam as esferas da vida (LUGONES, 2008).

Como aponta Lugones no texto *Rumo a um feminismo decolonial* publicado em 2014, a colonização das Américas e Caribe criou uma distinção dicotômica e hierárquica entre humano – o colonizador – e o não humano – o colonizado. Entre essas distinções estão incluídas as diferenças impostas entre homens e mulheres.

Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. (LUGONES, 2014, pg. 936)

O *Feminismo Decolonial* aborda a realidade das mulheres tirando do centro do debate feminista a universalidade da mulher branca europeia. Yuderkys Miñoso, Ochy Curiel e Rita Laura Segato são também referências do *Feminismo Decolonial*, e propõem divulgar visões de mundo e as narrativas nunca contadas pela história oficial e pelo feminismo eurocêntrico. Essa perspectiva busca resgatar as histórias sobre o período pré-colonial para incluir a realidade das mulheres desse território antes da vinda dos colonizadores e seus sistemas patriarcais, racistas e misóginos, assim como apontar as lutas e resistências dessas mulheres diante da colonização. De forma crítica ao feminismo tradicional, o *Feminismo Decolonial* coloca como **protagonista** as feministas negras, mestiças e indígenas, as feministas lésbicas, bis e trans, as feministas dos movimentos populares e comunitário, apontando que a matriz de dominação é mais ampla e complexa que apenas a dominação de gênero.

De acordo com as abordagens de feministas decoloniais, o entendimento é de que antes da colonização não havia hierarquia de gênero nos povos nativos e de origem africana, e que o patriarcado existente era de baixa intensidade. É com a invasão colonial que são criadas a ideia de raça e diferença racial e a ideia de diferença aguda entre gêneros e o binarismo de gênero.

Como aponta Suelen Siqueira Julio, Mestre em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense em seu artigo intitulado *O recorte de gênero na História Indígena: contribuições e reflexões* (2016), há diversas questões que podemos levantar em relação às mulheres nativas da América Latina, como: “quais foram as implicações do gênero sobre a vida das indígenas? De que formas os discursos e

divisões de gênero de origem europeia vão sendo (re)construídos na América e como as indígenas foram inseridas neles – tanto no plano discursivo, como no social?”

Como destaca Julio (2016), no período pré-colonial, em alguns povos, as mulheres indígenas assumiam papéis de poder e herdavam cacicados, outros povos atribuíam às mulheres um status mais elevado do que fizeram crer os relatos de europeus e o olhar de muitos pesquisadores. No período colonial, enquanto o feminismo eurocêntrico reivindicava o direito ao trabalho e ocupação do espaço público, as mulheres indígenas, assim como as mulheres negras e mestiças, já atuavam fora do espaço doméstico, tanto em atividades ditas femininas, quanto em atividades vistas como masculinas. Muitas indígenas procuravam trabalho em centros urbanos na esperança de alcançar uma independência depois de fugir das missões jesuíticas. Essas mulheres sofriam violência de gênero por serem vistas pelos colonizadores como um grupo isento de honra, o que facilitava os abusos como estupro. O estupro era uma das expressões de gênero da violência conquistadora e estava entre os abusos denunciados. Além do estupro, as índias sofriam outra violência de gênero: as agressões domésticas. Como salienta a autora, a cultura patriarcal vigente na América colonial protegia os maridos que infringiam castigos físicos a suas esposas.

As mulheres, por sua vez, não ficavam inertes diante das situações de violência doméstica. Analisando diversos aspectos das relações entre mulheres e homens de camadas populares no México de fins do período colonial, Steve Stern escreve que ainda que aquele fosse um mundo anterior ao aparecimento do feminismo, não é possível sustentar a ideia de submissão total das mulheres. Se estas não questionavam os princípios patriarcais da dominação masculina e a subordinação feminina como tais, pressionavam tais princípios, a fim de que, em alguma medida, contemplassem seus interesses. (STERN, 1999, apud JULIO, 2016 pg. 8)

As mulheres lésbicas, bis e transexuais também sempre existiram e resistiram, inclusive em culturas não brancas e durante o período pré-colonial na América Latina. À época da colonização da América Latina, no século XVI, por exemplo, viajantes europeus relataram a presença de índios e índias sodomitas no Novo Mundo. Os pesquisadores Érika Aparecida Pretes e Túlio Vianna observam que, em algumas comunidades indígenas tupinambás, existiram mulheres lésbicas, que cortavam o cabelo à semelhança dos homens, iam às guerras, usavam arcos e flechas, caçavam e cada tinha um relacionamento afetivo com outra mulher. (PRETES e VIANNA, 2007,

pg. 333). A homossexualidade das nativas era vista pelos colonizadores como pecaminosa e selvagem, e junto com a catequização dos nativos vieram também as tentativas de apagamento do histórico das pessoas homossexuais.

Como pontua Cláudia Oliveira, professora da Universidade Estadual do Ceará e do Instituto Federal do Ceará em artigo intitulado *A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania*, publicado em 2017, no período colonial, a temática das mulheres lésbicas é destacada pela historiografia a partir da análise documental produzida pela instituição eclesiástica no contexto da instalação da inquisição no Brasil. Os processos inquisitoriais contra mulheres denominadas de nefandas foram abertos pelo Santo Ofício, instalado na Bahia e em Pernambuco, nos quais as mulheres lésbicas foram acusadas pelo crime de sodomia.

De acordo com Luiz Mott (2000), antropólogo e uma das principais referências brasileiras em estudos sobre pessoas homossexuais, a vivência e repressão aos LGBTs no período colonial estão fartamente registradas em diferentes acervos documentais como manuscritos quinhentistas e setecentistas da Inquisição, poemas seiscentistas de Gregório de Matos, em Teses da Faculdade de Medicina e jornais oitocentistas (2000). As mulheres lésbicas, bis e trans tinham que viver na clandestinidade, escondidas, invisíveis. Muitas acabavam casando com homens para esconder sua sexualidade e acabavam vivendo presas em suas casas, sofrendo estupro corretivo e violências psicológicas quando descobertas. Homens trans viviam na invisibilidade, risco de estupro corretivo e exclusão que perduram até hoje. Mulheres trans já tinham que submeter a prostituição e violência urbana.

Além desse período ter marcado a repressão das mulheres LBTs na América Latina, ainda existia a polêmica sobre o reconhecimento do sexo lésbico. Representantes da igreja católica acreditavam que a sodomia não poderia acontecer sem penetração e denominaram as relações lésbicas como *sodomia imprópria*. Além da proibição da *sodomia* também havia a punição por *molície*¹⁶. No início do século XVII era proibido que mulheres se vestissem como homens e vice-versa e as penas para esse “crime” variavam do açoitamento público, fogueira, ao degredo por três anos para Castro-Marim, em Portugal (OLIVEIRA, 2017).

¹⁶Masturbação entre pessoas do mesmo sexo.

Uma das consequências do desinteresse da igreja pelas lésbicas foi a sua grande invisibilidade enquanto sujeitos históricos, mesmo que adjetivadas pejorativamente e consideradas pecadoras ou criminosas. Invisibilidade esta que se acentuou quando a inquisição retirou a condição sodomítica às mulheres, em 1642. A falta de interesse relativa às práticas sexuais realizadas entre mulheres resultava em indefinições quanto à conceituação de seus atos ou mesmo de suas próprias identidades e definições como pessoa. (OLIVEIRA, 2017, pg. 5).

No Brasil colônia, houve relações entre mulheres de diversas condições sociais, faixas etárias e origens étnico-raciais. Com a chegada ao Brasil das primeiras pessoas africanas escravizadas, ficou claro que os relacionamentos homoafetivos era uma prática tradicional e pré-colonial, tanto na região do Congo-Angola, quanto na Costa da Mina (MOTT, 2000). Diante de tanta repressão e violência parece desonesto acreditar que não havia resistência, união e luta dessas mulheres durante esse período.

Falar sobre a luta e resistência das mulheres na América Latina é principalmente reconhecer o protagonismo das mulheres negras na defesa de seu povo, como guardiãs de saberes e práticas ancestrais e como líderes políticas junto a suas comunidades ao longo da história da colonização da América Latina e do Caribe (CEPAL, 2018). Trazidas como escravas para a América Latina, as mulheres negras representavam um número bem menor do que os homens negros, o que as colocou em situação de exploração sexual através do estupro para reprodução forçada e objetificação sexual. Sendo obrigadas a verem seus filhos e companheiros serem açoitados, a priorizarem o cuidado dos filhos de seus opressores, serem estupradas pelos homens brancos e humilhadas pelas mulheres brancas, as mulheres negras lutavam pela sobrevivência e muitas se destacaram na luta pela libertação de seu povo, como: Dandara, mulher guerreira, símbolo do feminismo negro; Akotirene primeira líder de Palmares; outros nomes importantes como as articuladoras de levante de escravos Luisa Mahin, e Tereza Benguela, líder de quilombo.

[...] é necessário ter presente que a atuação e a mobilização política das mulheres afrodescendentes na região existem desde que a primeira mulher africana chegou ao território latinoamericano e caribenho na condição de escravizada e se rebelou contra a violência do sistema escravista. Os processos organizacionais contemporâneos das mulheres afrodescendentes trazem consigo a herança dessas práticas de insurgência, o que lhes dá um sentido e uma força ancestrais. Dirigir o olhar para esses processos, admitindo a pujança do pensamento político que se desprende das organizações de mulheres afrodescendentes e do feminismo negro, é fundamental para romper o “silêncio ruidoso” que invisibiliza essas mulheres como protagonistas de seus próprios destinos (CEPAL, 2018, pg. 67).

Muito antes da resistência das mulheres negras na América Latina, elas já se destacavam nas cidades iorubás pré-coloniais onde existia a figura das *ialodês*, um título que mostrava que a liderança e a responsabilidade das mulheres nas questões transcendentais religiosas, culturais e políticas antecederam a história do colonialismo europeu na África. Portanto, a instauração do regime escravista mercantil europeu representou uma grande ruptura na vida das mulheres africanas, impondo inclusive, como aponta Lugones (2014), a colonialidade de gênero.

A colonialidade do gênero permite-me compreender a opressão como uma interação complexa de sistemas econômicos, racializantes e engendrados, na qual cada pessoa no encontro colonial pode ser vista como um ser vivo, histórico, plenamente caracterizado. Como tal, quero compreender aquele/a que resiste como oprimido/a pela construção colonizadora do lócus fraturado. Mas a colonialidade do gênero esconde aquele/a que resiste como um/uma nativo/a, plenamente informado/a, de comunidades que sofrem ataques cataclísmicos. Assim, a colonialidade do gênero é só um ingrediente ativo na história de quem resiste. Ao focar naquele/a que resiste situado/a na diferença colonial, minha intenção é revelar o que se torna eclipsado. (LUGONES, 2014, pg. 941).

A colonialidade de gênero, apontada por Lugones, se reflete na realidade da América Latina contemporânea como uma das regiões mais desiguais e que mais apresenta casos de feminicídios no mundo todo. Segundo informações da *Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal)*¹⁷, vinculada à *Organização das Nações Unidas (ONU)*, a cada dez feminicídios cometidos em 23 países da América Latina e Caribe em 2017, quatro ocorreram no Brasil. Em média 2.800 mulheres foram assassinadas na região em 2016 em razão de sua identidade de gênero. Desse total, mais da metade aconteceram no Brasil. Peru, Colômbia e Chile apresentam índices relativamente baixos, mas porque contabilizarem somente os casos de feminicídio perpetrado por parceiros ou ex-parceiros das vítimas, chamado de feminicídio íntimo.

De acordo com o *Instituto Patrícia Galvão*¹⁸, as diretrizes que norteiam as classificações aplicadas na América Latina para se tratar de feminicídio incluem a diversidade de contextos dessas mortes. Embora distintas, as 13 linhas revelam que o desprezo ou a discriminação da vítima devido à sua "condição de mulher" são componentes constantes em todas as ocorrências. São relacionados, por exemplo, além do feminicídio íntimo, o feminicídio sexual sistêmico, em que a vítima também é

¹⁷Dados acessados em <https://www.cepal.org/pt-br/node/48091>

¹⁸Dados acessados em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/>

sequestrada e estuprada, e o feminicídio lesbofóbico ou bifóbico. No Brasil ainda não há levantamentos oficiais sobre feminicídio lesbofóbico ou bifóbico.

O *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 a 2017*, resultado da pesquisa feita pelo *Grupo de Pesquisa Lesbocídio – As Histórias que Ninguém Conta*, e pelo *Nós: Dissidências Feministas*, lançado em 2018, apontou que o assassinato de mulheres lésbicas aumentou 237% entre 2014 e 2017. A pesquisa feita pelo dossiê também mostra que na maioria dos casos as mulheres eram jovens e negras. Outra violência que é apontada nesse documento e que não é considerada oficialmente quando se trata de violência contra a mulher, é o estupro corretivo - quando homens violentam sexualmente mulheres lésbicas como forma de “corrigir” a orientação sexual delas. Acessar os serviços voltados ao público LGBTQIA+ ofertados pelo governo é outro obstáculo. Essas mulheres geralmente estão no mercado de trabalho em postos precarizados ou invisibilizados (M. PERES, S. SOARES e DIAS, 2018).

A América Latina é uma região que também concentra um enorme número de casos de homicídios de LGBTQIA+. Embora o país, assim como Uruguai e Colômbia, seja teoricamente favorável à população LGBTQIA+, alguns aspectos ainda deixam a desejar. Conforme os dados da *Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo (ILGA)*, o Brasil ocupa o primeiro lugar em homicídios de LGBTQIA+ nas Américas. Além disso, é também o país que mais mata travestis, mulheres transexuais, e homens trans do mundo, segundo a organização não governamental *Transgender Europe (TGEU)*¹⁹.

Mesmo diante da contínua colonialidade que perdura até os dias atuais, ainda persistem interações íntimas e cotidianas que resistem à ela e, de acordo com Lugones (2014), essa resistência representa a tensão entre subjetividade ativa e sujeição. O *Feminismo Decolonial*, portanto, é considerado por Lugones como a possibilidade de superar a colonialidade do gênero.

3.3 Despatriarcalização: um projeto cultural

Em seu livro “anti-acadêmico” *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar* publicado em (2013), Maria Galindo, defende que o sistema patriarcal é a base dos sistemas de exploração do mundo colonial e do mundo contemporâneo, e destaca a

¹⁹Fonte: <http://www.observatoriosocial.org.br/?q=noticia/brasil-e-recordista-em-violencia-contra-lgbts>

despatriarcalização como uma proposta e teoria. Para Galindo, o patriarcado vai muito além da discriminação contra as mulheres, ele é a construção de todas as hierarquias sociais que são sobrepostas umas sobre as outras e fundadas em privilégios masculinos (pág. 92, 2013). Como aponta a autora, “el racismo no es solamente una construcción de jerarquía colonial, sino fundamentalmente patriarcal” (pág 104, 2013).



Figura 20: Píxo do grupo *Mujeres Creando*.

A teoria da despatriarcalização, proposta por Galindo e criada no interior do movimento *Mujeres Creando*, identifica as violências machistas perpetuadas até mesmo por todos os homens habitantes dos territórios colonizados e aponta os governos e instituições como “dissolventes tóxicos das lutas e das linguagens feministas” cujas intenções são neutralizar e sequestrar a força subversiva (pág 31, 2013).

Cada hombre, hasta el más humillado, cultiva en su interior un vínculo muy fuerte con el universal masculino todopoderoso y no quiere romper ese vínculo por nada. Ni los maricones, ni los discapacitados, ni los indígenas se lo han plantado nunca. Toda la lucha construye sus fundamentos en base a los privilegios, a los cuales, como hombres, no está dispuestos a renunciar. Por eso es que las mujeres al interior de esos grupos mixtos identitarios son inmediatamente subalternizadas por sus iguales. [...] El colonizado necesita

colocarse por encima de, porque experimenta su situación de subordinación con angustia, por eso una de sus mayores exigencias es la servidumbre doméstica de su pareja, en la casa se comporta como un patrón que deve ser servido y atendido” (pág. 56 e 123, 2013).

Galindo, durante toda sua prática feminista ao longo dos anos, vem defendendo a produção de teoria feminista como um instrumento fundamental da luta pela libertação das mulheres e como uma capacidade de nomear o horizonte que queremos para o mundo. A despatriarcalização proposta por Galindo (2013) é um “estado de ânimo”, uma “impaciência”. Significa “destruir”, “desarmar”, “desmontar”, “desestruturar”, “demolir”, “derrubar”, “desarticular”. Significa uma

nueva palabra que nos hemos inventado para designar nuestra lucha desde el ‘afuera’ que es donde nos hemos colocado. Sirve para designar el lugar, pero también, y al mismo tiempo, el horizonte porque desde - afuera de - no luchamos por entrar, sino por derrubar la puerta. [...] es un llamado para abandonar ese lugar, para desapegarse de altares, de cuadros, de lugares de honor, para desapegarse de la familia, del caudillo, de la comunidad y de la cultura, para desapegarse del padre, de la madre y del hijo; desapegarse, romper la adhesión arraigada y pasar del desacato, de la desobediencia y de la huida a la construcción de significados y sentidos” (pág 173 e174, 2013).

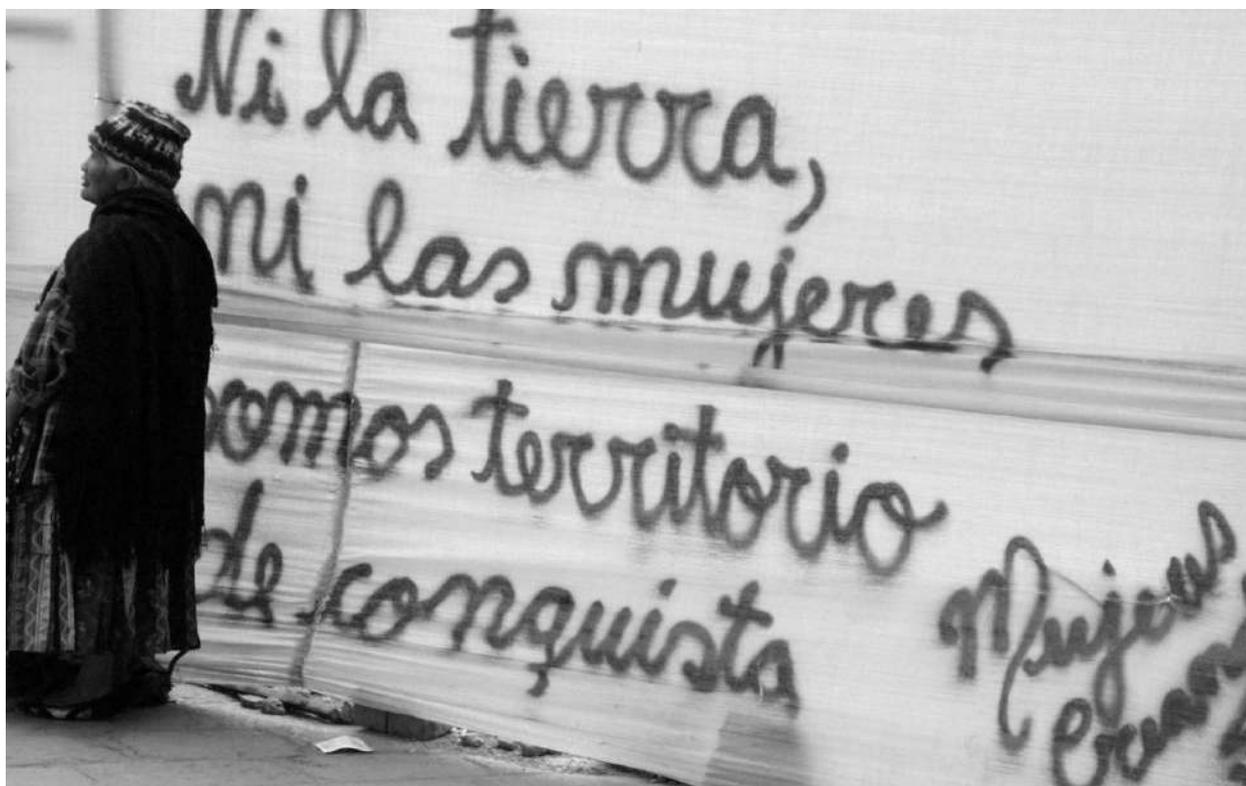


Figura 21: Pixo do grupo *Mujeres Creando*.

Como uma teoria que surgiu no seio de um movimento artístico cultural feminista, o *Mujeres Creando*, e dentro de uma casa cultural feminista como a *Casa Virgen de Los Deseos*, a despatriarcalização é um projeto cultural, uma desobediência cultural, que nos faz enxergar que não podemos “aceptar la idea de que la libertacion es un proceso tan largo y tan lento que jamas tocará nuestra vida cotidiana” (pág, 172, 2013).

A partir da *Casa Virgen de Los Deseos*, Maria Galindo e o grupo *Mujeres Creando*, em sua vida cotidiana, praticam a luta feminista que repercute por toda a América Latina através de suas teorias, suas artes e rebeldías. Encaram a arte e a produção cultural como práticas políticas de desobediência ao sistema patriarcal e de libertação.

São infinitas as nuances entre arte e feminismo. Devemos, portanto, tentar enfrentar a questão, quase histórica, da criação estética compromissada com causas políticas - neste caso, a causa dos direitos das mulheres - e a variedade de combinações possíveis entre arte e ativismo. (KUHNERT, pág 78, 2019).



Figura 22: Maria Galindo/Mujeres Creando, *Ave María, llena eres de Rebeldía*, 2010. Instalação no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri. Foto: MNCARS, Madri.

A partir de um espaço que é uma casa cultural feminista, o grupo Mujeres Creando toma as ruas com suas palavras feministas, através do pixo, da performance, da marcha, da conferência, do jornal, da revista, da feira de mulheres, do protesto, do debate político. Uma das iniciativas como um projeto cultural de despatriarcalização foi a performance artística *Espaço para Abortar* que aconteceu na Bienal de São Paulo em 2014. A performance se deu em duas etapas: a primeira foi a construção coletiva da obra, feita pelo grupo Mujeres Creando e por mulheres participantes, após construída, uma escultura em forma de útero foi levada em forma de “procissão” pelo parque do Ibirapuera. Durante a “procissão”, a escultura era colocada no chão e as participantes podiam entrar no útero e dar um depoimento sobre a experiência de mulheres que haviam interrompido a gravidez, enquanto as demais ficavam sentadas ouvindo os relatos.



Figura 23: Maria Galindo/Mujeres Creando, *Espaço para Abortar*, 2010. Marcha no parque Ibirapuera, São Paulo, 2014.

A segunda etapa foi a instalação da escultura no pavilhão da Bienal. A instalação era composta por 7 cabines cobertas por tecidos vermelhos, sendo 1 cabine central, em cima de um círculo no chão onde estava escrito: espaço para abortar. No

topo da cabine central tinha uma estrutura em forma de vulva e logo acima um círculo com as palavras: nem boca fechada nem útero aberto. Ao redor dessa cabine havia duas estruturas de ferro que formavam a imagem de duas pernas abertas cujo centro era o útero e a vulva. Ao entrar nos úteros o público podia colocar fones de ouvido e escutar os relatos de mulheres brasileiras que estiveram na procissão.



Figura 24: Maria Galindo/Mujeres Creando, *Espaço para Abortar*, 2010. Instalação na Bienal das Artes, São Paulo, 2014.

Sobre a participação na Bienal, María Galindo disse:

Não vou à Bienal em busca de legitimação artística, porque essa legitimação não me faz falta. A legitimidade do meu trabalho é a ferida aberta no imaginário boliviano, é a imagem gravada na retina das adolescentes, é o desdobramento da loucura contagiante. Aceito o convite porque isso supõe o acesso a mais de 500 mil espectadores; supõe poder seguir garantindo a sustentabilidade do meu trabalho; supõe uma discussão em torno da filosofia e da política; supõem demonstrar a universalidade do meu trabalho (GALINDO, 2014).

No capítulo anterior destaquei a obra *a Casa é o Corpo* (1968) de Lygia Clark, onde a artista traz a casa enquanto o corpo do sexo feminino, representado em sua obra por um útero, onde o trajeto de outro corpo por esse espaço se findaria no

nascimento. Já a artista Maria Galindo, em sua obra *Espaço para Abortar*, (2010), traz o útero como um espaço para abortar, simbolizando a desobediência e rebeldia contra a ditadura do patriarcado e a colonização do corpo feminino. As duas obras, que são instalações cujo público é convidado para participar, propõem reflexões distintas, enquanto uma destaca uma perspectiva do corpo enquanto espaço privado e espaço íntimo, outra destaca uma perspectiva do corpo enquanto espaço público de sujeição e de resistência coletiva.

Outra iniciativa mais recente do grupo *Mujeres Creando*, que partiu de dentro da *Casa Virgen de Los Deseos*, em 2022, e reverberou para as ruas, foi a organização “marcha de las mujeres por justicia”, protagonizada por mulheres vítimas de injustiça em caso de feminicídio e violações no dia internacional das mulheres.



Figura 10: *Marcha de las mujeres por justicia*, Bolívia 8 de maio de 2022.

Diante das reivindicações destacadas na marcha, o grupo *Mujeres Creando* criou o *Teléfono de la Esperanza*, linha de denúncia para mulheres vítimas de violência cujos casos estão sendo retardados pela justiça. O objetivo da iniciativa é mapear e sistematizar informações sobre corrupção e irregularidades na liberação de feminicidas e violadores na Bolívia.

Seja através da arte, do protesto ou das denúncias, o grupo *Mujeres Creando* e tantas outras mulheres gestoras e artistas de casas culturais feministas como a *Casa*

Virgen de Los Deseos, atuam na construção de um horizonte possível. Através de um projeto cultural feminista, que necessariamente envolve um território - seja ele físico ou não, privado ou não, ou ambos - atuamos contra o sistema patriarcal.

Se o sistema patriarcal, como fundador de todas as opressões, impõe na vida cotidiana de todas as mulheres diversas violências, é a luta feminista diária, pela libertação de todas as mulheres, que permite a criação de teorias, horizontes, ações, produção cultural, artes de resistências e desobediência. Como defende Maria Galindo (2013):

no vamos a desarmar la casa del amo con las herramientas del amo; lo que hacemos es abandonar la casa del amo, rompemos el vinculo con él, no queremos ser sus inquilinas, somos capaces de producir y construir nuestro propio espacio, somos capaces de crear, de imaginar, de vivir por fuera de los lugares que nos han sido asignados (pág. 175).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Se você chegou até aqui quero primeiramente agradecer pela visita. Ser sua anfitriã no passeio por essas páginas, pelas casas culturais feministas da América Latina, foi uma grande honra. Durante essa pesquisa acompanhei muitas casas culturais feministas abrindo em diversas cidades da região e vi também algumas fecharem, como a *Casa Cultural Las Vulvas*.

Se essa pesquisa iniciou pelo desejo de conhecer outros espaços como a *Casa Las Vulvas* e encontrar formas de resistir com e nesse espaço, no meio do caminho ela foi se tornando algo muito maior, afinal, a *Casa Cultural Las Vulvas* não resistiu pelo tempo desejado. O encerramento da *Casa Las Vulvas*, como o de outras casas culturais feministas, corrobora com uma das características que identifiquei desses espaços: sua efemeridade. Como apresentei, inúmeros são os desafios para manter aberta as portas das casas culturais feministas da América Latina, o último que nos deparamos com a *Casa Las Vulvas* foi a pandemia da Covid-19. Ao mesmo tempo, a existência de outras casas que ainda permanecem abertas e a abertura de novas casas culturais feministas, deixam evidente a força e necessidade desses espaços.

Como eu disse, essa pesquisa se tornou algo muito maior... Ela me fez perceber, entre várias coisas, que existe uma comunidade de mulheres, LGBTQIA+, artistas, produtoras e gestoras culturais que trabalham e vivem as casas culturais feministas. Através dessa pesquisa pude conhecer, trocar conhecimento e construir junto com pessoas de outras cidades, estados e países. Nessa pesquisa pude também deixar registrada uma parcela da história da *Casa Cultural Las Vulvas*. Mas a maior relevância desse trabalho está em seu caráter inédito ao introduzir informações sobre esses locais de arte; em compreender as contribuições e seus limites para o desenvolvimento artísticos e visibilidade de artistas mulheres; em trabalhar com um objeto híbrido que desafia a lógica das categorias público x privado que fez e ainda faz parte substancial dos estudos feministas. Apesar da tentativa de ter um olhar mais global sobre o objeto da pesquisa, ficaram ainda muitos temas para aprofundar.

As casas culturais feministas merecem visibilidade e muitas pessoas merecem conhecer esses espaços. Espero que a iniciativa de uma rede desses espaços possa ser retomada em um futuro breve, já que é inegável a importância desses espaços para a difusão da cultura feminista na América Latina.

É possível olhar para essas casas a partir de diversas óticas, e este estudo não se esgota aqui. Tracei os primeiros passos para muitos outros caminhos de reflexões e críticas sobre esses locais de arte e cotidiano feminista. O mapeamento que apresento aqui com certeza não inclui todos os espaços dessa natureza na América Latina, assim como as questões que apresentei não refletem toda a realidade das casas culturais feministas.

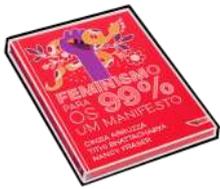
Gostaria de ter tido a oportunidade de conhecer esses espaços, suas gestoras e artistas pessoalmente, de ter feito perguntas que não couberam nesta pesquisa, de ter vivido mais a *Casa Cultural Las Vulvas*. Ao mesmo tempo, fico extremamente feliz em poder ter desenhado um mapa para ser trilhado, visibilizado destinos, reunido tantos espaços em um lugar só, e em ter encerrado minha trajetória com a *Casa Cultural Las Vulvas* com essa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABOIM, Sofia. **Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna.** Revista Estudos Feministas. Lisboa, 2012.

ARAUJO, Judit Uzcátegui. **El imaginario de la casa: formas y modos de habitar en cinco artistas: Remedios Varo, Louise Bourgeois, Marjetica Potrc, Doris Salcedo y Sadia Reyes.** Dissertação de doutorado. Valencia, 2010.

Artistas Latinas. **Projeto Artistas Latinas.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.artistaslatinas.com.br/> Acesso em: 13/01/2021.



ARRUZA, Cinzia Arruzza; BHATTACHARYA, Tithi Bhattacharya; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%.** São Paulo: Boitempo, 2019.

BAGAGLI, Bia Pagliarini; VIEIRA, Helena. Transfeminismo in HOLLANDA, Heloísa Buarque de et al (Org.). **Explosão Feminista.** Companhia das Letras. São Paulo, 2018.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: experiência vivida.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BORGES, Antonádia. **Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul.** 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/H5qHq55yXcm39PNJ8tVg3Sn/?lang=pt>. Acessado em junho de 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças dos velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARVAJA, Julieta Paredes. **Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental.** 1995.

CATELLI, Laura. **Lo colonial, el arte, el presente. Preguntas para hacer memoria e arrancarnos el miedo.** Conferencia inaugural CONFAEB. Brasília, 2018.

CURIEL, Ochy. **Descolonizando el Feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe. Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista.** Buenos Aires, 2009. Disponível em: http://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf. Acessado em maio de 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016

FALQUET, Jules. **Las feministas autónomas latinoamericanas y caribeñas: veinte años de disidencias**. Universitas Humanísticas, p. 39-63, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/unih/n78/n78a03.pdf> Acessado em dezembro de 2020.

FELIPPE. Maíra Longhinotti. **Casa: uma poética da terceira pele**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/DLXJYPmHNY7tNwnNMH7pcgj/?format=pdf&lang=pt> Acessado em janeiro de 2022.

FERNANDES, Cássia Camila Cavalheiro. **Casas culturais feministas na América Latina: Lugares de subjetividades emergentes no espaço urbano**. 2019. Monografia - Especialização em Artes – Ensino e Percursos Poéticos, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS, Brasil, 2019.

FREITAS, Carolina. **Substantivos femininos: mulher e cidade**. Carta Maior, 2013. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cidades/Substantivos-femininos-mulher-e-cidade/38/29377>

GALINDO, MARIA. **Feminismos Bastardos**. Mujeres Creando, La Paz, 2020.

_____. **No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización**. Mujeres Creando, La Paz, 2013



_____. **La revolución feminista se llama Despatriarcalización. En Descolonización y despatriarcalización de y desde los feminismos de Abya Yala**. España: Asociación para la Cooperación con el Sur, p. 27-50, 2015.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, Maio-Agosto/2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/abstract/?lang=pt>. Acessado em junho de 2021.

Guerrilla Girls: gráfica 1985 - 2017 / curadoria, Adriano Pedrosa, Camila Bechelany. São Paulo: MASP, 2017.

GUZZO, Morgani Guzzo; WOLFF, Cristina Scheibe. **Afetos no engajamento político das Marchas das Vadias no Brasil (2011-2017)**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2020.

HANISCH, Carol. **O pessoal é político**. 1969. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/190219/O+Pessoal%2Bé%2BPolítico.pdf>. Acessado em dezembro de 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de et al (Org.). **Explosão Feminista. Companhia das Letras**. São Paulo, 2018.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

_____. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

JULIO, Suelen Siqueira. **O recorte de gênero na História Indígena: contribuições e reflexões**. Anais do XVII Encontro de História da Anpuh. Rio de Janeiro, 2016.

LIMA, Dulcilei da Conceição. **A mulher na produção cultural brasileira: invisibilidade e fomento**. Comunicação apresentada no XI ENECULT, Salvador, 2015.

LOPONTE, Luciana Gruppeli. **Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino**. Porto Alegre: Estudos Feministas, 2002.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2014.

_____. **Colonialidade e Gênero**. Revista Worlds and knowledge otherwise, vol 2. Durham, 2008.

MENDONÇA, Bruna. R. **Agitadoras Callejeras: Alianças autônomas e as palavras em movimento das Mujeres Creando**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP. São Paulo, 2018.

MINÕSO, Yuderskys Espinosa. **Fazendo uma genealogia da experiência: o método como rumo à uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina**. Revista Direito e Práxis, vol 10 n. 3. Rio de Janeiro, 2019.

MIRANDA, Juliana Aparecida dos Santos. **Modos de produção feminista: uma alternativa aos sistemas hegemônicos de produção**. e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, Volume. 8, Número 3, setembro-dezembro, 2017

MUJERES CREANDO. **La Virgen de Los Deseos**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2005.

MOTT, Luis. **Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil**. São Paulo, ed. Grupo Gay da Bahia, 2000.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes artistas mulheres?** São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>. Acessado em maio de 2020.

NUNES, Kamilla. **Espaços autônomos de arte contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania.** 2017. Disponível em: <https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/a-homossexualidade-feminina-na-historia-do-brasil.pdf>

OSSES, Patricia Andrea Soto. **A construção da casa.** Dissertação de Mestrado USP. São Paulo, 2010.

PAIM, Claudia. **Táticas de Artistas na América Latina.** Porto Alegre. Panorama Crítico, 2012.

PALMA, Daniela. **As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória.** 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/SYRj8bkCgxdpZMb8j35qNPd/abstract/?lang=pt>. Acessado em junho de 2021.

PAREDES, Julieta. **El feminismo comunitario: la creación de un pensamiento próprio.** Corpus, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/corpusarchivos/1835>>. Acessado em maio de 2021.

_____. **The Eloquence of silence: Algerian women in question.** Londres, Routledge, 1994.

PÉREZ, Karin. M. **La tecnocracia de género y el feminismo autónomo de Mujeres Creando: los extravíos de la representación de las mujeres em Bolívia y los desafíos de la acción directa.** Texto apresentado em conferência da LASA, Dallas, 2003. 19p. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2003/MonasteriosPerezKarin.pdf>> Acessado em junho de 2021.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** São Paulo. Scielo, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em junho de 2021.

PELLEGRINI, Tânia. **Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea.** Crítica Marxista, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, p.69-91, 1995.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Modos de habitar: La evolución de lo cotidiano en la vivienda moderna.** 1998. Disponível em:
<https://bibliodarq.files.wordpress.com/2016/05/perrot-m-modos-de-habitar.pdf>.
Acessado em junho de 2021.

PRETES, Érika Aparecida e VIANNA, Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo.** Iniciação Científica: Destaques, 2007.

PULEO, Alicia H. Lo Personal es Político: el surgimiento del feminismo radical. Publicado em **Teoría feminista/** coord. por Ana de Miguel Álvarez, Celia Amorós Puente, Vol. 2. Espanha, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Para Além da Biologia: Beauvoir e a Refutação do Sexismo Biológico.** Comunicação apresentada no I Encontro de Filosofia e Gênero; Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

RUBIM, Linda. **Organização e Produção da Cultura.** Salvador: EDUFBA, 2005.

RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos e Recusas: Mulheres Espaço Público e Cidadania.** Curitiba, 1994.

SCOTT, J. W. **História das mulheres.** In. BURKE, P. (Org.) A Escrita da História. São Paulo: Unesp, 1992.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **A difícil arte de expor mulheres artistas.** Campinas: Cadernos Pagu, no.36, 2011.

SOUZA, Silvia Amelia Nogueira. **Mulheres, arte e domesticidade: entra a arte feminista e o Dicionário do Lar.** Dissertação de Mestrado. Minas Gerais: Escola de Belas Artes, UFMG, 2012.

TRIZOLI, Talita. **O Feminismo e a Arte Contemporânea – Considerações.** 17 Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Florianópolis: Panorama da Pesquisa em Artes, 2018.

VACÁRCEL, Amelia. **La memoria colectiva y los retos del feminismo.** Chile: CEPAL, 2001.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ANEXO I

MAPEAMENTO ATUALIZADO DE CASAS CULTURAIS FEMINISTAS NA AMÉRICA LATINA



Argentina

- **Casa Brandon:** Centro cultural e bar focado na cultura LGBTQI+ e feminista, localizado na Rua Luis Maria Drago 236 em Buenos Aires. Foi fundada em 2005 pela Lisa Kerner e pela Jorgelina De Simone. Realiza exposições, shows, performances, projeções, festivais, leituras de poesia e apresentações de livros, rodas de conversa e encontros. A Casa Brando possui outras iniciativas como a *Editorial Brandon*, *Brandon Records*, o fanzine *Todxs juntxs* e a *Biblioteca Brandon*.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casabrandon/>

- **Casa Doblas:** Espaço multicultural e feminista. A casa foi inaugurada em 2017, localizada na Rua Doblas em Buenos Aires. Realizam apresentações teatrais, musicais, feiras, oficinas, exposições de arte e outras atividades culturais.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/CasaDoblas/>

- **Casa Sofia:** É um projeto cultural e político que deve seu nome a Sofia Yussen, *Madre de Plaza de Mayo* e militante até seus 105 anos de idade. O espaço promove atividades artísticas, políticas e de formação. Fica localizada na Rua Fitz Roy 1327 em Buenos Aires e foi fundada em 2015.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casaculturalsofia>

- **Casa Violeta Tandil:** Espaço que já nasceu feminista. Fica localizado em Tandil, na rua 14 de Julio 968. Foi inaugurada em 2017 e tem em sua agenda uma jornada de intervenções artísticas, música, exposições de fotos e exibições audiovisual. Também possui um bar como fonte de sustentabilidade. São tratados temas como violência de gênero, saúde sexual e reprodutiva, defesa pessoal, entre outros.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/CasaVioletaTandil/>

- **Cooperativa Cultural QI:** Centro cultural localizado na Villa Crespo, na rua Thames 240 em Buenos Aires. Foi fundado em 2016 e conta com aulas de teatro, cinema, circo e música. Abre aos finais de semana com apresentações artísticas e com gastronomia feita no próprio espaço para sua sustentabilidade.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/qivillacrespo/>

- **El Desparrame:** Espaço cultural feminista em Buenos Aires. Foi fundado em 2016 e realiza feiras, festas, exposições, debates, oficinas e encontros. Fica localizado na Av Cabildo 592 em Buenos Aires.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/EIDesparrame/>

- **Feliza:** É um lugar que se considera um multiespaço cultural feminista e da comunidade LGBTIQ+. Promovem diversas atividades culturais como apresentações musicais, mostras de cinema, performance, entre outras. Foi inaugurada em 2017 e fica localizada na Av. Cordoba 3271 em Buenos Aires.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/felizarcoiris/>

- **La Casa de Teresa:** ou Tere, é um espaço cultural popular, autogestionado e feminista. Realizam apresentações de teatro, música, cinema e outros projetos educativos. Foi fundada em 2014 e fica localizada na Rua Acuña de Figueroa y Humahuaca, em Buenos Aires.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/laCasadeTere/>

- **La Quince Espacio Cultural:** Espaço voltado à cultura popular e feminista. Realizam festas, festivais, mostras, performances artísticas e eventos de poesia. Foi fundado em 2014 e fica localizado na Av. Corrientes 5426 em Buenos Aires.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/Laquinceespaciocultural/>

- **Simona Espacio Cultural:** Espaço cultural que funciona também como bar. Promovem atividades voltadas ao protagonismo de mulheres como apresentações musicais ao vivo, feiras e oficinas variadas. Foi fundado em 2017 e fica localizado na Av. Álvarez Thomas 661 em Colegiales, Buenos Aires.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/SimonaEspacioCultural/>

- **Tierra Violeta:** Centro cultural, uma biblioteca e centro de documentação feminista, um centro de investigação e formação, um espaço para o teatro independente. Fica localizada na Rua Tacuarí 538 em Buenos Aires. Foi fundada em 2012 e se propõe a ser um ponto de encontro de diversas manifestações. No espaço são produzidas atividades como oficinas, mostras de teatro, recitais e exposições de arte.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/centroculturaltierravioleta/>

- **Vuela El Pez:** Centro cultural que fomenta, fortalece e promove a cultura popular, independente, autogestionada e feminista. Trabalha com o desenvolvimento e integração comunitária através de diferentes atividades artísticas. Foi fundado em 2010 e fica localizado na Av. Cordoba 4379 em Buenos Aires.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/vuelaelpez/>

Brasil

- **Aparelha Luzia:** Aparelha Luzia, localizada na Rua Apa 78 em São Paulo – SP, é um centro cultural, bar e espaço de resistência. Foi fundado em 2016 pela artista Erica Malunguinho, mulher trans e negra. O nome do espaço faz referência aos aparelhos dos anos 1960 e 1970 que abrigavam aqueles que lutavam contra a ditadura e à Luzia, primeira mulher da qual se tem conhecimento que viveu em terras brasileiras há mais de 12 mil anos. O espaço promove exposições audiovisuais, exposições, conversas com grupos de teatro negro, coletivos negros, entre outros; encontros com artistas como Leci Brandão, Liniker e Preta Rara. Com um público majoritariamente negro, o espaço foi pensado para ser um quilombo urbano.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/aparelhaluzia/>

- **Brejo das Flores:** Espaço cultural que foi fundado em 2018. Fica localizado na Rua Azir Antônio Salton 122, em São Paulo, próximo ao metrô Jardim. É uma casa de lésbicas, feministas, autônomas, que busca construir espaços de troca, coletividade e sororidade.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/brejodasfro>

- **Casa Coletiva de Cultura Comuna Deusa:** Espaço de articulação da cultura independente, uma casa e um coletivo de pessoas LGBT, artistas e ativistas políticos. Promove festas, debates, mostras de cinema, saraus e oficinas. Fica localizada em São José dos Campos em São Paulo. Foi fundada em 2018.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casacoletiva>

- **Casa Cultural Las Vulvas:** Espaço lesbofeminista, independente e autogestionado, focado nos direitos culturais das mulheres e LGBTQ+. Promove atividades culturais como rodas de conversa, oficina, exposições de arte, apresentações musicais, eventos temáticos, feiras e outras ações. Foi fundada em 2016 e fica localizada na Rua Anchieta 949, em Pelotas no Rio Grande do Sul

Página do facebook: <https://www.facebook.com/LasVulvas/>

- **Casa das Mulheres:** Espaço para que as mulheres possam realizar oficinas, reuniões e projetos. O espaço foi fundado em 2017 pela Sâmia Bonfim, a parlamentar mais jovem a exercer o mandato na Câmara Municipal de São Paulo. A Casa das Mulheres recebe uma série de atividades como grupos de estudos, rodas de conversas, palestras, cursos práticos e teóricos, entre outros, todas gratuitas. Fica localizada na Rua Parintins, 58, Barra Funda em São Paulo.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/CasaDasMulheresSP/>

- **Casa das Negas:** A Casa das Negas é sede do Coletivo As Nega, é um espaço para fruição, apoio e cultura para mulheres negras LGBTQ+ , localizada na Comunidade das Goiabeiras, em Fortaleza no Ceará.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casadasnegas>.

- **Casa das Pretas:** Fundada em abril de 2017, localizada na Rua dos Inválidos número, na Lapa, RJ – Brasil, é um espaço de encontros, acolhimento, de produção e prática de saberes específicos da vivência das Mulheres Negras. É um projeto da ONG Coisa de Mulher, instituição fundada em 04 de Dezembro de 1994 por mulheres negras com o objetivo de desenvolver ações que proporcionem mudanças políticas e sociais para as mulheres negras, de forma a contribuir para eliminar a forte combinação existente entre gênero, raça e pobreza na sociedade brasileira. Foi fundada pelas ativistas Neusa das Dores Pereira, Edmeire Exaltação, Ana Beatriz da Silva e Fátima Lima. A Casa das Pretas é representada pela adinkra "Nea Onnim". Adinkras são representações visuais dos povos Ashanti da África, relacionadas à história, filosofia, crenças, valores e sentimento de um povo. Nea Onnim é o símbolo da aprendizagem permanente e da busca contínua do saber e significa "quem não sabe, só pode saber aprendendo". Desenvolvem atividades nas áreas de educação, pesquisa, cultura e documentação como: formação acadêmica, intelectual e profissional para jovens negras; instrumentais metodológicos para prevenir a violência de gênero e racial além de difundir os direitos humanos das mulheres; ferramentas políticas para fortalecimento das lideranças femininas; Incentivo a preservação da cultura negra; fortalecimento do movimento de mulheres negras nas suas lutas contra o racismo e contra a violência de gênero; informação e formação de apoio ao empreendedorismo negro. Marielle Franco, mulher negra e lésbica, defensora dos

direitos humanos e vereadora do Rio de Janeiro eleita em 2016, estava na Casa das Pretas participando de uma roda de conversa que estava sendo transmitida ao vivo, minutos antes de ser assassinada por um grupo de milicianos.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/CasaDasPretas1/>

- **Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal:** Ocupação do Movimento de Mulheres Olga Benário de Porto Alegre com o objetivo de servir de como espaço de acolhimento e desenvolvimento de mulheres em situações de risco e violência. Promovem debates, exibição audiovisual, saraus, festivais, oficinas e outras ações. Foi fundada em 2017 e fica localizada na Rua Souza Reis, 132, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/>

- **Casa de Referência da Mulher Tina Martins:** Fundada em 2016 pelo Coletivo Olga Benário de Belo Horizonte para reivindicar a efetivação dos serviços de atendimento à mulher em situação de violência e a construção da Casa de referência à mulher em BH. Conta com uma biblioteca comunitária e realiza diversas oficinas, encontros e rodas de conversa. Fica localizada em um imóvel ocupado, na Rua Paraíba, 641, Funcionários, em Belo Horizonte.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casatinamartins/>

- **Casa Feminista Nazaré Flor:** Sede do Fórum Cearense de Mulheres (FCM), Instituto Negra do Ceará (INEGRA) e o grupo Tambores de Safo. A casa foi inaugurada em 2010 e funciona como um espaço aberto aos movimentos sociais para reuniões, reflexões, formações e eventos culturais, de maneira a contribuir com as lutas sociais do Estado e com o fortalecimento da luta feminista. O espaço fica localizado na Rua da Assunção, 972 em Fortaleza – CE.

Página do facebook:

<https://www.facebook.com/Casa-Feminista-Nazar%C3%A9-Flor-1600671863533498>

- **Casa Frida:** Localizada na Rua 30 em São Sebastião na cidade de Brasília em DF-Brasil, é denominada como uma casa popular feminista de cultura. Foi fundada em 2014 pelas produtoras culturais Hellen Cristhyan e Thibi. É um espaço um espaço de resistência feminista, acolhimento e promoção de cultura, arte e educação. É uma

residência - onde moram as fundadoras - com três quartos, sala, banheiro, cozinha, garagem e quintal — esses dois últimos são os espaços que abrigam as principais atividades. A ideia do projeto é ser um lar para a comunidade. Com foco inicialmente na cultura do público feminino, o nome do espaço tem inspiração na artista plástica Frida Kahlo, mas também é uma sigla dos princípios do espaço: feminismo, revolução, igualdade, diversidade e amor. Na casa são realizadas exposições, rodas de conversa, grupos de estudos, rodas de samba, cine clube feminista, entre outras atividades.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casafridadf/>

- **Casa Fora da Asa:** Espaço cultural feminista na Cidade Baixa em Porto Alegre - RS. Promovem rodas de conversa, encontros, cine debates, exposições, oficinas entre outras atividades culturais e artísticas. O espaço foi fundado em 2018.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/foradaasa>

- **Casa Ipê:** Lar de cultura e acolhimento artístico para mulheres e LGBTQI's. A partir de experiências e vivências estéticas/socioculturais no âmbito das artes, realizam-se rodas prosas, saraus, escutas, incentivo à produção e difusão das nuances artísticas das mulheres. Foi fundada em 2017 e fica localizada na Ceilândia, na Qnn 23 conjunto "J" casa 35, no Distrito Federal.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casafeminista/>

- **Casa Akotirene:** Lar de cultura e empoderamento artístico para mulheres e LGBTQI's. A partir de experiências socioculturais no âmbito das artes. A Casa Akotirene é um Quilombo Urbano, localizado na Ceilândia - DF. Tem como premissa de conceituação um local de resistência preta. O espaço físico foi criado no início de 2019, surgido através da organização de mulheres negras do coletivo Afromanas (Jusianne Castilho, Joice Marques e Aline Karina).

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casaakotirene>

- **Casa La Frida:** Espaço cultural e de encontro de mulheres negras. Fica localizada na Rua Direita do Santo Antônio 314 em Salvador - BH. Foi fundada em 2017 e além de atividades como encontros e oficinas, promove principalmente o tema da mobilidade. O

espaço possui uma oficina e loja de bicicleta. As gestoras do espaço realizam palestras sobre o tema da mobilidade voltada às mulheres e meninas negras.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casalafridasalvador/>

- **Casa Nem:** Espaço cultural e de acolhimento para transexuais, travestis e transgêneros. Realiza oficinas, debates, festas e shows com o objetivo de empoderar o público trans em situação de vulnerabilidade social. Foi fundada em 2016 e fica localizada na Rua Teodoro da Silva 836, na Lapa, no Rio de Janeiro.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casanemcasaviva/>

- Casa Oito

A Casa Oito é um espaço cultural idealizado para a construção coletiva entre mulheres lésbicas. Fica localizada na Rua General Penha Brasil em Niterói – RJ. O espaço foi fundado em 2017 e serve também como moradia de mulheres lésbicas e bissexuais. Realizam rodas de conversa, exposições audiovisuais, saraus, apresentações de teatro, entre outras atividades.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casaoitoespacocultural>

- Casa Pitanga

A Casa Pitanga, fundada em 2018, localizada na Rua Rodrigues Lima, 35, em Bagé no Rio Grande do Sul, é um espaço de artes plásticas, escrita criativa e yoga. Além disso, conta com brechó e sebo. Espaço aberto para trocas de conhecimento nas mais variadas áreas.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/pg/casapitangabage>

- **Casa Raxada:** Coletiva de Sapatonas Periféricas fomentando, Arte, Cultura, Informação e Rede de Apoio para Mulheres Lésbicas, Negras/Índigenas y Quilombolas da região do Vale do Paraíba. Av. Celestino Campos Coelho 1408 São Benedito. São Paulo.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/coletivacasaraxada>

- **Casa Rosada Barris:** Criada para disseminar projetos com o empreendedorismo criativo e feminino, promover a cultura regional, reforçar fortes e enriquecedoras

parcerias, proporcionando, acima de tudo, encontros afetivos e artísticos. Fica localizada na Rua Tv. dos Barris, 30 no bairro Barris em Salvador. Foi fundada em 2018 pelo grupo Deslimites Mediações Artísticas - coletivo de artistas, formado em 2014. Na agenda da Casa já constam aulas de capoeira, Tai Chi Chuan, danças regionais, vivências corporais e diversos espetáculos.

Página do facebook:

<https://www.facebook.com/Casa-Rosada-Barris-357609641455345/>

- Casa Vulva

Espaço cultural feminista que promove as artes integradas através de shows, exposições, exibições audiovisuais e encontros. O espaço foi fundado em março de 2018 e fica localizado na Rua Coriolano, 345 em São Paulo.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casavulva>

- Espaço Armazém: Espaço cultural feminista gerido pelo coletivo feminista Elza. Focado em arte, cultura, educação, pró infância e empoderamento feminino. Produzem ações como saraus, exposições de arte, oficinas, entre outros. Fundado em agosto de 2016. Fica localizado em Florianópolis - SC.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/armazemcoletivoelza>

- La Kahlo Bodega: Espaço cultura e bar feminista cujo objetivo é promover a igualdade e mais respeito à afetividade. Se apresenta como um espaço seguro, para expor opiniões e arte. Realiza diversas atividades culturais como festas, encontros, apresentações musicais, entre outras. É um espaço por mulheres lésbicas e foi fundado em 2017. La Kahlo está localizada na Av. Hercílio Luz, 633 em Florianópolis – SC.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/pg/LaKahloBodega>

- Motim: Espaço que hospeda projetos independentes e feministas, colaborando na construção de um lugar seguro de produção cultural para mulheres artistas, produtoras, frequentadoras. Fica localizada no Rio de Janeiro - RJ.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/motim302/>

- **Presidenta Bar e Espaço Cultural:** O espaço Presidenta Bar e Espaço Cultural é gerido por mulheres e desenvolve atividades voltadas ao feminismo. Realiza shows, peças de teatros, exposições de filmes e funciona como bar. Foi fundado em 2017 e fica localizado na Rua Augusta, 335, Consolação, em São Paulo.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/presidentabar/>

- **Resiliência Espaço Cultural:** Um espaço cultural voltado ao protagonismo e segurança das mulheres lésbicas. Fica localizado na Rua Galvani, 52 na Vila da Penha no Rio de Janeiro – RJ. Foi fundado em 2016 pela terapeuta ocupacional Gisela Queiroz, uma mulher lésbica e negra. O espaço promove rodas de conversa, oficinas, aulas de Yoga, exposições audiovisuais, entre outras atividades.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/resilienciaespacocultural/>

Bolívia

- **Casa Virgen de Los Deseos:** Espaço cultural feminista fundado pelo grupo Mujeres Creando. O espaço conta com um restaurante popular, serviço de hospedagem, loja de artesanatos e produtos do grupo, e uma rádio feminista. Promovem debates, rodas de conversa, oficinas, aulas de defesa pessoal para mulheres, apresentações musicais, feiras, entre outras atividades. Foi fundada em 2006 e fica localizada na Av. 20 de Outubro, 2060, entre Aspiazu e J.J Pérez, Zona Sopocachi, em La Paz.

Página do facebook:

<https://www.facebook.com/VirgenDeLosDeseosLaCasaDeMujeresCreando/>

- **Casa Los Deseos de La Virgen:** Espaço cultural feminista fundado pelo grupo Mujeres Creando. O espaço conta com um restaurante e café popular, livraria e uma loja de artesanatos e produtos do grupo. Promovem cine debates, rodas de conversa, oficinas, aulas de defesa pessoal para mulheres, apresentações musicais, entre outras atividades. Foi fundada em 2012 e fica localizada na Rua Arenales entre Aroma e Murillo, 284, em Santa Cruz de la Sierra

Página do facebook: <https://www.facebook.com/LosDeseosDeLaVirgen/>

- **La Casa de la Chola:** Espaço cultural, ecofeminista, de liberdades de expressão e de alimentação consciente. Foi fundada por jovens mulheres ativistas e empreendedoras. Promovem debates feministas e de alimentação consciente, assim como oficinas, rodas de conversa e debates. Foi fundada em 2018 e está localizada na Rua Montaña Av/ Juan Pablo II, Pura Pura, em La Paz.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/cholafeminista>

Chile

- **Casa Mundanas:** A Casa Mundanas foi fundada em 2012 e é um espaço de encontro feminista que promove atividades voltadas a cultura, bem estar e organização política entre mulheres e lésbicas. Realizam oficinas terapêuticas, cursos, seminários e outros eventos.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/casamundanas/>

- **Casa Revueltas:** Centro cultural feminista, autonomo e autogestionado. Realizam diversas atividades artísticas, terapeutas, esportivas e políticas para toda a comunidade. Foi fundada em 2018. Fica localizada em Santiago no Chile.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/JuntasRevueltasAcuerpadas/>

- **La Trenza:** Casa feminista e autogestionada de artes e ofícios. Realizam oficinas, exposições de arte, rodas de conversa, encontros, entre outras atividades. Foi fundada em 2021 e fica localizada em Valparaíso no Chile.

Página do instagram:

<https://www.instagram.com/latrenza.casadeoficios/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Colômbia

- **La Morada:** Casa cultural feminista, autogestionada, aberta para todas as pessoas. Realizam diversas atividades culturais e artísticas como encontros, apresentações e oficinas. Fica localizada em Bogotá.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/lamoradacc>

- **La Redada:** Espaço cultural transfeminista que busca gerar espaços de circulação, formação e investigação cultural e artística. Realiza oficinas, encontros, cineclubes e apresentações artísticas em geral. Foi fundada em 2010. Localizada em Bogotá.

Página do facebook: www.facebook.com/laredada

- **La Perra:** Casa Cultural antiespecista, livre e seguro para mulheres e dissidentes de gênero. Produzem atividades como rodas de conversa, oficinas, performance, exposições, entre outras. Foi fundada em 2021. Fica localizada em Teusaquillo, em Bogotá.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/laperracasacultural>

- **Yukasa:** Yukasa é a primeira Casa Cultural Feminista de Quindío. O espaço foi criado com o objetivo de proporcionar encontros para compartilhar, degustar, criar, construir e se desconstruir em comunidade. Realizam diversas atividades culturais e artísticas com protagonismo de mulheres e LGBTQIA+.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/YukasaFeminista/>

Equador

- **Centro Cultural Feminista Santa Elena:** Espaço fundado por um grupo de mulheres com o propósito de fomentar a cultura em Santa Elena no Equador. O espaço foi fundado em 1929 e é o centro cultural feminista mais antigo encontrado nesse mapeamento. Atualmente é gerido por mulheres idosas. Fica localizado na Av. 18 de Julio, esquina com o Parque Central Vicente Rocafuerte, em Santa Elena.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/centrofeministasantaelena/>

México

- **Cuerpos Parlantes** : Espaço feminista de encontro e investigação para a reflexão sobre a relação entre cidade e os corpos que a transitam. Realizam eventos voltados à formação e ação coletiva, como oficinas, ciclos de cinema, seminários, reuniões de trabalho, performances, festas, entre outras atividades. O espaço foi fundado em 2013 e fica localizado na Rua Jesús González Ortega 531, em Guadalajara.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/espacio.Cuerpos.parlantes>

- **Punto Gozadera:** Espaço e restaurante cultural feminista gerido por mulheres e lésbicas. Realizam atividades como oficinas, rodas de conversa, apresentações musicais e teatrais, exposições de arte, performance e mostras. Fundado em 2016, o espaço fica localizado no centro na Rua Plaza San Juan 15, na Cidade do México.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/La-Gozadera-1471050349857079/>

- **La Karakola:** O Espaço Social e Cultural La Karakola é um espaço de criação e promoção de direitos, com arte e cultura. Foi criado em dezembro de 2018 e fica localizado na Cidade do México.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/pg/karakolaglobal/>

Paraguai

- **Aireana La Serafina:** O Espaço Cultural Aireana La Serafina foi criado pelo Aireana, grupo ativista pelos direitos das mulheres lésbicas. É uma organização feminista que utiliza da arte e cultura como elementos transformadores da sociedade. Promovem diversas atividades culturais como teatro, música, dança, performances e oficinas. Em 2011 ganhou o Prêmio de Direitos "Libertad, igualdad, fraternidad" da República Francesa. Possuem um serviço de atenção telefônica para casos de discriminação LGBTI. O espaço foi fundado em 2003 e fica localizado na Rua Eligio Ayala 907 em Assunção.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/aireana.laserafina/>

Peru

- **Casa Trenzar:** Espaço feminista e ativista comprometido com temáticas de memória, identidade de gênero e direitos humanos. Realizam oficinas, rodas de conversa, apresentações artísticas e também promovem o projeto chamado *Laboratório de criação feminista*, um espaço livre para que mulheres maiores de 18 anos possam explorar expressões artísticas. A casa foi fundada em 2017 e fica localizada na Av. Lima 243, Barranco em Lima.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/TrenzarPeru/>

- **El Nidx:** Espaço cultural, libertário e feminista, aberto a ações coletivas com o objetivo de compartilhar jornadas culturais, oficinas, rodas de conversa, debates, poesia e outras atividades culturais. O espaço foi fundado em 2018 e fica localizado na Rua Jr. Clorinda Matto, 342, Coripata, Santiago, distrito de Cusco.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/elnidxfeminista/>

- **La Munay:** Espaço cultura feminista criado pelo coletivo *Chola Contravisual* que promove a luta contra o machismo, racismo e homofobia. Promovem eventos diversos como concertos de poesia, apresentações artísticas em geral, oficinas e debates. A casa foi fundada em 2017 e fica localizada na Rua Jr. Carrion, 823, na cidade de Huancayo.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/LaMunayFeminista/>

- **La Promesa:** Espaço cultural fundado por três parceiras e amigas. É um espaço feminista que aposta na produção acadêmica e de periódicos, poesia e audiovisual, assim como qualquer forma de expressão artística que permita narrar as vivências das mulheres a partir de um olhar feminista. Promovem encontros, oficinas e debates. O espaço foi fundado em 2017 e fica localizado na Avenida Alfonso Ugarte 1454, interior 401, no distrito de Breña.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/lapromesafeminista/>

Uruguai

- **Casa de Las Ciudadanas:** Espaço de participação, sensibilização e formação, para o fortalecimento da cidadania ativa das mulheres e dissidentes de gênero. Promovem cursos, palestras, encontros, oficinas e atividades artísticas em geral. Fundada em 2008. Fica localizada em Montevideo.

Página do facebook:

<https://www.facebook.com/Casa-de-las-Ciudadanas-105161671641278>

- **Las Pioneras:** Espaço cultural feminista de uso compartilhado para atividades de defesa e afirmação dos direitos das mulheres. Está localizado na Avenida Agraciada e Fausto Aguiar. É um espaço criado com apoio da prefeitura da cidade, constitui em uma casa e em uma praça de uso público chamada Plaza Las Pioneras. Foi fundado em 2020 em Montevideo, no Uruguai.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/espaciolaspioneras>

- Puebla Casa Cultural

A Puebla Casa Cultural é um espaço de resistência, feminismo e multi atividades. É um espaço aberto e livre para encontros, intercâmbios sociais e culturais, oficinas e exposições. Funciona também como bar e hospedagem, como forma de sustentabilidade do espaço. Foi fundada em 2017 e fica localizada na Rua Rivera 133, na Colônia do Sacramento.

Página do facebook: <https://www.facebook.com/pueblacasacultural>

ANEXO II

PERGUNTAS E RESPOSTAS DO FORMULÁRIO:

1. La Morada Casa Cultural Feminista

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

<https://www.facebook.com/lamoradacc> Instagram: lamoradacolombia

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Bogotá Colombia

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

1 de abril de 2018

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

El motivo una crítica fuerte de su fundadora a partir de la definición política de la autogestión y de los principios del feminismo decolonial, en contra de la financiación internacional y nacional de entes públicos y privados que cooptan la autonomía de los movimientos. Gracias al impulso del Primer Encuentro convocado por las mujeres zapatistas en el 2018 su fundadora regresa con toda la intención de crear la primera casa autogestionada feminista en Bogotá.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

La Morada tuvo como propósito general e inicial tener un lugar físico en que se pudieran encontrar los diversos feminismos, un lugar seguro para las mujeres organizadas y no, que luego empezó a generar espacios de acuerdo a las necesidades que iban aflorando: Un espacio para niñas y niños, un espacio de coworking, un consultorio psicosocial y jurídico, un café, una biblioteca, un espacio de descanso, espacios de talleres, un restaurante, un patio y un mini auditorio para diversas actividades.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Como es un proceso suigéneris desde la autogestión, la estructura interna también ha sido todo un desafío, se han gestado unos llamados grupos base, con personas itinerantes y la coordinación en cabeza de su fundadora.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Es una casa alquilada

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

La agenda se alimenta por las actividades que proponen desde el movimiento feminista y el movimiento de mujeres de forma personal o colectiva.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

A través de la solidaridad de mujeres del movimiento feminista y el movimiento de mujeres de forma personal o colectiva.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

Hay un espacio para descansar, pero no vive nadie en la casa.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

La mayor dificultad es la sostenibilidad económica.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

No

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Las que hacen parte de esta red

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

No

E-mail:

jvanegase@gmail.com

2. Casa Chama

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

Las redes son facebook e instagram, con el usuario Casa Chama.

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Brasil. São Paulo - SP

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

2018

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

La Casa Chama fue fundada durante el período de elecciones presidenciales en 2018 en Brasil, cuando se eligió el actual gobierno de extrema derecha. La casa aparece para dar la bienvenida y atender a la población transvestigenera, que es extremadamente vulnerable por el Estado, dado que somos el país con el mayor número de asesinatos de personas trans en el mundo.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

El objetivo de la Casa Chama es dar la bienvenida a la población transvestigenera, dentro del área legal, asistencia médica, asistencia cultura y formación de redes.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

La gestión de La Casa Chama la realizan personas trans frente a todos los núcleos y personas cis alidas LGB+.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Se alquila el espacio de la casa.

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

La casa está destinada actualmente solo a vivienda.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

Todo el dinero al que se accede proviene de donaciones de personas físicas y jurídicas, avisos y a través del sitio web vakinha online.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

Si.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

La mayor dificultad es satisfacer todas las demandas de las personas tranvestigeneres. Hay mucha demanda y pocos recursos fijos.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

La Casa Nem y Casa 1.

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Si, la Casa Florescer I y II en São Paulo , Casa Nem en Rio de Janeiro, y Casa Aurora, en Bahia, que son casas de acogida para travestis, la Casa 1 tambien en São Paulo, que es un refugio para personas LGBT+.

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

E-mail:

casachama440@gmail.com

3. Punto Gozadera

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

<https://www.facebook.com/PuntoGozadera>, <https://www.instagram.com/puntogozadera/>

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

México, Plaza San Juan #15, Centro, Ciudad de México , C.P. 06010

¿Cuándo fue fundado? Quando foi fundada?

Septiembre de 2015 pero recién a mediados de 2020 decidimos iniciar una etapa de organización como cooperativa.

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

Punto Gozadera surgió de la afortunada convergencia de algunas feministas: lesbianas y heteras que decidimos juntar fortalezas y recursos para crear un espacio donde poder realizar todo tipo de actividades culturales y políticas desde una propuesta feminista. Desde hace unos seis años a la fecha, en la Ciudad de México han concidido feministas de multiples latitudes, sobre todo latinoamericanas: lesbianas, bisexuales, trans, no binaries, hetero cuya interrelación política y afectiva ha impulsando movilizaciones, visibilizado casos de violencias machistas, y creado alternativas culturales y de formación, entre otras posibilidades.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Nuestro horizonte compartido es transformar la munda y la vida para que todas tengamos bienestar y, desde nuestra cooperativa ubicada en este centro urbano, llegar hacia lugares más periféricos y lejanos. Queremos que la utopía feminista y lesbiana revolucione el mundo todo con ternura, gozo, bienestar, sostenibilidad de la vida y plenitud.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Trabajamos por comisiones, actualmente somos alrededor de 17 compañeras que tenemos diferentes niveles de responsabilidades y actividades. Tenemos comisión de finanzas/admiistración, Eventos culturales, formación, contenidos, logística, comunicación y vinculación. Los proyectos vigentes son Desayunos Cruda La Vida, Barra de bebidas gozosas, Tiendita ArteSanas y Red de Consumo Directo.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Es alquilada.

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

Quienes integramos el espacio cocinamos, organizamos conversatorios, talleres, círculos de lectura, ciclos de cine debate, presentaciones de libros/revistas/fanzines, fiestas. Además, el espacio está abierto para recibir por parte de colectivas feministas y compañeras propuestas para realizar talleres, conversatorios, presentaciones de libros,

revistas, fanzines; lectura de poesía, círculos de estudios, conciertos, teatro y todo lo que se presente.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

Por solidaridad y mediante el ingreso que generan los servicios, talleres, productos, alimentos y bebidas del lugar.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

No de manera formal pero en casos excepcionales ha acogido a personas para pasar una o varias noches.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

No tener un inmueble propio.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

Sí, Casa Gomorra fue un espacio donde algunas de las feministas que decidimos organizar Gozadera coincidimos en fiestas y talleres. Sabíamos que habían existido espacios feministas y lésbicos en la Ciudad de México pero que actualmente ya habían cerrado. Otros espacios feministas eran itinerantes como el Cuarto Violeta y la mayoría de las fiestas eran en casas particulares.

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

La Morada, Yukasa, La Redada en Colombia La Munay, el Nidx, Casa Libertad en Perú La Virgen de los deos y los Deseos de la Virgen en Bolivia Gran Sur, Centro Cultural Feminista en Argentina FemTerra, Fortaleza de la Luna en México Casa Chama, Las Vulvas en Brasil Casa Revueltas, Las Mundanas en Chile

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

Sentipensamos que hacer red entre espacios feministas en Latinoamérica es una acción poderosa y vivificante, graciais por esta iniciativa.

E-mail:

puntogozadera@gmail.com

4. Casa Cultural Gran Sur

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

@casaculturalgransur fb e instagram

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Boedo 1993, Buenos aires, Capital Federal

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

Hace 3 años

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

Queríamos una casa para llenarla de piberio, amigxs, artistas, vecines, donde circule la risa, la escucha, el arte. Que albergue a los artistas, que brinde su espacio para que puedan enseñar, crear y compartir lo que hacen, porque tenemos la certeza de transformar la realidad a través del arte. Una casa colectiva para abrazar y dar reparo a la comunidad, donde se construyan vínculos humanos solidarios, que dé una salida o solución a las problemáticas sociales que enfrenta el barrio. Potenciar la cultura popular transfeminista, dando lugar que sean las mujeres, lesbianas, travestis, trans, no binaries y bisexuales, quienes protagonicen en su mayoría las propuestas culturales. Además la casa cultural gran sur, es la casa de nuestra organización social SIEMBRA, en ella se hacen charlas, ciclos y eventos de los otros frentes de la organización.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Potenciar la cultura popular transfeminista y abordar problemáticas de nuestra comunidad.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Somos un colectivo de 30 personas, en su mayoría mujeres cis.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Alquilada

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

- Ronda de mujeres, lesbianas, travestis, trans, no binaries, bisexuales: desde el frente de generos, funciona este espacio que propone compartir no solo un saber concreto sino compartir con otras, sentires, vivencias, problemáticas y reflexiones. Un espacio de encuentro y de construcción feminista. - Talleres artísticos: este año los talleres que se dieron en la casa fueron teatro, clown, yoga, canto, folclore, y también seminarios o intensivos de distintas disciplinas. - Chicarras: asesoría comunitaria feminista. - Eventos culturales: tenemos ciclos que nacen de la casa como el ARDE –pastiche escénico- una variete mensual donde mujeres y disidencias comparten la escena con teatro, música, clown, danza, poesía. Nuestra fiesta mensual FLAMA –fiesta orgásmica- para danzar y militar el goce. PIBIFEM –pizza, birra y feminismos- ciclo de cine donde en cada edición proyectamos una peli e invitamos a realizadorxs, interpretes, para que luego podamos compartir en ronda el material (pasaron por el pibifem este año “Las hijas del fuego”, “El silencio es un cuerpo que cae” entre otras). El ciclo “Que sea canción” donde cantautorxs invitan a otras cantautorxs y juntas comparten canciones, bajo la propuesta de unir la música y la amistad. La agenda se completa con propuestas que nos llegan siempre contemplando el carácter feminista de la casa. - Bachillerato popular Independencia, espacio independiente que funciona y es parte de la casa. En Pandemia estamos sosteniendo ciclos virtuales como “PANDEMIA CULTURAL” microfono abierto y “CORONA LIP SYNC” por straming de instagram. “PIBIFEM” recomendaciones de pelis y docus transfeministas y “HABITANDO LA IMAGEN” ciclo de artes visuales, ambos en publicaciones en nuestro feed. Tambien en

conjunto con tres bachilleratos populares del barrio llevamos adelante todos los domingos una olla popular a la que asisten aproximadamente 200 personas y un ropero comunitario.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

Nuestra casa se sostiene de los eventos culturales que realizamos mas aportes que hacemos quienes formamos parte. A su vez nos presentamos a diversos subsidios o concursos del Estado como de organismos independientes.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

no

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

Sostener economicamente el espacio, y mantener la casa.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

Casa Brandon, Ambigu, Ladran Sancho.

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Las casas de la rede.

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

Queremos que todxs lxs que transiten ésta casa puedan encontrar la alegría de sabernos acompañadxs, el sostén comunitario que genere la fuerza para salir y dar lucha, cuando el afuera se vuelve terrorífico. Una casa, en una esquina al sur de la ciudad, nuestra trinchera afectiva. Bienvenides!

E-mail:

holagransur@gmail.com

5. Casa xoTTTa

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

[instagram.com/casaxottta](https://www.instagram.com/casaxottta)

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Brasil

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

Fevereiro de 2019

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a

criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

A ideia surgiu da tatuadora @tatudona, quando sentiu necessidade de parar de trabalhar sozinha em casa. O mercado da tatuagem no Brasil é ainda um universo extremamente machista e racista e a Casa xoTTTa entra em cena para quebrar com esse fluxo opressor do mercado. Somos duas mães, militantes do feminismo materno, abrimos espaço para clientes trazerem seus filhos, assim como as profissionais, com espaço para que eles fiquem a vontade. No processo de construção da Casa encontramos um sobrado grande que nos proporcionou ampliar nossa ideia original e lá abrimos espaços para terapeutas, esteticistas, eventos, cursos, reuniões.... tudo sempre oferecido por mulheres e aberto a todes.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Oferecer um espaço acolhedor e estruturado para que mulheres de diversas áreas tenham oportunidade de desenvolver seu trabalho e crescer profissionalmente. Criar pontes de afeto e resistência entre mulheres da mesma área de trabalho.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Lis Mainá (@tatudona) - tatuadora e quem idealizou o projeto e Maria Paula de Oliveira (@mariapauladeoliveira_) - Produtora e gerente, já trabalhava como assistente da Lis desde 2018 em seu home estudio.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Alugada

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

Funciona diariamente como estúdio de tatuagem hoje em dia com 8 tatuadoras residentes e uma aprendiz e recebendo meninas de outras cidades/países como convidadas, tem uma sala de terapias ocupada hoje em dia por três terapeutas, (duas psicólogas e uma arte terapeuta), uma esteticista que faz seus atendimentos na sala de procedimento, aula de cavaquinho semanal, cursos esporádicos em uma sala que alugamos e produzimos eventos, voltado para tatuagem e para maternidade.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

A Casa se sustenta a partir da cobrança de porcentagem em cima dos serviços que são oferecidos.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

Não.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

As contas são sempre apertadas, a gente evolui e avança nossas ideias muito lentamente, o salário de Maria enquanto gestora financeira e gerente é muito baixo porque ainda não temos recurso para manter uma salário justo.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

Não.

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Não conheço de maneira próxima, mas sim de novo a rede.

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

agradeço muito por entrar nessa articulação, espero que possamos construir grandes pontes entre esses núcleos.

E-mail:

casaxotta@gmail.com

6. Yukasa Feminista

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

Nos puedes encontrar como Yukasa Feminista en Archive.org, Twitter, Instagram, Facebook y Youtube

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Estamos ubicadas en el departamento continental más pequeño de Colombia, conocido destino turístico cafetero; lo que no se conoce mucho es que es el departamento con una de las tasas más altas en violencia contra las mujeres de todo el país llamado Quindío.

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

Desde el 2019, iniciativas como el 'Festival Audiovisual LGBTIQ* Cine o Yuka', la 'Jornada por el Desmonte de la Maternidad Obligatoria' y la 'Semana de Acciones Orgullosas'

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

La necesidad de hablar de Feminismos a través del activismo, ha sido una herramienta predilecta para tomarnos el espacio público y virtual, nos ha posibilitado hablar sobre el reconocimiento de nuestras identidades y experiencias de vida diversas en un territorio tan conservador y hostil donde se han invisibilizado las disidencias sexuales y las mujeres que trabajamos por el acceso y garantía de derechos.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Trabajamos para que en el Quindío las mujeres y personas disidentes del género y la sexualidad podamos ejercer libremente nuestros derechos sexuales, derechos reproductivos y no reproductivos en el espacio público y privado. Hacemos enlace con instituciones públicas, privadas y otras organizaciones sociales para el acceso a

derechos de mujeres y personas de los sectores LGBTIQ* que son sobrevivientes de algún tipo de violencia. Acciones de incidencia y veeduría en las instituciones públicas para la mejora y garantía de acceso a derechos de mujeres y población LGBTIQ*.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Todas

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

alquilada

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

Debido a las medidas de aislamiento, no estamos realizando eventos en nuestra sede. Nos trasladamos a distintas plataformas virtuales para seguir compartiendo con ustedes nuestro contenido, festivales, charlas, conversatorios, proyecciones y más.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

A través de la gestión de proyectos, postulamos a convocatorias que tengan que ver con nuestro trabajo.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

Nosotras vivimos y trabajamos en casa. Cuando habían talleres, las compas se quedaban acá, pero el espacio es pequeño.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

Que no haya apertura institucional para el acceso y garantía de derechos a personas lbtí y mujeres que habitamos el territorio. Que sea un departamento tan homolebitransfóbico y con una tasa de violencia muy alta.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

En el departamento somos la primera casa feminista.

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Más que casas culturales feministas, también son organizaciones que aunque no cuenten con sede trabajan por la garantía en derechos como El baile de lxs que sobran, Ítaca Laboratorio, Mujeres Quindío, Colectiva Anatema en el departamento.

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

E-mail:

yukasa1n15@gmail.com

7. Casa Revueltas

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

Instagram: @casarevueltas <https://www.instagram.com/casarevueltas/> y Facebook "Casa revueltas" <https://www.facebook.com/JuntasRevueltasAcuerpadas/>

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Chile, Santa victoria #193, Santiago Centro

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

Agosto del 2018

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

Principalmente la necesidad de habitar espacios feministas para desarrollar actividades terapéuticas y políticas entorno a las mujeres y su bienestar.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Buscamos propiciar la recuperación de nuestros cuerpos a través acompañamientos terapéuticos y reflexivos, para lograr transformar y emancipar nuestras vidas a nivel personal y colectivo.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Geraldine Arriagada Aros es la gestora inicial, actualmente somos un grupo de mujeres que sostenemos el espacio.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Alquilada

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

Realizamos acompañamientos terapéuticos y terapias naturales (alternativas, complementarias), jornadas de terapias a bajo costo, conversatorios feministas, talleres, actividades culturales, políticas, espirituales, etc.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

Principalmente a través del arriendo de salas a terapeutas, psicólogas y talleristas

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

En ciertas ocasiones, algunas de las activistas de la casa hemos tenido que ocupar el espacio para alojar y dormir, ya sea por seguridad, horarios o problemas personales entorno a la familia con la que viven.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

La sostenibilidad económica y la generación de recursos para levantar actividades. También encontrar espacios de autocuidado que nos permitan sostenernos en salud dentro del activismo político y nuestras labores varias.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

No

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Las casas de la red.

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

E-mail:

casarevueltas@gmail.com

8. El Nido/ El Nidx

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

El Nidx@ Facebook, El Nidx @Instagram

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Perú, Cusco ciudad

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

2018

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

Como bien sabemos, nuestras necesidades nunca caben en las agendas ni planes de gobierno de turno, al modelo neoliberal les conviene tenernos desinformadxs y precarizadxs, siempre dependientes a las migajas que se les antoje. Por ello, tenemos claro que organizarse, es resistir, y eso implica re plantearse y re crear/compartir herramientas y espacios seguros donde podamos intercambiar conocimiento, inquietudes, realidades a través de un trato honesto y horizontal, que centre su dinámica en las relaciones “humanas”, y re aprendamos y construyamos otras formas de relacionarnos, lejos de toda esa violencia que encarna el capitalismo y sus repugnantes intereses. Es así que, cansadas de pedir permisos/favores para reunirnos y conspirar, o de tener que gastar dinero en algún café, cansadas del frío de las calles y de lugares donde no podíamos permanecer por mucho tiempo o simplemente donde no nos sentíamos con la confianza de soltar nuestros sentires, decidimos mudarnos y colectivizar nuestro espacio de vivienda.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Ser un espacio seguro feminista y antiespecista donde conspirar y compartir nuestra cotidianidad y afines, para intercambiar conocimientos, herramientas, emociones/vivencias y a la vez ser una plataforma donde exponer los talleres, proyectos y creaciones de personas queer y amigxs, tanto de personas cusqueñas como viajeras.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Somos 2 mujeres disidentes que llevamos la gestión. Sin embargo, la ayuda de amigas que se quedan por temporadas es sumamente importante para darle continuidad a los talleres y actividades que compartimos y sobre todo ir llenando de amor y arte la casa.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Es alquilada.

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

Talleres de huerta y permacultura, compostaje Talleres de cocina vegana Talleres de autogestión de la salud Eventos profundos con comida y fiesta Conversatorios y proyecciones Talleres de dibujo y encuadernación Círculos de lectura feminista Karaoke Organización y conspiración

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

Es un espacio autogestionado. Al ser nuestro lugar de vivienda, tenemos destinado parte del dinero de nuestros ingresos del trabajo para la renta y también nos ayudamos de actividades profundas, pues en diferentes oportunidades alojamos temporalmente a cabras que estén viajando o sufran violencia y lo necesiten, así como también hay quienes se quedan por periodos más largos y nos colaboran aportando para dividirnos el alquiler.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

Sí, creemos que lo personal es político y de nada serviría compartirnos tantos talleres y herramientas, si a la vez no profundizamos en seguir conociéndonos y deconstruyéndonos, compartiendo lo que somos en la cotidianidad, lo cual implica abrir nuestras historias y experiencias, compartir nuestras reflexiones y cuestionamientos, compartir nuestra rabia y alegría, compartir alimento, compartir medicina y lamernos las heridas. Básicamente fue uno de los motivos principales por los cuales decidimos colectivizar este espacio, ser un pequeño nido para las aves de paso que somos todes.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

Mantener el equilibrio entre la economía para sostener el espacio y sus actividades y a la vez mantener relaciones sanas y sinceras con lxs que se convive. Aprender a comunicarnos sin herirnos, pero tampoco guardarnos lo que nos incomoda. Por otro lado, en algunas actividades visiblemente maricas nos ha costado lidiar con la moral y cristianismo de algunxs vecinxs, quienes cuestionan la vida de lxs amigas, haciendo suposiciones.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

Sí, en Lima pudimos conocer los espacios como la casa Parió Paula, La Promesa, casa Bagre, La Munay en Huancayo.

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Ubicamos el espacio cultural de mujeres creando en Bolivia y Frida Caldo en Chile. Conocemos también las casas de la rede.

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

E-mail:

dree167@gmail.com, amarucarbonera@gmail.com

9. Casa Sofía

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

IG y Facebook: @casaculturalsofia // TW: @casasofiyussen // www.casasofia.org.ar
[//http:// www.youtube.com/c/CasaSofiaYussen](http://www.youtube.com/c/CasaSofiaYussen)

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Fitz Roy 1327, Ciudad de Buenos Aires, Argentina

¿Cuando fue fundado? Quando foi fundada?

2015

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

Se fundó como un proyecto artístico, cultural y político en un contexto de vuelta del gobierno neoliberal, como un espacio de lucha y construcción cultural desde la resistencia, para promover el arte emergente y el derecho a la cultura en la ciudad.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Casa Sofía es un proyecto cultural, artístico y político de puertas abiertas, que debe su nombre a Sofía Yussen, Madre de Plaza de Mayo y activa militante hasta sus 105 años de edad.

Sofía falleció en 2015, el año en que abrimos la Casa. En homenaje a su lucha, a su alegría, a su espíritu de festejar la vida, la casa lleva su nombre. Fue la madre y abuela de quienes fundaron nuestro proyecto. Pero de alguna manera, es la abuela de todes quienes lo llevamos adelante.

Está conformada por artistas y gestores culturales. Trabajamos de manera inclusiva y accesible, preservando la calidad de las propuestas artísticas y en permanente diálogo

con nuestro barrio y nuestra ciudad. Construimos todos los días una forma de hacer y entender la cultura como un derecho.

Objetivos:

- Crear, apoyar y desarrollar proyectos e iniciativas culturales y artísticas emergentes e innovadoras, dando lugar a la experimentación, las nuevas ideas y la creación colectiva.
- Promover el acceso a la cultura de poblaciones vulneradas de un modo abierto e inclusivo, desde la perspectiva de la cultura como derecho.
- Tejer y fortalecer alianzas con otros actores culturales y sociales para dar valor a la cultura independiente y su rol transformador en la Ciudad de Buenos Aires.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

Una mesa de dirección conformada por 3 personas dirige el espacio. Luego 1 persona hace la coordinación general

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

Alquilada

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

Programación cultural en distintas disciplinas artísticas, talleres de formación, producciones audiovisuales, radiales, editoriales, producción cultural y formación en villas de la ciudad, festivales en el espacio público, entre otras.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

Se sostiene con la gestión de proyectos y aportes de colaboradores.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

No

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

En este momento la sostenibilidad frente a la imposibilidad de realizar actividades.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

No

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

Si! Todas de la rede.

¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

E-mail:

10. La Redada - Miscelánea Cultural

¿Cuales son las redes sociales de la casa? Quais as redes sociais da casa?

instagram @laredada y @la_republicana facebook: www.facebook.com/laredada y <https://www.facebook.com/Laredada.misclaneacultural>

¿Qué país y domicilio? Qual país e qual o endereço da casa?

Bogotá, Colombia - Calle 17 # 2-51

¿Cuándo fue fundado? Quando foi fundada?

2010

¿Qué motivó la creación de la casa? hablar un poco sobre el contexto social y cultural, de tu ciudad en el momento de la fundación de la casa. O que motivou a criação da casa? Fale um pouco do contexto social, cultural, político, da sua cidade no período da fundação da casa.

La génesis de La Redada - miscelánea cultural se remonta a la crisis en que entran cuatro espacios independientes de Bogotá (La Kcitta audiovisual, Casa Entrecoronas, El Eje Centro cultural y Casa Quince16) que, tras verse en la necesidad de ceder sus espacios en el 2010 por falta de fondos, deciden sumar fuerzas y juntarse bajo un mismo techo. Nacer de esta articulación hizo que La Redada enlazara los procesos de base provenientes de cada espacio, la vinculación de diferentes colectivos y la intención de agenciar proyectos sin intermediación. De tal forma, La Redada trabaja bajo dos líneas específicas: una relacionada directamente con la sede del proyecto (la miscelánea cultural), en la cual se busca generar espacios de circulación, formación e investigación cultural y artística; y otra enfocada principalmente en el trabajo en territorio con comunidades en distintos lugares de la ciudad y el país, en la que La Redada trabaja de la mano con organizaciones, colectividades o grupos locales para el fortalecimiento en doble vía de los procesos de autoorganización desde las metodologías del arte, la investigación cultural y la acción directa sobre el territorio.

¿Cuál es el propósito de la casa? Qual o objetivo da casa?

Actualmente La Redada se postula como un espacio transfeminista que acoge en su techo a diferentes colectividades, procesos y proyectos independientes gestados al interior y exterior de la casa que confluyen de manera segura conectando diversas existencias, experiencias o expresiones culturales y artísticas. Su apuesta es la de servir como plataforma para enlazar, fortalecer, visibilizar y amplificar las iniciativas que germinan en los intersticios del sistema de producción cultural/artístico abriendo sus puertas a gestorxs/creadorxs/artistas independientes que no cuentan con las herramientas, medios o canales para dar potencia a sus propuestas. Así, a lo largo de los años nos hemos dado la tarea de tejer redes de trabajo basadas en la horizontalidad, la co-creación y el trabajo colectivo y colaborativo, pues consideramos necesario que se produzcan intercambios en los saberes que se construyen desde los diversos lugares de acción y enunciación que confluyen en la casa. Gracias a ello, contamos actualmente con el apoyo y apañe de quienes, ocupando la casa, dotan de sentido su existencia y posibilitan su resistencia. La Redada es un espacio para hacerlo real y hacerlo en parche.

¿Quién hace la gestión del espacio? Quem faz a gestão do espaço?

En La Redada trabajamos diferentes personas, proyectos y colectividades desde diversos lugares y roles. Nos gusta pensar que la gestión del espacio es una cuestión colectiva que se nutre con la participación de todas las personas que okupan la casa.

¿La casa es alquilada, propiedad u ocupada? A casa é alugada, própria ou ocupada?

alquilada

¿Qué acciones se realizan en el espacio? Quais ações são realizadas no espaço?

La Redada como equipamiento cultural y La Vox Populi como medio libre, se crean para contribuir activamente al fortalecimiento de un circuito artístico y cultural que se nutra de las propuestas de colectivos, parches, grupos o personas independientes con miras a la descentralización y articulación de esos otros lugares de producción y enunciación. Esto, pues entendemos la casa y la radio como privilegios a los que no todas las personas pueden acceder, por lo cual intentamos asegurar que nuestras puertas se mantengan abiertas y sin costo para colectividades artísticas y culturales que reivindicuen experiencias de vida marginalizadas por cuestiones de raza, género, sexo, etc., y que necesiten amplificar sus voces y propuestas. Así, buscamos la co-creación y la co-gestión para el fomento, la producción y la circulación de las particularidades que se dan cuando se trabaja en red, con el propósito de alimentar y oxigenar los lazos de compromiso, solidaridad y trabajo que dotan de sentido a los espacios independientes. Así, La Redada es hogar de todo tipo de eventos y encuentros, permitiendo la realización de talleres, charlas, conciertos, proyecciones audiovisuales, ferias, etc., a través de los diferentes espacios y procesos que conforman el proyecto del espacio.

¿Cómo es la sostenibilidad de la casa? Qual a forma de sustentabilidade da casa?

La Redada se sostiene por medio de aportes solidarios que realizan las personas que habitan y utilizan la casa, y con el trabajo de La Republicana - pan artesanal no tradicional, una panadería vegetariana y vegana que alimenta a quienes nos visitan.

¿Es la casa también un espacio para vivir y acogerse? A casa é também espaço de moradia e acolhida?

La Redada no está pensada como un espacio para vivir, sin embargo hemos visto en diferentes ocasiones la necesidad de acoger en ella a personas que por diversas razones han necesitado un lugar para resguardarse.

¿Cuáles son las mayores dificultades? Quais as maiores dificuldades?

La financiación, los hostigamientos policiales, la adecuación o mantenimiento de espacios y equipos.

Antes de abrir la casa, ¿conocías otras casas feministas? cuales? Antes da abertura da casa, conheciam outras casas feministas? Se sim, quais?

no

¿Conoces actualmente otras casas culturales feministas? Cuales? Atualmente conhecem outras casas culturais feministas? Quais?

si, todas de la red.

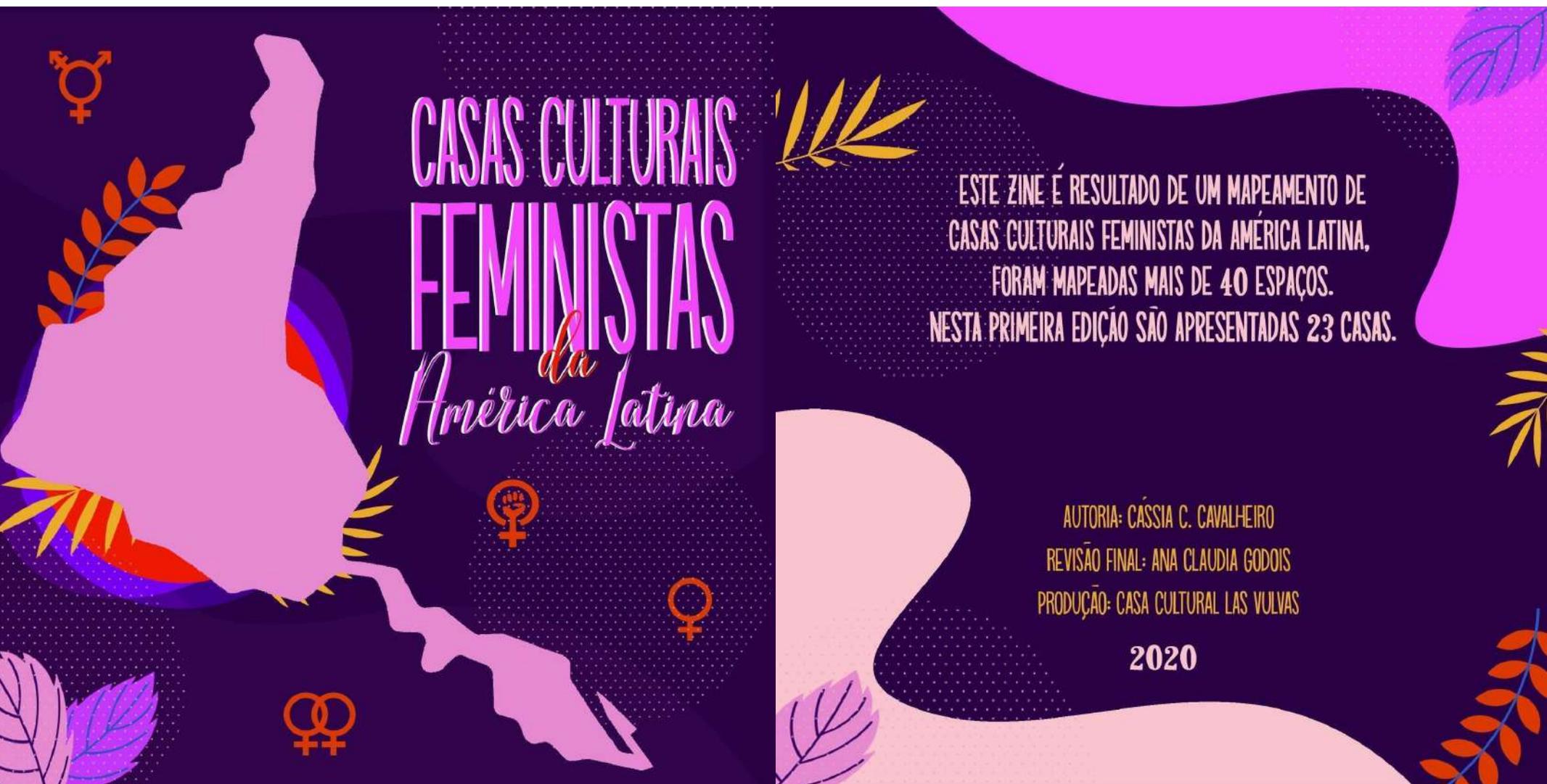
¿Quieres dejar algún comentario o testimonio? Quer deixar algum comentário ou depoimento?

E-mail:

laredada.bogota@gmail.com

ANEXO III

ZINE



CASAS CULTURAIS FEMINISTAS *da* América Latina

ESTE ZINE É RESULTADO DE UM MAPEAMENTO DE CASAS CULTURAIS FEMINISTAS DA AMÉRICA LATINA. FORAM MAPEADAS MAIS DE 40 ESPAÇOS. NESTA PRIMEIRA EDIÇÃO SÃO APRESENTADAS 23 CASAS.

AUTORIA: CÁSSIA C. CAVALHEIRO
REVISÃO FINAL: ANA CLAUDIA GODOIS
PRODUÇÃO: CASA CULTURAL LAS VULVAS

2020

CASA CULTURAL LAS VULVAS



BRASIL



A CASA CULTURAL LAS VULVAS FOI FUNDADA EM 2016 POR UM CASAL DE MULHERES. É UM ESPAÇO FOCADO NOS DIREITOS CULTURAIS DAS MULHERES E LGBTI+. REALIZA EXPOSIÇÕES DE ARTE, OFICINAS, RODAS DE CONVERSA, EVENTOS DE RUA E APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS.

+55 53 99926 3837
INSTAGRAM.COM/CASALASVULVAS
FACEBOOK.COM/LASVULVAS/

ENDEREÇO: RUA ANCHIETA 949, PELOTAS -RS



+55 21 99984 9595
INSTAGRAM.COM/CASAXOTTTA
FACEBOOK.COM/CASAXOTTTA



CASA XOTTTA

A CASA XOTTTA FOI FUNDADA EM 2019 E OFERECE UM ESPAÇO ACOLHEDOR E ESTRUTURADO PARA QUE MULHERES DE DIVERSAS ÁREAS TENHAM OPORTUNIDADE DE DESENVOLVER SEUS TRABALHOS DE CRESCER PROFISSIONALMENTE. FUNCIONA COMO ESTUDIO DE TATUAGEM E POSSUI SALA DE TERAPIAS. REALIZA OFICINAS, REUNIÕES E EVENTOS EM GERAL.

ENDEREÇO: RUA FREI CANECA 54, RIO DE JANEIRO - RJ

BRASIL



CASA DAS PRETAS



BRASIL



A CASA DAS PRETAS É UM PROJETO DA ONG COISA DE MULHER, INSTITUIÇÃO FUNDADA EM 1994 COM O OBJETIVO DE DESENVOLVER AÇÕES QUE PROPORCIONEM MUDANÇAS POLÍTICAS E SOCIAIS PARA AS MULHERES NEGRAS. REALIZA PALESTRAS, ENCONTROS, RODAS DE CONVERSA, OFICINAS E OUTRAS ATIVIDADES.

ENDEREÇO: RUA DOS INVÁLIDOS 122,
RIO DE JANEIRO - RJ

+55 21 3852-5267
INSTAGRAM.COM/CASADASPRETAS
FACEBOOK.COM/CASADASPRETAS1/



+55 71 99108-7268
INSTAGRAM.COM/CASALAFRIDASALVADOR
FACEBOOK.COM/CASALAFRIDASALVADOR



CASA LA FRIDA

A CASA LA FRIDA FOI FUNDADA EM 2017 E É UM ESPAÇO DE CULTURA E ENCONTRO DE MULHERES NEGRAS. POSSUI UMA OFICINA E LOJA DE BICICLETA. PROMOVE ATIVIDADES COMO ENCONTROS E CURSOS, PRINCIPALMENTE SOBRE OS TEMAS: MOBILIDADE E EMPREENDEDORISMO DAS MULHERES NEGRAS.

ENDEREÇO: RUA DIREITA DO SANTO ANTONIO 314, SALVADOR - BA.

BRASIL



CASA SOFIA



ARGENTINA



A CASA SOFIA FOI FUNDADA EM 2015 E É UM PROJETO CULTURAL E POLITICO QUE DEVE SEU NOME A SOFIA YUSSEN, MADRE DE PLAZA DE MAYO E MILITANTE ATÉ SEUS 105 ANOS DE IDADE. PROMOVE DEBATES, PALESTRAS, OFICINAS, PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E AUDIOVISUAIS, EXPOSIÇÕES E EVENTOS EM GERAL.

ENDEREÇO: RUA FITZ ROY 1327, BUENOS AIRES

Instagram: [INSTAGRAM.COM/CASACULTURALSOFIA/](https://www.instagram.com/casaculturalsofia/)

Facebook: [FACEBOOK.COM/CASACULTURALSOFIA](https://www.facebook.com/casaculturalsofia)

LA CASA DE TERESA



ARGENTINA



LA CASA DE TERESA FOI FUNDADA HÁ MAIS DE 20 ANOS E DEVE SEU NOME A TERESA ISRAEL, JOVEM E MILITANTE DESAPARECIDA EM 1977. É UM ESPAÇO CULTURAL POPULAR E TRANSFEMINISTA. REALIZA ATIVIDADES DE DANÇA, TEATRO, MÚSICA, ASSIM COMO OFICINAS, CONCERTOS E INTERVENÇÕES URBANAS.

ENDEREÇO:
RUA ACUÑA DE FIGUEROA 795, BUENOS AIRES.

Instagram: [INSTAGRAM.COM/LACASADETERESA](https://www.instagram.com/lacasadeteresa)

Facebook: [FACEBOOK.COM/LACASADETERE/](https://www.facebook.com/lacasadetera/)

Instagram: [INSTAGRAM.COM/CASACULTURALGRANSUR/](https://www.instagram.com/casaculturalgransur/)

Facebook: [FACEBOOK.COM/CASACULTURALGRANSUR](https://www.facebook.com/casaculturalgransur)



CASA CULTURAL GRAN SUR

A CASA CULTURAL GRAN SUR FOI FUNDADA EM 2017 COMO PROPOSTA PARA REUNIR PESSOAS E POTENCIALIZAR A CULTURA POPULAR TRANSFEMINISTA. REALIZA RODAS DE CONVERSA, CICLOS, OFICINAS, ENCONTROS E OUTROS EVENTOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS.

ENDEREÇO: BOEDO 1993, BUENOS AIRES



WhatsApp: +249 15 428 6797

Instagram: [INSTAGRAM.COM/MALAJUNTATANDIL/](https://www.instagram.com/malajuntatandil/)

Facebook: [FACEBOOK.COM/CASAVIOLETATANDIL/](https://www.facebook.com/casavioletatandil/)



CASA VIOLETA TANDIL

A CASA VIOLETA TANDIL FOI INAUGURADA EM 2017 PELA COLETIVA MALA JUNTA-PATRIA GRANDE. TEM EM SUA AGENDA: JORNADA DE INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS, MÚSICA, EXPOSIÇÕES DE FOTOS E EXIBIÇÕES AUDIOVISUAL. REALIZA ENCONTROS, FEIRAS E EVENTOS EM GERAL.

ENDEREÇO: RUA 14 DE JULIO 968, TANDIL



CASA LOS DESEOS DE LA VIRGEN



BOLIVIA



A CASA LOS DESEOS DE LA VIRGEN FOI FUNDADA EM 2012 PELO GRUPO MUJERES CREATIVO. O ESPAÇO CONTA COM UM RESTAURANTE E CAFÉ POPULAR, LIVRARIA E UMA LOJA DE ARTESANATOS. PROMOVEM CINE DEBATES, RODAS DE CONVERSA, OFICINAS, AULAS DE DEFESA PESSOAL PARA MULHERES, APRESENTAÇÕES MUSICAIS E OUTRAS ATIVIDADES.

ENDEREÇO: RUA ARENALES 284,
SANTA CRUZ DE LA SIERRA

📷 [INSTAGRAM.COM/MUJERESCREANDO](https://www.instagram.com/mujerescreando)
📘 [FACEBOOK.COM/LOSDESEOSDELAVIRGEN/](https://www.facebook.com/losdeseosdelavirgen/)

☎ +591 697 36666

📷 [INSTAGRAM.COM/LACASADELACHOLA](https://www.instagram.com/lacasadelachola)

📘 [FACEBOOK.COM/CHOLAFEMINISTA](https://www.facebook.com/cholafeminista)



LA CASA DE LA CHOLA

LA CASA DE LA CHOLA FOI FUNDADA EM 2018 POR JOVENS MULHERES ATIVISTAS E EMPREENDEDORAS. É UM ESPAÇO, ECOFEMINISTA, DE LIBERDADES DE EXPRESSÃO E DE ALIMENTAÇÃO CONSCIENTE. PROMOVEM DEBATES, OFICINAS, RODAS DE CONVERSA E ENCONTROS.

ENDEREÇO: ALBERTO MONTANO #341, 16 DE JULIO, EL ALTO



BOLIVIA

CASA VIRGEN DE LOS DESEOS



BOLIVIA



A CASA VIRGEN DE LOS DESEOS FOI FUNDADA EM 2006 PELO GRUPO MUJERES CREATIVO. O ESPAÇO CONTA COM UM RESTAURANTE POPULAR, SERVIÇO DE HOSPEDAGEM, LOJA DE ARTESANATOS E UMA RÁDIO FEMINISTA. PROMOVEM DEBATES, RODAS DE CONVERSA, OFICINAS, AULAS DE DEFESA PESSOAL PARA MULHERES, APRESENTAÇÕES MUSICAIS, FEIRAS, ENTRE OUTRAS ATIVIDADES.

ENDEREÇO: AV. 20 DE OCTUBRE, 2060, ZONA SOPOGACHI, LA PAZ.



📷 [INSTAGRAM.COM/MUJERESCREANDO](https://www.instagram.com/mujerescreando)

📘 [FACEBOOK.COM/VIRGENDELOSDESEOSLACASADEMUJERESCREANDO/](https://www.facebook.com/virgenelosdeseoslacasademujerescreando/)



CASA CHAMA



A CASA CHAMA FOI FUNDADA EM 2018 E FUNCIONA COMO ESPAÇO DE ACOLHIDA PARA TRANSGESTIGENES. REALIZA OFICINAS, ENCONTROS, RODAS DE CONVERSA, ASSISTÊNCIA MÉDICA, LEGAL E CULTURAL PARA A POPULAÇÃO TRANSGESTIGENERE.

ENDEREÇO: RUA DO CARMO 56,
SAO PAULO — SP

+55 11 99448-2641
INSTAGRAM.COM/CASCHAMA_ORG
FACEBOOK.COM/CASACHAMA440

CASA MUNDANAS



A CASA MUNDANAS FOI FUNDADA EM 2012 E É UM ESPAÇO DE ENCONTRO FEMINISTA QUE PROMOVE ATIVIDADES VOLTADAS A CULTURA, BEM ESTAR E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ENTRE MULHERES E LÉSBICAS. REALIZA OFICINAS TERAPÊUTICAS, CURSOS, SEMINÁRIOS E OUTROS EVENTOS.

ENDEREÇO: VIRGINIA OPAZO 63, SANTIAGO

+56 41 324 7087
INSTAGRAM.COM/CASAMUNDANAS
FACEBOOK.COM/CASAMUNDANAS/

+55 71 99103-3714
INSTAGRAM.COM/CASAROSADABARRIS
FACEBOOK.COM/CASA-ROSADA-BARRIS-357609641455345



CASA ROSADA BARRIS

A CASA ROSADA BARRIS FOI FUNDADA EM 2018 PELO GRUPO DESLIMITES MEDIAÇÕES ARTÍSTICAS. PROMOVE PROJETOS COM O EMPREENDEDORISMO CRIATIVO E FEMININO E ENCONTROS AFETIVOS E ARTÍSTICOS. REALIZA ATIVIDADES ESPORTIVAS, APRESENTAÇÕES DE DANÇAS REGIONAIS, VIVÊNCIAS CORPORAIS E DIVERSOS ESPETÁCULOS.

ENDEREÇO: RUA TRAVESSA DOS BARRIS, 30, SALVADOR — BA



+56 9 3484 4383
INSTAGRAM.COM/CASAREVUELTAS
FACEBOOK.COM/JUNTASREVUELTASACUERPADAS/



CASA REVUELTAS

CASA REVUELTAS FOI FUNDADA EM 2018 E PROMOVE DIVERSAS ATIVIDADES VOLTADAS AS ÁREAS TERAPÊUTICAS, ESPORTIVAS, POLÍTICAS E ARTÍSTICAS. REALIZA RODAS DE CONVERSA, OFICINAS, ENCONTROS E DIVERSOS EVENTOS CULTURAIS.

ENDEREÇO: SANTA VICTORIA 193, SANTIAGO



LA REDADA MISCELÁNEA CULTURAL



COLOMBIA

A CASA LA REDADA FOI FUNDADA EM 2010 E É UM ESPAÇO TRANSFEMINISTA QUE ACOLHE DIFERENTES COLETIVIDADES, PROCESSOS E PROJETOS INDEPENDENTES DESENVOLVIDOS DENTRO E FORA DE CASA. REALIZA TODO O TIPO DE EVENTOS E ENCONTROS, COMO WORKSHOPS, PALESTRAS, CONCERTOS, PROJEÇÕES AUDIOVISUAIS E FEIRAS.

ENDEREÇO: RUA 17 #2-51, LA CANDELARIA, BOGOTÁ

+57 1 3422107
INSTAGRAM.COM/LAREDADA
FACEBOOK.COM/LAREDADA.MISCELANEACULTURAL



LA MORADA



COLOMBIA



A CASA LA MORADA FOI FUNDADA EM 2018 E É UM ESPAÇO QUE CONSTRÓI PRÁTICAS CONTRA O MACHISMO, O RACISMO, O CLASSISMO E O ESPECISMO. É UMA CASA CULTURAL COM UMA PERSPECTIVA FEMINISTA ABERTA A OUTROS MOVIMENTOS ALTERNATIVOS E SOCIAIS. REALIZA OFICINAS, PALESTRAS, APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E EVENTOS EM GERAL.

+57 314 2063745
INSTAGRAM.COM/LAMORADACOLOMBIA
FACEBOOK.COM/LAMORADACC

ENDEREÇO: CRA. 19 #36-34, BOGOTÁ

+57 317 4412558
INSTAGRAM.COM/YUKASAFEMINISTA
FACEBOOK.COM/YUKASAFEMINISTA/



YUKASA

YUKASA

A YUKASA FOI FUNDADA EM 2019 E É A PRIMEIRA CASA CULTURAL FEMINISTA DE QUINDIO. PROMOVE DEBATES SOBRE O RECONHECIMENTO DE IDENTIDADES DISSIDENTES E REALIZA ENCONTROS, FESTIVAIS RODAS DE CONVERSA, OFICINAS E OUTROS EVENTOS.

ENDEREÇO: KRA. 23C #10-70, ARMENIA, QUINDIO



COLOMBIA

CUERPOS PARLANTES



A CASA CUERPOS PARLANTES FOI FUNDADA EM 2013 E É UM ESPAÇO FEMINISTA DE ENCONTRO E INVESTIGAÇÃO PARA A REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE CIDADE E OS CORPOS QUE A TRANSITAM. REALIZA EVENTOS VOLTADOS A FORMAÇÃO E AÇÃO COLETIVA, COMO OFICINAS, CICLOS DE CINEMA, SEMINÁRIOS, REUNIÕES DE TRABALHO, PERFORMANCES E OUTROS EVENTOS.

ENDEREÇO: RUA JESUS GONZALEZ ORTEGA 531, GUADALAJARA.

 [INSTAGRAM.COM/CUERPOS_PARLANTES](https://www.instagram.com/cuerpos_parlantes)

 [FACEBOOK.COM/ESPACIO.CUERPOS.PARLANTES](https://www.facebook.com/espacio.cuerpos.parlantes)

 +57 314 2063745

 [INSTAGRAM.COM/PUNTOGOZADERA](https://www.instagram.com/puntogozadera)

 [FACEBOOK.COM/PUNTOGOZADERA/](https://www.facebook.com/puntogozadera/)



PUNTO GOZADERA

A PUNTO GOZADERA FOI FUNDADA EM 2016 E É UM ESPAÇO E RESTAURANTE CULTURAL FEMINISTA GERIDO POR MULHERES E LÉSBICAS. REALIZA ATIVIDADES COMO OFICINAS, RODAS DE CONVERSA, APRESENTAÇÕES MUSICAIS E TEATRAIS, EXPOSIÇÕES DE ARTE, PERFORMANCE E MOSTRAS.

ENDEREÇO: RUA PLAZA SAN JUAN 15, CIDADE DO MÉXICO



LA SERAFINA

La Serafina



A CASA LA SERAFINA FOI FUNDADA EM 2003 PELO AIREANA, GRUPO ATIVISTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES LÉSBICAS. PROMOVE DIVERSAS ATIVIDADES CULTURAIS COMO TEATRO, MÚSICA, DANÇA, PERFORMANCES E OFICINAS. POSSUI SERVIÇO DE ATENDIMENTO TELEFÔNICO PARA CASOS DE DISCRIMINAÇÃO LGBTI+.

ENDEREÇO: RUA ELIGIO AYALA 907, ASSUNÇÃO.

 +595 21 492 835

 [INSTAGRAM.COM/AIREANALASERAFINA](https://www.instagram.com/aireanalaserafina)

 [FACEBOOK.COM/AIREANA.LASERAFINA/](https://www.facebook.com/aireana.laserafina/)



EL NIDX

EL NIDX



PERU



A CASA EL NIDX FOI FUNDADA EM 2018 E É UM ESPAÇO CULTURAL LIBERTÁRIO E FEMINISTA ANTIESPECISTA. ABERTO À AÇÕES COLETIVAS COM O OBJETIVO DE COMPARTILHAR JORNADAS CULTURAIS, OFICINAS, RODAS DE CONVERSA, DEBATES, POESIA E OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS.

- +51 99 4711 968
- INSTAGRAM.COM/ELNIDX
- FACEBOOK.COM/ELNIDXFEMINISTA/

ENDEREÇO- RUA JR. CLORINDA MATTO 342, CORIPATA, SANTIAGO DISTRITO DE CUSCO

- +51 949 059 336
- INSTAGRAM.COM/LAMUNAY
- FACEBOOK.COM/LAMUNAYFEMINISTA/

LA MUNAY



A CASA LA MUNAY FOI FUNDADA EM 2017 PELO COLETIVO CHOLA CONTRAVISUAL, QUE PROMOVE A LUTA CONTRA O MACHISMO, RACISMO E HOMOFOBIA. REALIZA EVENTOS DIVERSOS COMO CONCERTOS DE POESIA, APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS EM GERAL, OFICINAS E DEBATES.

ENDEREÇO- RUA JR. CARRION, 823, NA CIDADE DE HUANCAYO



CASAS COLABORADORAS:

